

Desgoverno na Comunicação Social

Fecham em Lisboa abrir no Porto

Não contestamos o direito da cidade do Porto criar e publicar um jornal da tarde. Não nos colocamos numa competição regional ou no plano da concorrência empresarial. Levantamos um problema político, um problema de orientação governativa e de critérios de gestão dos dinheiros públicos.

Esclareça-se, também, que a nossa posição nada tem a ver com uma radical hostilidade ao facto de, por um circunstancialismo conhecido, o Estado possuir jornais. Consideramos que está, praticamente, estabelecido um consenso que se concretiza nos seguintes pontos:

1. Os jornais de capital total ou maioritariamente público devem ser rentabilizados e as suas contas tornadas públicas;

2. O tratamento dado pelo Estado aos seus jornais deve ser rigorosamente igual ao dado aos jornais privados, quer no que respeita a financiamentos e subsídios, quer na consolidação dos passivos existentes, prazos, juros, etc.

3. Devem ser, a longo prazo, procuradas soluções de desafectação destes jornais do Estado e, entretanto, o Estado não deverá aumentar a sua presença no sector da imprensa escrita.

Consta com insistência e até se indica a data de saída de um vespertino que será

editado, no Porto, pela empresa do «Jornal de Notícias». Duvida-se, por enquanto, que tal decisão tenha o consentimento do Governo e o acordo do Conselho de Informação para a Imprensa Estatizada.

Recorda-se que o capital daquela empresa é, na sua esmagadora maioria, público, e que o Estado, através das empresas onde detém, directa ou indirectamente, a maioria, controla já mais de 60% das vendas de jornais diários portugueses.

Terá o Estado, uma política de Comunicação Social para Lisboa, que conduziu às soluções drásticas dos casos «Século» e «Jornal do Comércio», e outra política, outro critério administrativo para o Porto?

Em que ficamos? Fecham-se os jornais em Lisboa (com todo o cortejo de traumas, misérias e suicídios) para os reabrir no Porto?

Nada nos move contra a empresa do «Jornal de Notícias» mas há linhas de orientação estabelecidas e a defender. Vai o Estado ampliar a sua já maioritária área de influência na imprensa diária?

Vai este Governo, que reduziu o auxílio a um desactualizado subsídio ao papel, desenvolver a competição com a imprensa privada?

Haverá quem acredite?



Foi só uma graça?

“Não sou um homem de direita” — afirmou Freitas do Amaral ao “DN”

Ao jornalista Simões Ilharco, do «Diário de Notícias», Diogo Freitas do Amaral declarou: «Eu nunca fui um homem de Direita». O partido a que preside é «genuinamente centrista», para o afirmar abona-se Freitas do Amaral com a opinião dos socialistas «aquando do Governo PS/CDS». Aliado a sociais-democratas e a monárquicos-populares o CDS não passou a ser de direita, nem Diogo Freitas do Amaral, seu presidente, deixou de ser o homem que, agora se confessa, como sempre distanciado da Direita.

A declaração vale o que valem as palavras. O discurso político de Diogo Freitas do Amaral tem outra leitura. Mas sublinhe-se que, em Portugal, depois de Abril, não é prestigioso ser «de Direita». A única Direita que não quis ser Centro, a de «A Rua», foi reduzida ao silêncio. Com algumas excepções raras, a Direita não existe. Usa máscara. O Carnaval vem longe, mas avançamos, velozmente, cegamente, para um baile de máscaras políticas. Os salazaristas de ontem, mascararam-se de democratas e circulam.

A discussão da revisão constitucional introduzirá um elemento de clarificação política. Então se verá quem é por Abril e quem contra, quem é pela Constituição de Abril e quem deseja restaurar a Constituição de 1933. Então se verá quem foi e quem é de Direita.

Ver noticiário na Pág. 5

A poucas horas da reunião do Conselho de Segurança

Africa do Sul começou a retirar de Angola

As forças sul-africanas começaram hoje a retirar do território angolano, pondo fim à sua incursão de cinco dias — informou o chefe da Força de Defesa, general Constand Viljoen.

«Desde que não sejam lançados mais ataques sobre elas que justifiquem acções de defesa própria, o processo estará completado em breve» — acrescentou a mesma fonte.

Não diz o general que a pressão internacional foi clara e aberta contra a agressão racista. Hoje, às 20.30 horas de Lisboa, o Conselho de Segurança da ONU examinará a queixa formalizada pela RPA. O presidente do Conselho, Jorge Illueca, fará uma declaração deplorando o intempestivo ataque racista.

Págs. 5 e 15

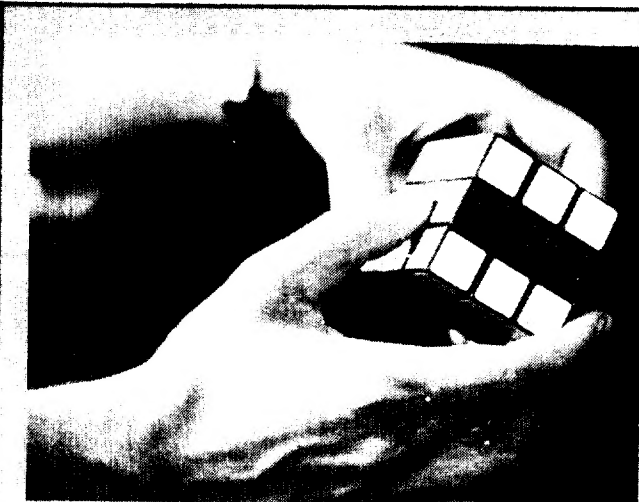
Alerta vem da Federação dos Sindicatos

Greve nas estações meteorológicas pode ameaçar tráfego aéreo

A segurança do tráfego aéreo em Portugal poderá ser afectada com a entrada em greve dos trabalhadores das estações e centros meteorológicos, prevista para segunda-feira — informou hoje a federação dos sindicatos. Em conferência de imprensa, representantes da Federação

dos Sindicatos da Função Pública, que abrange cerca de 200 técnicos do Norte, Centro e Sul e das Regiões Autónomas dos Açores e Madeira, afirmaram que a greve se prolongará até dia 5 de Setembro caso o Governo não anule a aplicação do Decreto 110-A/81, referente a tabe-

las salariais e prestação de trabalho nocturno. Os trabalhadores do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica de Lisboa, que trabalham nas estações meteorológicas, centros de observação e torres de controlo, pretendem uma regulamentação de trabalho por turnos.



Amanhã no “DL”

Um cubo chamado paradoxo

“Cada um deve encontrar
a sua própria solução”

— diz Erno Kubik o inventor
do “cubo mágico” que põe à prova
os nervos de milhões de pessoas
um pouco por todo o Mundo



Reportagem
**Lisboa,
doce
Lisboa
Tão
linda
que já
foste**

Serviço Exclusivo

Le Monde

Diário de Lisboa

Os mulçulmanos da segunda vaga

O Islão não é somente uma religião que conta, segundo as estimativas, entre os 750 e mais de 900 milhões de adeptos, mas também um fenómeno político e social que afecta o xadrez internacional e que não pode ser ignorado. Tradicionalmente em França o interesse concentra-se sobre o Islão mediterrânico: o mundo árabe, a Turquia e por vizinhança o Irão — à roda de 200 milhões de habitantes — a geografia e a história explicando esta posição.

A aceleração da história, o aparecimento do Terceiro Mundo, a interacção crescente dos acontecimentos, contribuíram para chamar a atenção para o que a Associação para o progresso dos estudos islâmicos (1) chamou «o Islão da segunda expansão». Por iniciativa de André Miquel, professor do Colégio de França, a associação saiu da islamologia clássica (2) para partir à descoberta deste islão de periferia.

Dos relatórios dos investigadores — jovens na sua grande maioria, o que é reconfortante — podem extrair-se algumas linhas de força. Enquanto que na zona mediterrânica e do próximo oriente a religião pregada por Maomé conseguiu uma penetração fulgurante nos séculos VII e VIII, na maior parte das outras regiões só entrou entre os séculos XIII e XVII mas não cessa desde então de se expandir.

As populações mulçulmanas são muito jovens e repugnantes a aplicação do controlo de nascimentos. Na China, revela a Sr.^a Aubin, os mulçulmanos acabam por conseguir escapar à regra comum e entre eles a idade para o casamento baixou de vinte e dois para vinte anos para os ra-

pazes e de vinte para dezoito para as raparigas. Na quase totalidade dos países islâmicos a percentagem dos menos de 15 anos oscila entre os 45 e os 49%, o que significa que a sua população duplicará dentro de 20/25 anos.

Esta dupla progressão demográfica e religiosa é particularmente nítida na África Negra, mas é também igualmente espectacular ou importante noutras regiões. Na URSS o grupo mulçulmano na população total passou de 10,3% em 1959 para 12,9% em 1970 e para 16,5% em 1979; deverá rondar os 30% cerca do ano 2000, mas não atingirá os 50% como certas extralações o querem fazer crer.

Esta situação já levou as autoridades a conceder uma certa autonomia às Repúblicas mulçulmanas e a utilizá-las como um traço de união com o resto do mundo mulçulmano no sentido de parar a «frente anti-soviética», em especial após a invasão do Afeganistão. No subcontinente indiano, o bloco hindu maioritário começa já a inquietar-se com o crescimento do bloco islâmico que, em alguns anos, passou de 22% para 26%.

Que a Indonésia, o Estado mulçulmano mais povoado — 130 milhões — seja tão mal conhecido pelos seus correligionários mediterrânicos e, «a fortiori» pelos franceses, é um facto que surpreende Denys Lombard. Fala-se, diz ele, de restauração do templo de Borobudur, magnífico vestígio do passado budista e do teatro de Bali espantoso meio de expressão de uma ilha, mas ignora-se a força do Corão. Os indonésios que nos inícios do século representavam 50% dos peregrinos a Meca, não se con-

sideram de modo algum «marginais», mas, como os restantes asiáticos sentem-se como árabes minoritários, «periféricos».

Estão convictos de que são a base de partida da «frente islâmica» face à península indochinesa, onde esta religião paradoxalmente logrou muito menos êxito do que nas ilhas, no Japão e no espaço comunista.

Como explicar esta segunda expansão? O Islão tem por vezes reforçado a coesão dando provas, consoante o local e as circunstâncias, da sua superioridade guerreira, comercial, cultural ou social. Aproveitou igualmente períodos de perturbações económicas e de «roturas sociais» que o fazem surgir como uma alternativa. Então substituiu por uma forma de vida comunitária, uma outra que estava em declínio e leva às sociedades que o adoptam uma racionalização.

A dádiva de uma racionalização

Pode notar-se, por exemplo, uma certa analogia entre o que se verificou na África Negra e no Sudoeste asiático, onde se passa de uma concepção cosmogónica como em Angkor e em Java — o palácio do rei é o centro de tudo — a uma concepção geográfica — na qual se olha para Meca e aí se vai em peregrinação, do tempo imóvel ao tempo cronológico introduzido pela noção do «fim do mundo» e das relações imutáveis impostas aos elementos pela hierarquia social à noção de indivíduo existente em si próprio — graças, entre outras, à reflexão sobre a morte.

A partir do século XIX o Islão, até então vivido como uma reli-

gião terrena — guarda dos valores ancestrais e garantia da autenticidade cultural — torna-se no bastião contra a penetração colonial. Hoje em dia ele revela a sua importância como uma religião do Terceiro Mundo que extrai a sua força da unidade espiritual da «unma» — comunidade dos crentes — mesmo que esteja politicamente dividida — conservadores e progressistas, pró e antiocidentais, etc. — e esferapada pelo debate sobre o acesso à modernidade.

É porque, no plano interno, eles constituem comunidades solidárias que não se deixam assimilar e porque representam uma força no plano internacional, que os mulçulmanos se impuseram na URSS, como se viu, e que na China alcançaram o estatuto de uma minoria étnica, enquanto que as outras religiões, consideradas como filosóficas, são localmente combatidas em nome do ateísmo. O Estado, diz a Sr.^a Aubin, criou recentemente para os 20 milhões de mulçulmanos, cantinas onde o porco é proibido e ela pensa que o facto de ter dado ordem para abrir fogo, durante a revolução cultural, sobre as aldeias mulçulmanas que se recusavam a criar e a comer os porcos, foi entre outras, uma das causas que contribuiu para a queda em desgraça de Hua Guofeng.

A riqueza das análises e a abundância das informações recolhidas levam a desejar que uma nova iniciativa permita, desta vez, partir à descoberta do Islão da «terceira vaga», a dos herdeiros do império otomano na Europa Central e dos imigrados na Europa Ocidental e nas Américas.

(1) Fundada em 1957 por RÉGIS BLANCHERE, foi sucessivamente animada por YVES CHATAIGNEAU e LUCIEN PAYE e é actualmente presidida por JEAN BASDEVANT.

(2) Até agora dedicou os seus colóquios a: «O Conhecimento do Mundo no Islão Clássico» — 1972 «O Insólito e o Maravilhoso no Islão Medieval» — 1974 «A Compreensão do seu passado pelos Muçulmanos de Hoje» — 1977 «Oratória, escrita e sociedade no Mundo Islâmico Contemporâneo» — 1979



Conferência da ONU sobre países avançados Terceiro Mundo leva posição dura para Paris

Posições politicamente moderadas, tentando congregar as perspectivas de dezenas de regimes de diferentes tendências, vão ser defendidas em Paris, de 1 a 14 de Setembro, pelos representantes dos 31 Estados mais desfavorecidos da África, Ásia e América, na Conferência da ONU sobre os Países Menos Avançados (PMA).

O encontro de Paris realiza-se por decisão da comunidade internacional, que acedeu à proposta de V Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (CNUCED), realizada em Manila, em 1979, no sentido de ser traçado e financiado um programa de apoio de emergência aos Países Menos Avançados.

Um programa de acção imediata (1979-81) representou um primeiro esforço para fazer face à situação crítica dos PMA, conferindo um impulso imediato às suas economias e uma ajuda de urgência aos projectos tendentes à satisfação das necessidades sociais mais prementes.

A segunda fase, que agora vai estar em debate em Paris, compreende um novo programa substancial de acção para os anos 80 em favor dos PMA para transformar a sua economia em ordem a um desenvolvimento minimamente autónomo.

Ao solicitarem aos países desenvolvidos 81 mil milhões de dólares de ajuda para a década de 80, os PMA pretendem assegurar pelo menos as normas mínimas reconhecidas internacionalmente em matéria de nutrição, saúde, transportes e comunicações, habitação e ensino e garantir possibilidades de emprego para todos os cidadãos, nomeadamente para a população pobre das cidades e dos campos.

Mais de 150 países membros e todos os organismos observadores e agências da ONU vão analisar durante 14 dias os pedidos dos 31 PMA e tentar encontrar as formas de subsidiar a diminuição do fosso que separa os habitantes dos países industrializados dos 250 milhões de herdeiros do mais pesado subdesenvolvimento, dentre os dois biliões de residentes no Terceiro Mundo, sem contar com a China.

Todos os países economicamente avançados vão ser chamados a contribuir para o desenvolvimento, ultrapassando o tradicional apelo às potências ocidentais e convidando a um maior comprometimento os países socialistas, sem passados coloniais, mas com iguais obrigações de uma solidariedade que possibilite uma nova ordem mundial.

O presidente em exercício da OUA, Arap Moi, do Quênia, o representante do grupo africano dos 21 PMA, Aristides Pereira, de Cabo Verde e o delegado dos nove países mais pobres da Ásia vão realçar, em Paris, a importância dos observadores — que a responsabilidade de lutar efectivamente contra um tão grande desequilíbrio a nível mundial cabe a todos os países que para isso tenham possibilidades.

Embora os países socialistas não tenham efectivamente um passado de exploração colonial dos países mais pobres do Terceiro Mundo, nem «uma dívida a resgatar», também a eles vai ser pedido que contribuam financeiramente para o novo programa de ajuda global da comunidade internacional, em complemento da acção desenvolvida pelos seus peritos e técnicos, sobretudo, em África.

Mas os delegados dos PMA ao mais alto nível despertarão a comunidade internacional para a possibilidade de, eventualmente, virem a ser criadas fissuras entre o grande grupo originariamente conhecido como «os 77» (mas de facto, constituído por 112 países do Terceiro Mundo) e este grupo agora apelidado pela comunidade de «os países menos avançados».

Os dirigentes dos PMA são realistas e lutam pela transformação das condições do Terceiro Mundo globalmente, pelo que irão realçar à assembleia de Paris que as acções decididas face a este pedido de auxílio para a década de 80 deve constituir unicamente uma parte da acção global do Mundo mais avançado por todos os países em luta pelo desenvolvimento.

A paz e a concórdia entre as nações só poderão radicar-se a nível do Planeta se for combatido este abismo gritante que separa os povos dos PMA dos habitantes dos países industrializados.

Enquanto grassar a fome e tão grande número de carências, sobretudo, entre os 250 milhões de naturais dos PMA, será improvável o estabelecimento da harmonia e da estabilidade.

Mas conglomerando a posição dos tradicionalmente intitulados «extremistas» — os delegados dos PMA vão realçar também que sem a eliminação das relações de exploração que unem alguns países industrializados a tantos Estados de fraco desenvolvimento, não terá bom êxito a pretensão de se instituir uma nova ordem global nas relações entre as nações.

Concurso "DL"/81

DATA LIMITE:
17 DE SETEMBRO
...mas envie hoje mesmo
as suas colecções!

Em face do atraso da correspondência resultante da greve dos CTT, e para que nenhum dos nossos leitores fique prejudicado, foi decidido alterar a data limite de envio pelo correio (única forma de entrega das colecções) para 17 DE SETEMBRO, passando a data do sorteio para 13 de Outubro. Mas não espere pelo último dia: envie hoje mesmo as suas colecções!

Terminada a Repetição das duas Séries de Cupões e do Boletim de Identificação, o leitor só tem agora que enviar as suas Colecções (cupões n.ºs 1 a 30 de qualquer das séries).
Lembramos que:

● O leitor deve usar apenas um boletim por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope.

● O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal;

● O TALÃO RECIBO deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado, terá de juntar um selo de correio de 8\$50. Coloque o selo visivelmente, junto do Boletim, de forma a não o inutilizar — não use fita gomada, não agrafe e não cole (pode prender com um pequeno «clip»).

● O PRAZO DE ENVIO termina em 17 de Setembro de 1981 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviadas para

DIÁRIO DE LISBOA — CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA

● O ENVIO PELO CORREIO é obrigatório nos termos do regulamento.

Os números atrasados
poderão ser adquiridos na Rua Luz Soriano, 17

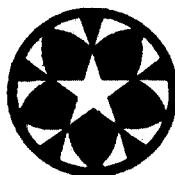
HORÁRIO: 09.00 ÀS 18.00
ABERTO À HORA DO ALMOÇO
ENCERRADO AOS SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS

CURSOS DE LÍNGUA RUSSA

- CURSO DE INICIAÇÃO de 1 a 30 de Setembro
- CURSO INTENSIVO (conversação) de 1 a 30 de Setembro
- CURSO GERAL de Outubro a Junho

As aulas são ministradas por professores soviéticos com a utilização de meios audiovisuais

INSCRIÇÕES — Todos os dias úteis
das 16.00 h. às 20.00 h.
na sede da



ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-URSS

RUA DE S. CAETANO, 30 — 1200 LISBOA
Telefones 60 11 99 / 60 10 99 / 60 11 24

política de A a Z

Um País cansado,
um povo exigente

NAS notas cursivas ontem publicadas, as grafias vieram, de A a Z, desfigurar palavras e frases. O próprio corpo sofreu alterações não previstas. Coisas que acontecem nos jornais e que, com as nossas desculpas, deixamos à compreensão dos leitores. Na benevolência dos leitores confiamos.

E, com a vossa licença, voltamos à conversa destes dias de expectativa.

Do «impasse» desta política e desinteresse dos cidadãos pelos trabalhos de reconstituição do Governo AD, atingimos a conclusão de que a crise para a qual se engendrou uma solução é apenas a manifestação superficial de uma crise mais profunda.

Não se negam os erros (e as fantasias) do período revolucionário, mas é a ocasião de reflectirmos no desencanto e na desmoralização do período de rectificação dos exageros revolucionários. O revolucionarismo exaltado foi contido, mas, em nome da moderação, ou na sua sequência, instalaram-se o negociarismo sem princípios, a azeite da ganhuça, a corrupção, e um determinado (e cínico) «restauracionismo». A indiferença dos cidadãos está aí. O respeito do livre jogo democrático, começa a degenerar em frustração cívica. O que está não é Abril. Não corresponde ao sonho da libertação. Mas, para além do que está, é a aventura — a aventura dita revolucionária, a aventura contra-revolucionária. A legalidade democrática tem as suas servidões. Somos servos. Nós e eles. Os democratas sinceros e os antidemocratas. Esta crise da AD confirma regras democráticas. Está contida nos limites da nossa Democracia.

Com efeito, a pressão conservadora, ou a intriga que a quis explorar, perdeu terreno quando agitou uma eventual complicidade militar. Sucederam-se pressurosos e claros os desmentidos. A chantagem da intromissão militar na crise não resultou, tal como não são impressionantes para a opinião pública as acusações delirantes ao Conselho da Revolução e as campanhas contra os militares de Abril.

Vivemos uma situação, com inevitáveis contradições, mas que se apresenta defendida por uma característica atitude de indiferença: os cidadãos não se interessam pelas manobras, intrigas e «daleis» (a expressão é de Alberto João Jardim) da «classe política», mas, também, permanecem friamente alheios à intriga reaccionária. Esta indiferença, este desencanto, tem aspectos negativos. Representa, indubitavelmente, um retrocesso relativamente à participação cívica que é a base e o fundamento teórico de uma prática política democrática.

Sem participação cívica, sem desconcentração e

sem descentralização do poder (e dos poderes), não há autêntica Democracia. Poderão existir formalmente (textualmente, na letra dos textos) regimes democráticos. E nestes regimes, por razões estruturais ou circunstâncias de conjuntura, a Direita pode ser parlamentarmente maioritária, ou mesmo eleitoralmente maioritária (o que dependerá do carácter e das disposições da Legislação eleitoral). Mas, a Direita será sempre socialmente minoritária. Representará sempre uma minoria social.

Os problemas nacionais exigem esforço colectivo, sacrifício colectivo, vontade colectiva. A Direita, porque não tem uma proposta que interesse ao colectivo, e que suscite a mobilização dos trabalhadores, dos técnicos, dos criadores intelectuais, não pode dar resolução aos problemas nacionais. Tem dificuldades — já aqui o dissemos — para governar em democracia. Não pode governar com os que têm capacidade para transformar, modernizar, inovar a sociedade portuguesa. A nossa Direita é antiga e tradicionalista, ou é mundana e desnacionalizada. Está politicamente esgotada, só pode repetir-se. Repetir Salazar, repetir Marcelo, repetir Saldanha. Repetir Gomes da Costa, não poderá. Um movimento militar de amplitude nacional não poderá contar com os «Capitães de Abril», não poderá pronunciar-se contra Abril. O próprio «25 de Novembro» só se realizou porque foi programado como uma rectificação no espírito de Abril.

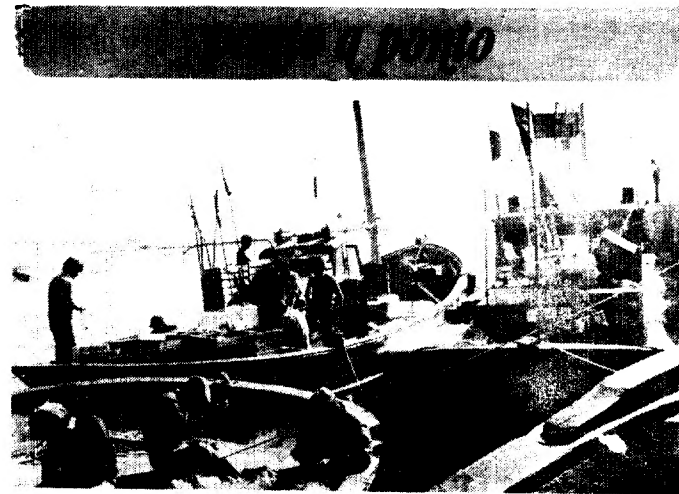
Em Julho de 1976, Sophia de Mello Breyner Andresen, num poema belo e justo, disse: «Nestes últimos tempos é certo a esquerda fez erros/Caiu em desmandos confusos praticou injustiças/Mas que diremos da longa tenebrosa e perita/Degradação das coisas que a direita pratica?»

Este era o ponto da situação há cinco anos. A Direita subiu ao poder por via eleitoral. A Direita governou. E a «degradação das coisas» (e dos homens) fala, melhor que o discurso crítico, de uma incapacidade natural, radical (de raiz), para governar em democracia.

Esta crise, nos seus aspectos imediatos e caricatos, deu-nos elementos para confirmar que, na conjuntura política nacional e internacional, a Direita tem limitações que dificilmente vencerá. E a primeira dessas limitações é a Constituição da República.

A simples perspectiva de «eleições antecipadas», condiciona a sua realização, quer no juízo de Ramalho Eanes, quer na vontade de Mário Soares, por uma prévia ruptura da «coligação AD», actuou como factor dissuasor. No PSD os «críticos» moderaram os seus ímpetos, os «duros» do CDS moderaram a sua pretensão de liderança global.

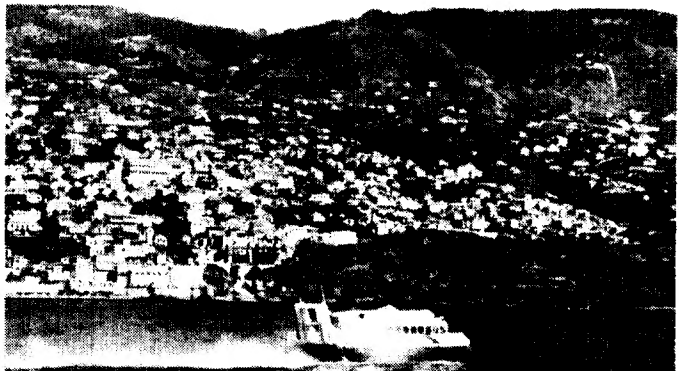
Dar a palavra ao povo — essa exigência democrática — atemorizou os que têm contas a prestar ou que ainda não prestaram contas. Os cidadãos querem saber o que é feito das promessas eleitorais. E quando lhes falam de alternativa, querem saber para quê, para onde, como, com quem.



● A proibição de pescar com redes de malha de dimensão inferior a determinado limite em certas zonas consideradas de reserva beneficia os pescadores: só assim se consegue a preservação e o desenvolvimento das espécies. Disse-o ontem o secretário de Estado das Pescas, Gonçalves Viana, a propósito dos recentes incidentes em Portimão. Aquele membro do Governo verberou o recurso à violência que no caso se registou, e garantiu que os representantes sindicais dos pescadores têm acesso à sua secretaria de Estado através duma comissão onde estão representadas todas as forças sociais da actividade piscatória. Os incidentes de Portimão, segundo Gonçalves Viana, terão sido provocados por intenções de «agitação política».

● A Comissão de Luta Contra a Repressão, CLCR, divulgou uma tomada de posição de quatro detidos da cadeia de Monsanto criticando severamente a «injustiça» que foi, em seu entender, a última sentença sobre a rede bombista. Os signatários contrastam a decisão dos tribunais com a que se aplicou a outros casos, nomeadamente, de Alcoutim-Martinho, no Tribunal de Vila Real de Santo António, e comentam: «Como habitualmente, os tribunais, quando se trata de julgar indivíduos conotados ideologicamente, e não só, com o poder, preferem absolvê-los, condenando apenas um ou dois à revelia, como forma de calar a opinião pública». O comunicado lembra ainda o desfecho do caso Humberto Delgado, classificando a decisão dos tribunais como «escandalosa».

● Abre dia 1 de Setembro e estará patente ao público até 7 daquele mês no Porto a Portex 81, exposição-feira de têxteis. O certame foi ontem apresentado em conferência de imprensa pelo director e outros responsáveis do Instituto dos Têxteis. Pinto Monteiro diria, a dada altura, que as exportações portuguesas em têxteis representaram, no ano passado, um terço do total das nossas exportações. A importância dos têxteis na economia portuguesa é conhecida, mas pode tornar-se ainda mais significativa. Pinto Monteiro falou da necessidade de «um esforço conjunto dos vários agentes socio-económicos». Portugal pode tornar-se uma espécie de «reserva têxtil da Europa».



● A Região Autónoma da Madeira poderá ter, no ano 2000, 30 mil camas para alojamentos turísticos — afirmava Alberto João Jardim em entrevista num semanário de Lisboa, na sua edição de ontem. O presidente do GR da Madeira falava ainda de Porto Santo em termos de «galinha dos ovos de ouro do arquipélago», e referia-se abertamente à criação duma zona franca na região: vai ser no Caniçal, na ponta Leste da ilha, e a concessão será entregue por dezenas de anos em troca de diversos encargos.

● Conselho da Revolução promoveu a brigadesiros os coronéis tirocinados da Força Aérea João Marçal Teixeira Jesus e Miguel Camisão Afonso Soares.



● A população dos Açores continua a baixar. A Secretaria Regional dos Assuntos Sociais divulgou ontem que, no primeiro trimestre deste ano, 1470 açorianos deixaram a região e emigraram para o estrangeiro: 842 para os Estados Unidos, 542 para o Canadá, e os restantes para diversos países.

● Os embaixadores de Cabo Verde e Guiné-Bissau em Lisboa encontraram-se aontem e ontem em Lisboa. Anteontem foi lá, a uma recepção, o embaixador Corsino Tolentino foi lá, a uma recepção. Ontem, foi na Embaixada de Cabo Verde, outra recepção, e esteve lá o embaixador Leonel Vieira. Num caso e noutro, tratou-se de corresponder a convites. O processo foi encetado pelo diplomata de Bissau.

O esquadrão dos «falcões»
ao ataque«1. Amarrar a barca de
Pedro à de Nero

Balsemão ao consentir, de novo, amarrar a barca do P.S.D. à do C.D.S. cometeu um erro histórico grave.

Foi, duplamente, atraído pelos antidemocratas do seu partido — o bando dos 15 —, auto-denominados «falcões» e pelos antidemocratas dos três partidos da coligação. Por «imperativos nacionais» concederam votar a moção da sua recondução. Pasme-se perante tanta inconsciência e irresponsabilidade. Justamente «por imperativos nacionais» nunca deviam ter mergulhado o País neste triste espectáculo em que se encontra.

Aceitou V.ª Ex.ª trocar um mau governo, certamente, por um péssimo governo, continuando a ter dentro ou fora, tanto importa, o seu maior inimigo político. Inimigo, note-se bem, mais por V.ª Ex.ª ser o número 1 da A.D. do que um democrata transigente. (Que grande vazio político e moral deixou no C.D.S. o desaparecimento do democata A. Amaro da Costa!)

Um Governo «centro-esquerda», «com uma acção de direita» é uma aberração que só por ingenuidade se poderá admitir. Como é possível conciliar democracia-oligarquia e liberalismo-reaccionarismo? Ingenuidade política, brandura ou obsessão do poder?

Não ignora V.ª Ex.ª por certo, — O CONSENSO — a que chegaram liberais, moderados, e abso-

lutistas em 1826? O rei abdicaria na filha, D. Miguel casaria com a jovem rainha (7 anos) e juraria — A Carta Constitucional — de 1826. (UMA CONSTITUIÇÃO FEITA PELO REI PARA A NAÇÃO!) O rei atraía a palavra dada abolindo a Constituição e proclamando o absolutismo (D. Carlos I. Joaquim, absolutista radical, era amigo e conselheiro do rei).

Ingenuo consenso que arrastou o F.ª is para a mais longa e sangrenta guerra civil que jamais conheceu (1828 a 1834). Não ignora V.ª Ex.ª o estilo e o perfil de alguns dos comandos da barca de Nero que tem de enfrentar.

Lembra-se, por certo, do infeliz episódio Frente Polisário-Balsemão-Freitas do Amaral com a colaboração do integro democrata que é Luís Fontoura? O conflito nasce quando o M.N.E. pretende enganar a Polisário com quem Fontoura havia chegado já a acordo para a libertação dos pescadores portugueses presos. Freitas do Amaral telefona para Argel desautorizando Fontoura e vem à sua R.T.P. denunciando poderes paralelos e censurando os compromissos e a política assumida por aquele emissário! Uma verdadeira vergonha! A libertação dos pobres pescadores presos não constituía a suprema aspiração do M.N.E. O que estava em jogo era a vaidade de ser o número 1 da política externa portuguesa. Pouco depois, o Primeiro-Ministro Sá Carneiro desautorizava, publicamente, o

Sr. Freitas do Amaral afirmando que Fontoura não havia ultrapassado a competência que lhe fora concedida. Mais um pequeníssimo pormenor que, simultaneamente, ajuda a caracterizar dois perfis: o da fraqueza e o da vingança. Quando a propósito de uma célebre R.T.P. um ministro democrata dizia ter de «engolir elefantes vivos» e posteriormente, o Secretário de Estado L. Fontoura pretendia demitir o escriptor da R.T.P., o Sr. F. Amaral veio em defesa do seu lacaio ameaçando com a não colaboração (?) no Governo.

Se V.ª Ex.ª tivesse tido a firmeza de Sá Carneiro, não aceitando a injustiça da pérfida vingança não assitiríamos hoje ao triste espectáculo do desmoronar duma coligação, duma política e de um Primeiro-Ministro fracassados. Haveria mais ainda para dizer, mas aguardemos melhor oportunidade. O mais estranho de tudo isto é que seja V.ª Ex.ª a empurrar o «Cavalo de Tróia» para dentro do seu Governo. Não esqueça que no ano 46, o cruel Nero, depois de ter mandado matar a mãe e incendiar Roma martirizou e assassinou, nos jardins do seu palácio, o humilde pescador Simão que com, o nome de PEDRO foi o primeiro Chefe da Igreja.

Não se esqueça de que há muitos Neros, à sua volta, com

Por Abreu Faria

as vestes e falas de Pedro, mas com as chaves do inferno.

2. O projecto de uma coligação

O tempo tem-se encarregado de esclarecer muitos mitos à volta de um projecto político falhado nas suas linhas fundamentais e utópico na actualidade. Numa fase inicial tomou como base o seguinte lema: — «Uma maioria parlamentar, um governo e um Presidente da República» que deviam coincidir nas suas opções ideológicas e políticas fundamentais. Estranha exigência esta de um P.R. da coligação A.D. e não de um Presidente da República de todos os portugueses!

Desta, suspeita exigência e da escolha da pessoa para candidato a P.R. da A.D. resultou o erro histórico de Sá Carneiro que trouxe como consequência a rotunda derrota do seu projecto nesta fase inicial.

Da tal maioria parlamentar e do governo, já a Nação ajuizou pelas tristes provas dadas nos últimos tempos.

Ficou o projecto, um gigante com pés de barro e por sinal quebrados logo à partida. Finalmente e muito importante o projecto de uma Constituição elaborada por Sá Carneiro e que, ne-

Continua na pág. 4

tem a palavra o leitor

O 12.º ano de escolaridade: "Kafka" à solta nas escolas do País

(carta aberta ao senhor ministro de Educação e Ciência)

Irá desculpar-me, senhor ministro da Educação, a irreverência de, em substituição da ortodoxa exposiçãozinha em papel selado, por este meio me dirigir a V. Ex.ª, assim, publicamente.

Não gostará V. Ex.ª que o pai-deiro, o comerciante, o industrial, o operário, etc. conheçam, eles também, um pouco das atribuições de um estudante enredado nas malhas tecidas pelas entidades responsáveis pela instrução pública deste País (que afinal eles próprios pagam, e já não é pouco...)? Não gostará V. Ex.ª? Paciência! Serão... «coisas do 25 de Abril»!

Terminaram os exames do 12.º ano, senhor ministro. E agora, como vai ser?

Veja-se, por exemplo e apenas, o que aconteceu com a abertura das aulas! Em algumas escolas começaram estas, nas três disciplinas, a tempo e horas; noutras, tarde e a más horas; noutras ainda, em algumas disciplinas, nem mesmo começaram!...

Vai daí, que fez o nosso MEC (Ministério da Educação e Ciência)?

Optou, evidentemente, por soluções «à portuguesa» (a CEE ainda vem longe...), a saber:

a) Casos em que as aulas começaram a tempo e horas nas três disciplinas: exames finais sobre todas elas, com programas completos; exigida a aprovação nas três disciplinas.

b) Casos em que as aulas começaram tarde e a más horas: aplicação, no exame final, de uma fórmula correctiva, compensando o estudante da cotação das questões sobre a matéria que lhe não fora leccionada e a que não era, por isso, obrigado a responder.

c) Casos em que as aulas nem sequer começaram: passagem administrativa com apenas 10 (dez) valores.

Eis pois, como, com tais medidas, o nosso MEC, estabeleceu todas as gradações possíveis entre as seguintes categorias de candidatos:

1. Candidatos de três disci-

plinas com programa completo de aprovação obrigatória em todas elas.

2. Candidatos de duas disciplinas de programa completo de aprovação obrigatória nas duas (a outra «está no papo» com 10 valores...).

Perfeitamente plausível, de entre mais de 40 000 estudantes, é a existência de casos extremos em que uma disciplina não funcionou e as outras começaram tarde e a más horas, com tempo apenas para ministrar, digamos (para não se exagerar...), metade do programa; neste caso, teremos:

3. Candidatos de duas disciplinas de meio programa!

Admita-se que, pela aplicação da fórmula correctiva nos exames finais referente à matéria não leccionada, se atribui a um aluno na situação 3 uma compensação só de 2,5 valores (para continuarmos a não exagerar...). Torna-se então perfeitamente possível:

1. Que um aluno da categoria 1., respondendo obrigatoriamente a todo o programa e que consiga efectivamente nos exames finais as classificações de (continuando a não exagerar...) 13-13-6 valores, arrancadas décima a décima, **reprova**.

2. Um aluno da categoria 2., com 13-13-0 (zero=10, por passagem administrativa), é **aprovado**.

3. Um aluno na situação 3., com 6-6-0 (6+2,5 val., por aplicação da fórmula correctiva) é, também, **aprovado**!!

Valham-nos todos os santinhos, senhor ministro!! Que todos juntos, poucos serão para acudir a este nosso País!...

Instaurou o MEC um processo inquirido a um professor de uma escola que, durante o ano, deu alguns «vintes» e «dezanoves». Quem instaura um processo ao MEC?!

Mas vejamos mais ainda.

Consideremos uma qualquer disciplina. É fora de dúvida que, estatisticamente, um «nabo» de zero valores é sempre compen-

sado por um «barra» de vinte ou, se se preferir, um «bom» de 15, contrabalança dois «fraquinhos» de 7. Quero eu dizer na minha, senhor ministro, que, se a média geral de uma disciplina se afastar do 10 (nota da passagem administrativa) para valores inferiores, que vai fazer o MEC, até aqui sempre tão solícito a acorrer com bónus, para «salvar a face» logo que, por impossibilidade, incuria ou incompetência (cada um que escolha), o ano lectivo funcionava mal ou não funcionava?

Irá, desta feita, admitir que as coisas não correram bem, que a nível geral os professores não tinham a melhor preparação científica e pedagógica, que não existiam instalações e material didáctico adequados, que os programas e os pontos de exame foram mal elaborados? Ou, pelo contrário, virá agora o MEC responsabilizar os alunos, «cambada de burros» que comprometerão, a curto e médio prazos, o futuro deste País?

Aguardamos calmamente as médias das classificações por disciplina, mesmo considerando que virão afectadas de um erro por excesso (correspondente aos «bónus» concedidos aos candidatos de meio programa).

Sou, senhor ministro, um candidato de três disciplinas de programa completo, «beneficiado» com aulas desde Outubro de 1979. Na minha turma começámos mais de 40; ao fim, sem anular a matrícula a qualquer disciplina, chegámos cinco; sem dezasseis, dezoito, dezanove ou vinte. Quer dizer: não houve «bónus». «Gramámos», nas três disciplinas, a «dose» completa dos programas que, como V. Ex.ª muito bem sabe, não são propriamente «peras doces», quer em extensão quer em grau de dificuldade, sobretudo quando se considera a deficiente preparação de anos anteriores (culpa dos alunos, senhor ministro?).

Sou, pois, juntamente com muitos milhares de colegas, dos que, nos exames, tiveram que

arrancar «a pulso» cada décima da sua classificação.

Ora... exames são exames, senhor ministro; um deles pode correr mal!...

Tudo bem, não há crise, como agora se diz. Ninguém morrerá por isso, em Outubro... há mais! O que pretendo deixar, aqui, a V. Ex.ª, senhor ministro, bem vincado é o entendimento que faço desta ordenação mais que «suígeneris» que para já, o MEC irá adoptar! E comigo estarão, certamente, alguns milhares de outros «candidatos de três disciplinas de programa completo chumbados a uma» irremediavelmente preteridos por «candidatos de duas disciplinas de meio programa e de zero na outra!!»...

Não é uma ordenação, é uma «bambochata»! É «Kafka» à solta pelas escolas do País!

A uns candidatos fornece o MEC um bôlide Fórmula 1 (com depósito cheio), uma auto-estrada e um túnel para atravessarem a montanha; a outros, uma pileca e um caminho de cabras sobre a mesma. Depois diz-lhes: vamos, isto é uma corrida, quem chegar primeiro ganha! E aqui, a fábula da tartaruga não pega; as lebres, hoje em dia, já não se põem a dormir!...

Mas se em Outubro eu fizer os meus exames e não conseguir o meu lugar ao sol na Universidade por os «números clausus» se encontrarem esgotados, tenho já «a minha» fígada, senhor ministro: candidato-me a deputado em posição de eleição certa e, ao abrigo do novo estatuto, efectuo a minha matrícula; em dois tempos, «passo a perna» aos meus colegas de duas disciplinas requerendo um exame por mês.

Para tanto, só preciso que a AR seja dissolvida!

Que algum «santinho» (urgentemente) me ouça! Amen!

De V. Ex.ª, senhor ministro, com indefectível admiração pela obra que vem sendo realizada.

RUI JORGE

Um aluno do 12.º ano do distrito de Aveiro

comunicação social

Em Outubro próximo Participação de Ramalho Eanes no Congresso da Associação dos Jornalistas Europeus

Ramalho Eanes presidirá e intervirá na abertura do Congresso da Associação dos Jornalistas Europeus (AJE), a realizar na Feira Internacional de Lisboa, de 22 a 25 de Outubro próximo.

O Presidente da República aceitou assim o convite apresentado por uma delegação da Secção Portuguesa da AJE, recebida no Palácio de Belém, constituída pelos jornalistas Diogo Pires Aurélio e Miguel Reis, respectivamente vice-presidente da Direcção e presidente do Conselho Fiscal daquela Secção.

Eanes exprimiu aos dois jornalistas o desejo de que o Congresso, com a participação internacional que se prevê, constitua uma oportunidade para lembrar à opinião pública portuguesa a problemática da integração de Portugal na Comunidade Económica Europeia.

ANOP em Madrid

A Agência Noticiosa Portuguesa (ANOP) conta já com uma delegação em Madrid, chefiada pelo jornalista Manuel Lopes, correspondente na capital espanhola desde 1974. O delegado, de 37 anos, depois de ter vivido muito tempo no Brasil, estudou Sociologia em Madrid.

A tomada de posse ocorreu na sede da ANOP, em Lisboa, tendo o presidente do Conselho de Gerência, Suleiman Vally Mamede, reafirmado as linhas gerais que vêm orientando a actividade da Agência no estrangeiro.

Recordaria Vally Mamede ainda que a ANOP não pode ser vista como um substituto ou concorrente dos jornais. E isso porque «a sua função é ser mais uma fonte de informação a partir da qual o noticiário dos diversos jornais é elaborado». Se a elaboração não se verificar, «os jor-

nais caem numa situação absurda de uniformidade de informação».

Sobre a abertura da delegação em Madrid, disse Suleiman Vally Mamede, que a ANOP tem acompanhado, na sua política de expansão, os vectores da política externa portuguesa: a Europa, os países africanos de língua portuguesa, o mundo árabe e os países com forte implantação de comunidades portuguesas.

Acrescentaria também o presidente do CG da ANOP que a Agência pratica os preços mais baratos do mundo, os quais devem ser entendidos «como subsídio indirecto que o Estado presta a todos os órgãos de Comunicação Social».

PPM ofendido com RTP

O Partido Popular Monárquico exigiu uma explicação da RTP por alegado «mau aproveitamento» de um comunicado emitido quarta-feira por este parceiro da AD.

Afirma o PPM que do comunicado em causa (450 palavras) somente foi extraída uma passagem em que o PPM solicitava a redução do número de feriados no próximo ano. Outros pontos teriam sido omitidos, como, por exemplo, a aplicação de um plano de austeridade articulado com a realização de justiça social, o combate ao absentismo, a liberdade de escolha de horários de trabalho e a liberalização da reforma voluntária.

Raul Durão, pronunciando-se sobre o assunto, afirmou «não ter havido má-fé». Presume-se que a abolição de feriados, que caiu muito mal na audição, seria atenuada por um ou outro dos pontos omitidos.

Ver mais noticiário na pág. 13

O esquadrão dos «falcões» ao ataque

Continuação da pág. 3

cessariamente, tinha de ser aprovado pela, prevista maioria parlamentar da coligação.

Antes, de prosseguir nesta análise umas ligeiras referências: por um lado às Constituições de 1822-1911-1976, e por outro às Cartas Constitucionais de 1836-1933.

As do primeiro grupo foram inspiradas no espírito liberal da grande Revolução de 1789, obedecendo ao lema: «Uma Constituição feita pela Nação para o rei ou para o Presidente da República» — e as do segundo grupo embuídas do tradicional espírito absolutista da Carta Constitucional: «Uma Constituição feita pelo rei ou pelo P.R. para a Nação» — e por mercê daquele.

A qual dos dois grupos pertencerá o projecto da Constituição da A.D.? Se tivermos em atenção a luta tríplice que os Adistas têm desenvolvido contra a Constituição de 1976 e os órgãos de soberania encarregados da sua defesa, P.R. e C.R. ficam a ideia que se trata do regresso ao espírito da Carta Constitucional, ainda que com perspectivas modernas. Leis que podem ser aprovadas por maioria absoluta e as poucas que exigem a maioria de 2/3, podem ser submetidas a referendo, quando o P.R. o entender etc. etc.

Evidentemente que tal projecto político com a originalis-

sima Constituição, de pinceladas Salazarentas, conseguiria instaurar, **democraticamente**, em Portugal, uma ditadura com um Presidente «pomba» e um Primeiro-Ministro «falcão», ao velho estilo da Carta de 1933.

3. O esquadrão dos falcões prepara-se para o ataque.

Os herdeiros absolutistas «do tudo ou nada», mais próximos do que nunca do zero absoluto andam de cabeça perdida, cheios de esperança numa «Vila Francada» ou «Abrilada» que lhes abra as comportas do absolutismo e que encubra a incapacidade governativa dos seus governos. A «Nova Direita» que agrupa o resto dos três partidos da A.D. que não respeita as regras da democracia entrou já no caminho do alijamento de elementos militares direitistas que vão engrossar as «Fileiras» do «Esquadrão dos Falcões», os novos salvadores da Pátria. (P.H. de 13/8\$). O povo não ignora as fissuras do espaço político aéreo e marítimo. (Miguéis e Carlota Joaquina não vão faltar).

Na óptica do esquadrão reacçãoário «salvar a Pátria» é o regresso ao 24 de Abril! Para melhor ajuizar das intenções dos duros analisemos algumas frases ditas, no espectáculo político em curso (E.P.C.): — «O governo é um cabide de Belém», «O Governo deve fazer a guerrilha ao

P.R.» (Carlota Joaquina). «O governo não tem preparado a revisão profunda da Constituição» — «O governo não tem exercido uma acção política global» — «Cavaco para Primeiro-Ministro porque é fiel à confrontação com o P.R. e não receia Eanes» e por fim a intimidação inqualificável de trazer para a guerrilha o nome do gen. Soares Carneiro! Valha-nos S. Nicolau, se ainda pode fazer esse milagre.

Parece poder concluir-se, sem sombra de dúvida, que o Esquadrão Reacçãoário se prepara para o ataque, para uma nova **Belenzada**.

Que respeito tem esta gente pela vontade do Povo, que o mesmo é dizer pela democracia?! Esquecem-se que Eanes foi eleito Presidente da República, à primeira volta e por uma avalanche de votos que lhe deu a maioria absoluta — uma maioria nacional — com cerca de meio milhão de votos arrancados nas fileiras da A.D.!

Num total de 84% de votantes que compareceram às urnas 55,65% votaram Eanes, isto mesmo depois de todas as manipulações levadas a efeito pelos caciques da comunicação social. Ao anunciar a sua reeleição, Eanes, teve o mérito de afirmar que a sua vitória era a vitória da democracia. Tal «balsfémia» é, hoje, o fulcro da guerrilha ao Presidente da República de todos os portugueses, por ele se

recusar a ser P.R. de um partido único. É preciso destruir Eanes, a bem se for possível, a mal se for necessário.

4. belenzada

Recordam-se, por certo, os leitores do episódio histórico da marcha do Povo de Lisboa, em armas, em 1836, sobre Belém aonde D. Maria I anunciava a sua intenção de restaurar a Carta Constitucional, sob a protecção de forças inglesas, oferecendo à Inglaterra, como recompensa, uma das nossas colónias? A este gesto antidemocrático e antipatriótico respondeu o Povo de Lisboa, com armas na mão, conseguindo frustrar os intentos da rainha.

Senhor Presidente da República:

O Povo de Lisboa, fiel à tradição do amor à liberdade e à democracia saberá mais uma vez marchar sobre Belém, mas desta vez para o ajuste de contas com o esquadrão reacçãoário, se tentar a loucura de ir contra a vontade do Povo.

5. A reflexão final

O Povo está suspenso da última palavra do Sr. Presidente da República da avaliação, ou não, do governo que a A.D. lhe vai, novamente, propor.

E duvida que possa ter a confiança da Nação, um novo projecto de uma coligação de partidos cuja acção política tem fadado, estrondosamente nos

campos económico e social:

O défice da balança de pagamentos no ano de 1980 atingiu um nível superior à soma dos défices dos anos de 78/79. A economia arrasada confere à qualidade de vida do Povo um nível de miséria; uma agitação social tremenda, só no mês de Julho estiveram em greve mais de meio milhão de trabalhadores e com um governo revelando uma total incapacidade para o diálogo e concerto de tais conflitos.

Um governo que se fagocita e se digere a si próprio, que cai sem uma moção de censura não pode ser um governo para Portugal, talvez um governo só para o Entroncamento, terra dos fepomenos teratológicos. Um governo que viveu sem oposição, não pode desculpar-se, só, com a crise internacional e com a grande seca que afecta o País.

A maior seca está no governo: seca de humildade, seca de competências, seca de honestidade, seca de uma acção política democrática, seca de iniciativa na investigação de alternativas etc.

Há que sermos realistas e deixarmos-nos de fantasias perigosas ao avalizar o governo proposto pela A.D.

Uma coligação política minada por confrontos e ambições pessoais malsãs e que pretende identificar «à forçiori» ideologias antagónicas em luta, certa-

mente, que não poderá sair um governo que, democraticamente, sustenha a marcha descendente da vida nacional.

Senhor Presidente da República

Pensamos que estamos numa encruzilhada semelhante à do fatídico 28 de Maio de 1926.

Todos nós desejamos que V.ª Ex.ª seja capaz de resistir às tentações de **avalizar consensos** contraditórios, quase sempre conducentes a regimes de força.

Também pedimos que V.ª Ex.ª não esqueça que aqueles que empenharam a sua honra em não querer servir sob a direcção do Presidente de todos os portugueses, não são dignos de figurar no governo que V.ª Ex.ª vai avalizar.

Impõe-se portanto que o Presidente dissolva a Assembleia da República convoque novas eleições intercalares.

O desencanto a que este governo conduziu o País exige uma rectificação do espaço político dos partidos.

SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA:

UM GOVERNO INCOMPETENTE É MUITO MAU PARA A NAÇÃO. MAS UM GOVERNO MUITO MAU É UM PRESIDENTE FRACO É UMA CALAMIDADE!

LISBOA, 21 de Agosto de 1981

ABREU FARIA

APU entregou lista para a Câmara de Loures

• Denunciada campanha

partidária do PS

A lista da APU, concorrente às próximas eleições intercalares de Loures, foi ontem entregue no Tribunal da Comarca do concelho. Severiano Falcão, ex-presidente da Câmara aparece de novo a encabeçar a lista da coligação PCP e MDP/CDE. A UDP anunciou, por sua vez, para hoje, a entrega da sua lista para as mesmas eleições, marcadas para 11 de Outubro, encabeçada por Francisco Rosa, membro do Secretariado Nacional daquele partido.

«Descaramento e mentira...»

Entretanto, em comunicado à imprensa intitulado «até onde chegou o descaramento e a mentira», a comissão de Informação da APU em Loures, denuncia a publicação de anúncios em vários jornais, pelo presidente da actual comissão administrativa da Câmara, referentes a um conjunto de obras «umas já quase acabadas, outras mesmo já concluídas durante a gestão APU».

Noutro dos anúncios, há dias publicado, afirma-se que foi deliberado, em reunião da comissão administrativa contrair um empréstimo de 160 mil contos. Ora, segundo refere a APU, o empréstimo de 159.800 contos destinado a obras de saneamento básico, foi decidido em reunião da

câmara em 10 de Dezembro de 1980, e foi ratificado pela Assembleia Municipal em 12 de Janeiro deste ano. A comissão administrativa apenas se pronunciou agora sobre aspectos do clausulado proposto pela CGD, apesar da AM o ter já aprovado na generalidade.

«É lamentável — considera a APU — que os elementos da Comissão Administrativa, depois das ilegalidades que utilizaram para afastar da Câmara a APU — força maioritária do concelho — venham usando os seus lugares para fazer campanha partidária neste período pré-eleitoral».

Sublinhando que nada poderá esconder que a APU «fez muito mais obras em ano e meio que o PS aliado ao PSD e CDS nos três anos anteriores», aquela coligação refere ainda que «o sr. A. Mordido, presidente da Comissão Administrativa na sua ansia de fazer demagogia, mandou repetir a publicidade relativa à distribuição de casas da Câmara de Santo António dos Cavaleiros e da Póvoa de Santo Adrião, mandou substituir os officios assinados pelo vereador da APU responsável pelo pelouro, mandou suspender o pagamento das verbas já assinadas pelo Presidente da Câmara (APU), tudo isto numa manifestação de baixa política para tentar enganar o Povo do Concelho».

Prossegue repúdio pela agressão sul-africana a Angola

Delegação do PS vai a Luanda

Para «recolher informações sobre a escalada da agressão sul-africana» uma delegação do Partido Socialista desloca-se dentro de dias à República Popular de Angola — anunciou ontem a Comissão Permanente do PS.

Tais informações — refere o comunicado daquele órgão executivo dos socialistas — serão utilizadas pelo Secretário-Geral do PS e vice-presidente da Internacional Socialista, Mário Soares, que participa numa reunião desta organização em 24 e 25 de Setembro em Paris.

A deslocação a Angola da delegação socialista, cuja composição ainda se ignora, ocorre no plano da cooperação entre o PS e o MPLA-PT — refere o comunicado, que reafirma que o PS condena «veementemente mais este atentado contra a soberania e integridade territorial de Angola e expressa a sua mais funda preocupação pelos riscos de uma confrontação militar de largo alcance na África Austral».

«Esta nova manifestação de agressividade da União Sul Africana» — prossegue o documento — «não só agrava o deu desacatamento das deliberações da ONU, reiteradas pelo consenso universal, sobre o direito do povo da Namíbia à autodeterminação e independência, como revela que tal desacatamento serve casualmente novos desígnios de expansão territorial de pátria do 'apartheid', máxima expressão do racismo».

O PS, que reafirma também a sua solidariedade com o MPLA-PT e com o povo angolano, «repudia igualmente o pretexto invocado pelas autoridades sul-africanas de perseguição à Organização de Libertação do Sudoeste Africano (SWAPO), movimento com o qual mantém relações de amizade e que reconhece como representante legítimo do povo da Namíbia».

A nível de partidos há ainda a registar que a UEDS entregou ontem uma declaração na em-

baixada dos Estados Unidos em Lisboa, considerando que a invasão de Angola pelas tropas sul-africanas «constitui um atentado extremamente grave contra a paz mundial e a soberania e inviolabilidade das fronteiras de um Estado independente». A UEDS reclama também a imediata retirada das tropas sul-africanas e a aplicação imediata e integral das resoluções das Nações Unidas sobre a Namíbia.

Movimento Português Contra o apartheid

A redacção do «DL» têm chegado centenas de telegramas e moções que organizações de trabalhadores de todo o País aprovaram condenando a invasão das tropas racistas sul-africanas.

O Movimento Português contra o Apartheid expressou também o seu «vivo repúdio» pela acção de Pretória e, em mensagem enviada à embaixada da

RPA em Lisboa, afirma nomeadamente:

«A presença de tropas do regime do 'apartheid' na RPA não significa apenas a violação da integridade nacional de um país soberano e um grave atentado contra a paz naquela zona do globo, mas constitui também um factor de desestabilização da paz no mundo».

O MPCA reitera depois «a sua militante solidariedade para com o povo de Angola e os seus dirigentes, o MPLA-PT, e lembra que enquanto o problema da presença ilegal do regime racista e colonialista de Pretória não for rapidamente resolvida ao longo das linhas apontadas pela ONU, tudo leva a crer num agravamento das hostilidades contra o país vizinho pelos sul-africanos».

Por fim o MPCA exprime «a sua solidariedade para com os povos em luta na África Austral e a sua veemente condenação do regime do apartheid».

FMI decidirá apenas em Outubro empréstimo de 80 milhões

O empréstimo de 80 milhões de contos solicitado pelo Governo português ao FMI e destinado a financiar o défice da nossa balança de pagamentos, deverá ser decidido apenas em Outubro próximo.

Segundo fonte do Ministério das Finanças, citado pela agência noticiosa, o projecto de carta de intenções do Executivo de Lisboa será nessa altura apreciado pelos responsáveis do

FMI, dado que a mudança de Gabinete (e eventualmente de ministro) obrigará a nova apreciação pelo futuro Governo. Este poderá confirmar o anterior projecto ou apresentar um novo.

Deste modo, a data de 11 de Setembro, marcada para a reunião do Conselho Directivo do Fundo que iria apreciar o pedido português, terá de ser alterada e, certamente, para Outubro.

O projecto da carta de inten-

ções, rubricado pelo ministro das Finanças e pelo governador do Banco de Portugal, é um documento onde as autoridades portuguesas apontam a adopção de determinadas medidas (os «pacotes» de aumentos de preços) para a consecução de objectivos definidos relativamente aos principais indicadores económico-financeiros.

A mesma fonte ministerial desmentiu que estivesse em

Lisboa qualquer delegação do FMI a estudar a situação da economia portuguesa, contrariando notícias recentes.

Ainda conforme o mesmo informador, citado pela ANOP, é provável que o ritmo de crescimento do crédito interno concedido pela Banca tenha diminuído em Agosto, devido às medidas restritivas anunciadas em 17 de Julho pelo ministro Morais Leitão.

Falta preencher os lugares

Estrutura do Governo já está decidida

A primeira parte do processo de constituição do VIII Governo Constitucional encontra-se praticamente pronta, depois do breve encontro de 15 minutos que se realizou entre o Primeiro-ministro e o líder do CDS, em S. Bento, ontem à tarde.

Os líderes da AD, cuja reunião foi precedida por uma outra, de Balsemão com a Comissão Política do PPM, deverão ter ontem terminado o estudo da estrutura do Ministério, procurando agora as pessoas certas para cada lugar.

Isto independentemente de estarem já escolhidos alguns titulares para algumas das pastas, como é o caso de Gonçalves Pereira, Baião Horta, Nascimento Rodrigues, Meneres Pimentel e Vitor Crespo, que deverão continuar a assegurar aos Negócios Estrangeiros, a Indústria, o Trabalho, a Justiça e a Educação. Ou de Lucas Pires, que aceitará condicionalmente a da Cultura, e Rebelo de Sousa que será secretário de Estado da Presidência do Conselho, eventualmente com o apoio de uma subsecretária de Estado (que poderá assegurar a gestão burocrática do sector, enquanto Rebelo de Sousa cria factos políticos).

António Capucho, que foi um dos mais importantes apoios de Balsemão no Governo e no PSD e que desde há muito tempo vem pedindo para ser substituído como secretário de Estado adjunto do Primeiro-Ministro por ter ainda de permanecer no lugar, embora suficientemente aliviado para dedicar mais atenção ao partido de que é secretário-geral.

Na gestão de economia parece que as dificuldades se mantêm. O Primeiro-Ministro deverá ter-se avistado ontem, ao fim da tarde ou à noite, com o dr. João

Salgueiro, mas não se sabe se este se mostrou disposto a aceitar qualquer responsabilidade governamental. Pinto Balsemão poderá sempre encontrar alternativas dentro do seu partido para as Finanças e para a Coordenação Económica. Mas elas não seriam tão credíveis como Emani Lopes, que já recusou, ou João Salgueiro. Em último caso, Morais Leitão poderá manter-se, não regressando assim aos Assuntos Sociais.

Ângelo Correia conseguirá finalmente o lugar no Governo que há tanto tempo persegue. Um lugar de secretário de Estado, possivelmente nas Pescas, parece ser o máximo que conseguirá obter.

Viana Baptista deve continuar nos Transportes, apesar da contestação que lhe é movida por sectores de extrema-direita a propósito dos resultados do inquérito ao acidente que vitimou Sá Carneiro.

A outra grande incógnita, para além das pastas económicas, reside no sector da Agricultura. Cardoso e Cunha sai de certeza, mas não se sabe quem entra. O eng. Lobão, Francisco Girão ou Fernando Lino são os nomes mais falados. Mas todos desconhecidos.

Quanto à estrutura, em si, do Governo e para além do reforço da área da Presidência do Conselho, onde passam a ter sede própria, para além do Primeiro-Ministro, o vice-primeiro-ministro e o ministro de Estado, e os respectivos secretários de Estado, pouco se sabe. Poderão ser criadas algumas grandes áreas de coordenação, nomeadamente no sector da Economia e no da Cultura, bem como na Qualidade de Vida.

Freitas do Amaral

O vice-primeiro-ministro indigitado, em entrevista publicada no «Diário de Notícias», afirma a propósito do seu empenhamento no Executivo, que não poderia agora ficar na reserva. «Estamos em fase de mobilização geral... convocam-se os reservistas», disse.

Freitas do Amaral garantiu que as suas relações pessoais com Pinto Balsemão são óptimas e que a sua entrada para o Governo não significará uma viragem à direita. «Nunca fui um homem de direita, mas do centro», revelou.

O presidente do CDS fez divulgar ontem uma declaração de solidariedade com o demissionário presidente da Comissão Executiva do CDS, Rui Oliveira que definiu como «um dirigente notável a quem o partido muito deve».

MDP contra CDS

Entretanto, o MDP/CDE publicou um comunicado em que manifesta a sua apreensão pela liderança do CDS no Governo.

«Sempre encoberto por alianças, o CDS tem trepado a encosta do Poder, ajudado por mãos alheias e calcando os valores democráticos», acusa o MDP.

Defendendo a luta empenhada e convergente das forças democráticas para a criação de uma alternativa, o MDP afirma que «o que está verdadeiramente em causa é a profunda crise económica e social em que a AD lançou o País e que será agravada com as medidas que o FMI está a impor ao Governo em negociações secretas».



TRANQUILIDADE SEGUROS, E. P.

(RESULTANTE DA FUSÃO DAS COMPANHIAS TRANQUILIDADE, GARANTIA FUNCHALENSE E A NACIONAL)

MUDANÇA DE INSTALAÇÕES EM LISBOA

A Tranquilidade Seguros E.P. comunica a todos os seus Segurados, Mediadores, Colaboradores e público em geral, que a partir de

31 DE AGOSTO DE 1981

Os Serviços a seguir mencionados passam a funcionar no local e com os Telefones e Apartados que se indicam

TESOURARIA E COBRANÇAS

DEIXAM DE FUNCIONAR OS SERVIÇOS NA AV. DA LIBERDADE, N.º 18, PASSANDO PARA A AV. DA LIBERDADE, N.º 242
TEL. 53 88 66
APARTADO 2956 - 1124 LISBOA CODEX



Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Sul



ASSEMBLEIA ELEITORAL

CONVOCATÓRIA

No cumprimento do no. 2, do artigo 76º dos Estatutos e em conformidade com o artigo 5º do Regulamento Eleitoral deste Sindicato, convoca-se a Assembleia Eleitoral do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Sul, para funcionar nos dias 28 e 29 de Outubro de 1981, com a seguinte

ORDEN DE TRABALHOS

Ponto Único — Eleição dos Órgãos do Sindicato: Mesa da Assembleia Geral e Direcção.

FELICIANO SACRAMENTO GUTIERRES

JOÃO ANTÓNIO TORRINHAS PAULO

DIA 28 DE OUTUBRO DE 1981

LOCALIDADES E HORÁRIOS DE FUNCIONAMENTO DAS MESAS

ARRAIOLOS	Cidade Irmãos e Ca. Ld.	das 16.30 às 17.30 H.
ARRAIOLOS	Coop. Hortícola do Divor	das 12 às 13 H.
ARRAIOLOS	Ex-Grémio da Lavoura	das 18 às 19.30 H.
EVORA	Férbritas	das 12.30 às 13.30 H.
EVORA	Acutil, Ld.	das 13 às 14.30 H.
EVORA	Lagril, Ld.	das 7.30 às 8.30 H.
EVORA	Somefe, Ld.	das 12 às 13.30 H.
EVORA	Soc. Comercial Guerin	das 13 às 14 H.
EVORA	J. Lopes Branco, Ld.	das 17.30 às 18.30 H.
EVORA	Coagro, SARL	das 12.30 às 14.30 H.
EVORA	Premetel	das 12.30 às 13.30 H.
EVORA	Raul Cruz, Ld.	das 13 às 14 H.
EVORA	Deleg. do Sindicato	das 10 às 20 H.
EVORA	Praça do Giraldo 31, 1º Dt.	
MONTEMOR-O-NOVO	J.S. Pires, Ld.	das 8 às 9 H.
MONTEMOR-O-NOVO	J. J. Cornacho, Ld.	das 12.30 às 13.30 H.
MONTEMOR-O-NOVO	F. Santos Magina Viúva e F. Ld.	das 12.30 às 13.30 H.
MONTEMOR-O-NOVO	União Met. de Montemor	das 18 às 19.30 H.
MONTEMOR-O-NOVO	Casa do Povo	das 18.30 às 19.30 H.
MORA	Sopragol	das 12.30 às 14 H.
MORA	Morauto	das 13.30 às 14 H.

ALJUSTREL	Francisco Maria Fialho	das 7.45 às 8.30 H.
ALJUSTREL	Coop. do Roxo	das 9.15 às 10 H.
CUBA	J. Pratas	das 9 às 10 H.
ODEMIRA	Cooperativa do Mira	das 11 às 12 H.
ODEMIRA	Casa do Povo	das 12 às 14 H.
FERREIRA DO ALENTEJO	Consol	das 16 às 16.30 H.
FERREIRA DO ALENTEJO	António Lampreia Lopes	das 17.15 às 18 H.
FERREIRA DO ALENTEJO	Comissão Sindical	das 18.15 às 19.15 H.
SERPA	Oficinas UCP Margem Esq.	das 13 às 14.30 H.
SERPA	Oficinas UCP Esquerda Venc.	das 15 às 15.30 H.
MOURA	Auto Geral de Moura	das 16 às 16.45 H.
MOURA	Auto Salúquia	das 17 às 17.45 H.
MOURA	Deleg. do Sind. da Agricultura	das 18 às 19 H.

FARO	Sede Dele, Distrital	das 12.30 às 21 H.
OLHÃO	R. Francisco Barreto 44	
VILA REAL STº ANTÓNIO	Sind. Op. Ind. Conservas	das 16 às 20 H.
RODOV. NAC. CEP 9	Sind. Op. Ind. Conservas	das 16 às 20 H.
FARO	Instalações ofic. de Faro	das 9 às 12.30 H.
OLHÃO	Farauto, Ld.	das 9 às 12.30 H.
OLHÃO	Soc. Comercial C. Santos Ld.	das 9 às 12.30 H.
OLHÃO	Ormis - Embal. de Portugal	das 8 às 12.30 H.
RIO SECO - FARO	Entrepósito Com. Máq. e Veíc.	das 13.30 às 18.30 H.

ALMADA	Deleg. do n/Sindicato	das 15 às 21 H.
SEIXAL	Deleg. do n/Sindicato	das 15 às 21 H.
ALMADA	Almafor	das 9 às 12 H.
COVA DA PIEDADE	Auto Marginal, Ld.	das 9 às 12 H.
CASAL DO MARCO	Soc. Import. Exp. Gilica	das 9 às 12 H.
ALMADA	António Alves Ferreira	das 9 às 12 H.
LARANJEIRO	João Felix Silva Capucho, Ld.	das 9 às 12 H.
ALMADA (Lisnave)	Seaguard Portuguesa	das 9 às 12 H.
SEIXAL	A. Silva e Silva, Ld.	das 9 às 12 H.
CASAL DO MARCO	Auto Repar. Casal do Marco	das 9 às 12 H.
CASAL DO MARCO	Constr. A. Supico	das 9 às 12 H.
AMORA	Cooptalfer	das 8.30 às 9.30 H.
CAVAQUINHAS	Ficol	das 9 às 12 H.
MARGUEIRA (Lisnave)	Lisnico	das 9 às 24 H.
LARANJEIRO	Serr. Chavimar	das 9 às 12 H.
CHARNECA CAPARICA	Timex Portugal, Ld.	das 12.30 às 14.30 H.
FOGUETEIRO	Elo	das 10 às 12 H.
SEIXAL	Lurgel	das 9 às 12 H.
ALMADA	Comp. Portuguesa Pesca	das 9 às 18 H.
ALMADA	Soc. Reparações de Navios	das 9 às 18 H.
Casal do Marco	Compelmada	das 12 às 14 H.
TORRE DA MARINHA	Metalsul	das 8 às 10 H.
LARANJEIRO	Arsenal do Alfeite	das 9 às 18 H.
CACILHAS	H. Parry Son	das 9 às 24 H.
MARGUEIRA	Lisnave	das 0 às 24 H.
MARGUEIRA	E.N.I.	das 9 às 18 H.
PAIO PIREZ	Siderurgia Nacional	das 0 às 24 H.
AMORA	Sorefame	das 9 às 18 H.
SIDERURGIA NACIONAL	Comp. Trat. Sucata A. Ramalhadas	das 9 às 18 H.
ALMADA	Lemauto	das 9 às 12 H.
COVA DA PIEDADE	Transportes Beira Rio	
COVA DA PIEDADE	Auto Ideal Piedade	
PORTO BRANDÃO	Catraeiros Porto de Lisboa	

DIA 29 DE OUTUBRO DE 1981

LOCALIDADES E HORÁRIOS DE FUNCIONAMENTO DAS MESAS

ESTREMOZ	J. Simões Alves	das 12.30 às 14 H.
ESTREMOZ	J. Trindade Pirra, Ld.	das 12.30 às 14 H.
ESTREMOZ	B. A. Catela, Ld.	das 18 às 19.30 H.
ESTREMOZ	Del. Sind. Constr. Civil	das 18 às 19.30 H.
	R. Victor Cordon n. 25	
MOURÃO	Portugal, EP	das 12.30 às 13.30 H.
REGUENGOS DE MONSARAZ	Marcão e Irmão, Ld.	das 18 às 19.30 H.
VILA VICOSA	J. J. Ramos, Sucrs. Ld.	das 12.30 às 13.30 H.
VILA VICOSA	Mármore do Condado	das 12.30 às 13.30 H.
VILA VICOSA	Edifícios dos antig. correios	das 18 às 19.30 H.
VENDAS NOVAS	F. Batista Russo, SARL	das 9 às 18 H.
VENDAS NOVAS	Somave, SARL	das 9 às 18 H.
VENDAS NOVAS	Delegação do Sindicato	das 18 às 20 H.

BAIRRO DA CONCEIÇÃO para:		
S.T.E.T.		das 7.30 às 14 H.
MANUEL PIRES GUERREIRO, Lda.		das 7.30 às 14 H.
L. A. CAMEIRINHA, Lda.		das 7.30 às 14 H.
JOSE CANDIDO CHICHARO e FILHOS, Lda.		das 7.30 às 14 H.
TECNICAR		das 7.30 às 14 H.
JOSE PINTO CAEIRO, Lda.		das 7.30 às 9 H.
COSTA e SILVA, Lda.		das 9.30 às 10.30 H.
ACAIL - Auto Saluquia		das 11 às 12 H.
TRIGAL		das 14.30 às 15 H.

METALÚRGICAS ALENTEJANA para:		
METALÚRGICA ALENTEJANA		das 12.30 às 18.30 H.
COMEGIL		das 12.30 às 18.30 H.
JOÃO FRANCISCO BATALHA e FILHOS, Lda.		das 12.30 às 18.30 H.
JOSE ANTONIO CAROCINHO IRMAO e COELHO, Lda.		das 12.30 às 18.30 H.
AMERICO MARTINS, Lda.		das 12.30 às 18.30 H.
HONORATO APOLINÁRIO e CHICHARO, Lda.		das 12.30 às 18.30 H.
MOTOPE		das 12.30 às 18.30 H.
H. CONSTANTINO		das 12.30 às 18.30 H.
JOÃO PORTA NOVA		das 12.30 às 18.30 H.
SERRALHARIA NARCISO		das 12.30 às 18.30 H.
FRANCISCO RODRIGUES MARUJO		das 15.30 às 16 H.
INDUSTRIAL ALENTEJANA, Lda.		das 16.30 às 17 H.
DELEGACAO DO SINDICATO		das 17.30 às 18.30 H.
PORTIMÃO		das 10 às 20 H.

SILVES	para as restantes empresas	
LAGOS	União Sind. Portimão e Lagoa	das 12.30 às 21 H.
SILVES	Quinta do Bispo - Lg. 25 Abril	
PORTIMÃO	Sind. Op. Corticeiros	das 16 às 20 H.
PORTIMÃO	R. Comendador Vilarinho	
PORTIMÃO	Sind. Op. Ind. de Conservas	das 16 às 20 H.
LOULE	Andrés Luis Bós, Lda.	das 16 às 19 H.
	José Matias D'Alvo e Irmão	das 8 às 10 H.
	Moto Mar de A. Conceição Luz	das 8 às 10 H.
	Empr. Algarvia Pesca Arrasto	das 8 às 10 H.
	Cimpor, EP - Centro Expl. Loulé	das 12 às 14 H.

ALCÁCER DO SAL	Sindicato dos Agrícolas	das 15 às 21 H.
ALCOCHETE	Soc. Imparc. 15 de Janeiro	das 15 às 21 H.
BARREIRO	R. Miguel Pais 35-A	das 15 às 21 H.
ERMIDAS DO SADO	Casa do Povo	das 15 às 21 H.
GRANDOLA	Sind. Constr. Civil	das 15 às 21 H.
MONTIJO	Deleg. do n/Sindicato	das 15 às 21 H.
SANTANA (Sesimbra)	Junta de Freguesia	das 15 às 21 H.
SANTIAGO DO CACÉM	Sindicato dos Agrícolas	das 15 às 21 H.

SINES	Deleg. do n/Sindicato	das 15 às 21 H.
SETUBAL	Deleg. do n/Sindicato	das 15 às 21 H.
ALCÁCER DO SAL	Jorge e Irmãos, Lda.	das 9 às 12 H.
ALCÁCER DO SAL	Mário Jerónimo e Filhos Lda.	das 9 às 12 H.
ALCÁCER DO SAL	Soc. Agr. Herdade da Palma	das 9 às 12 H.
BARREIRO	António Germino, Lda.	das 9 às 12 H.
BARREIRO	Caldeira e Irmãos, Lda.	das 9 às 12 H.
COINA	Fundação Moderna Sta. Iria	das 9 às 12 H.
MOITA	Zonacoop	das 9 às 12 H.
MONTIJO	Fernando Soares Falua	das 9 às 12 H.
SANTIAGO DO CACÉM	José Bento P. Filhos, Lda.	das 9 às 12 H.
SETUBAL	Custódio e Sérgio	das 9 às 12 H.
SETUBAL	Evicar - Com. de Camiões	das 9 às 12 H.
SETUBAL	Fundação Coop. Op. de Set.	das 9 às 12 H.
SETUBAL	Sousa e Pereira	das 9 às 12 H.
ALCOCHETE	Tecnitools-Emp. Tec. Moldes L	das 9 às 12 H.
BARREIRO	Alumínio Português Angola	das 9 às 12 H.
SETUBAL	Auto Reconstr. Barreiro	das 9 às 12 H.
SETUBAL	Júlio José de Macedo	das 9 às 12 H.
SETUBAL	Emp. Coop. Ind. Conservas	das 9 às 12 H.
SETUBAL	Etermar	das 9 às 12 H.
SETUBAL	Eugénio e Severino	das 9 às 12 H.
SETUBAL	Imprex	das 9 às 12 H.
SETUBAL	Sadifrio	das 9 às 12 H.
SETUBAL	Salvador Caetano	das 9 às 12 H.
SETUBAL	Setubauto	das 9 às 12 H.
SETUBAL	Soc. Ind. Setubalense	das 9 às 12 H.
SETUBAL	TIIR-Tec. Ind. Reunidos	das 9 às 12 H.
SETUBAL	Clérigo, Lda.	das 9 às 12 H.
SETUBAL	Eurominas	das 9 às 12 H.
SETUBAL	Portugal	das 9 às 18 H.
SETUBAL	Portugalisol	das 9 às 18 H.
SETUBAL	Sol. Soc. Outão, Lda.	das 9 às 18 H.
SETUBAL	Tecnisado	das 9 às 18 H.
SETUBAL	Societá Ital. Per. Cond. Acqua	das 9 às 18 H.
SETUBAL	Renault Portuguesa	das 9 às 18 H.
SETUBAL	Ormis	das 9 às 24 H.
SETUBAL	Cometna	das 9 às 24 H.
SETUBAL	Constr. Met. Mague	das 9 às 18 H.
SETUBAL	Frisado	das 9 às 18 H.
SETUBAL	Soc. Mec. Setubalense	das 9 às 18 H.
SETUBAL	Tónus	das 9 às 18 H.
SETUBAL	Equimetal	das 9 às 24 H.
SETUBAL	Mompore	das 9 às 18 H.
SETUBAL	Entrepósito Ind. Autom.	das 9 às 18 H.
SETUBAL	I.M.A.	das 9 às 18 H.
SETUBAL	Movauto	das 9 às 18 H.
SETUBAL	Setenav	das 0 às 24 H.
SETUBAL	Equimetal - Div. de Sines	das 0 às 18 H.
SINES	Sede do Sindicato	das 9 às 12 H.
BARREIRO (para Empreg. do Sindicato)		



Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Sul



ASSEMBLEIAS ELEITORAIS DISTRITAIS

CONVOCATÓRIAS

ASSEMBLEIA ELEITORAL DISTRITAL DE BEJA CONVOCATÓRIA

Nos termos do nº 2, do artigo 31º dos Estatutos e de harmonia com o artigo 14º do Regulamento das Delegações, convoca-se a Assembleia Eleitoral Distrital de Beja, do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Sul, para funcionar nos dias 28 e 29 de Outubro de 1981, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único - Eleição do Secretariado Distrital de Beja.

Os locais de funcionamento das Mesas de voto, para filiados do Sindicato com local de trabalho no Distrito de Beja são os constantes da Convocatória da Assembleia Eleitoral, nesta data publicada.
Barreiro, em 27 de Agosto de 1981

Pel'A Comissão Directiva Provisória
IVO DA SILVA GÓIS FIGUEIRA
FELICIANO SACRAMENTO GUTIERRES

ASSEMBLEIA ELEITORAL DISTRITAL DE ÉVORA CONVOCATÓRIA

Nos termos do nº 2, do artigo 31º dos Estatutos e de harmonia com o artigo 14º do Regulamento das Delegações, convoca-se a Assembleia Eleitoral Distrital de Évora, do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Sul, para funcionar nos dias 28 e 29 de Outubro de 1981, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único - Eleição do Secretariado Distrital de Évora.

Os locais de funcionamento das Mesas de voto, para filiados do Sindicato com local de trabalho no Distrito de Évora são os constantes da Convocatória da Assembleia Eleitoral, nesta data publicada.
Barreiro, em 27 de Agosto de 1981

Pel'A Comissão Directiva Provisória
JOSÉ FRANCISCO RENDEIRO SERRA
FELICIANO SACRAMENTO GUTIERRES

ASSEMBLEIA ELEITORAL DISTRITAL DE FARO CONVOCATÓRIA

Nos termos do nº 2, do artigo 31º dos Estatutos e de harmonia com o artigo 14º do Regulamento das Delegações, convoca-se a Assembleia Eleitoral Distrital de Faro, do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Sul, para funcionar nos dias 28 e 29 de Outubro de 1981, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único - Eleição do Secretariado Distrital de Faro.

Os locais de funcionamento das Mesas de voto, para filiados do Sindicato com local de trabalho no Distrito de Faro são os constantes da Convocatória da Assembleia Eleitoral, nesta data publicada.
Barreiro, em 27 de Agosto de 1981

Pel'A Comissão Directiva Provisória
JOSÉ ANTÓNIO BOTELHO AGULHAS
FELICIANO SACRAMENTO GUTIERRES

NORMAS ESTATUTÁRIAS E REGULAMENTARES

artigo 43º, no. 1 dos Estatutos - A mesa da Assembleia geral é constituída por um presidente, três secretários efectivos e dois suplentes.

artigo 45º dos Estatutos - A direcção do sindicato compõe-se de 29 membros efectivos e 10 suplentes.

artigo 15º do Regulamento das delegações - O número de membros do Secretariado Local ou Distrital é determinado pela forma seguinte:

Delegações de 501 a 5 000 trabalhadores sindicalizados, 5 membros. Assim, cada Secretariado Distrital de Beja, de Évora e de Faro, é constituído por cinco membros, que nos termos do artigo 14º do regulamento das delegações, são eleitos de entre os filiados do Sindicato, maiores de 18 anos e no pleno gozo dos seus direitos que exerçam a sua actividade na área da respectiva delegação.

artigo 6º do Regulamento das delegações - As assembleias locais e distritais são constituídas pelos filiados com local de trabalho na área da respectiva delegação que estejam no gozo dos seus direitos sindicais.

Apresentação de candidaturas para a Mesa da Assembleia Geral e Direcção

artigo 7º do Regulamento Eleitoral - 1. A apresentação das candidaturas consiste na entrega à mesa da assembleia geral:

a) da lista contendo a identificação dos candidatos, e dos órgãos do sindicato a que cada filiado se candidata;

b) do termo individual ou colectivo de aceitação da candidatura;

c) do programa de acção;

d) da indicação do seu representante na comissão de fiscalização;

2. As listas de candidatura terão de ser subscritas por, pelo menos, 1 000 filiados do sindicato no pleno gozo dos seus direitos sindicais.

3. Os candidatos serão identificados pelo nome completo, número de filiado, idade, residência e designação da empresa onde trabalham.

4. Os candidatos subscritores da candidatura serão identificados pelo nome completo legível, assinatura, número de filiado e empresa onde trabalham.

5. As listas de candidaturas só serão consideradas desde que se apresentem para todos os órgãos a eleger.

6. Cada candidato só pode apresentar-se numa lista de candidatura.

7. A apresentação das listas de candidatura deverá ser feita no prazo de 30 dias após a data da apresentação da assembleia eleitoral.

8. O primeiro subscritor de cada lista é o responsável pela candidatura, devendo fornecer à mesa da assembleia geral os elementos necessários para ser localizado rapidamente, sendo através dele que a mesa da assembleia geral comunicará com a lista respectiva.

Apresentação de candidaturas para cada Secretariado Distrital de Beja, de Évora e de Faro.

A apresentação das candidaturas consiste na entrega à Comissão Directiva Provisória:

a) - da lista contendo a identificação dos candidatos;

b) - do termo individual ou colectivo de aceitação da candidatura;

c) - programa de acção;

d) - da indicação do seu representante na Comissão de Fiscalização;

e) - as listas de candidaturas terão de ser subscritas por, pelo menos, 100 filiados do Sindicato no pleno gozo dos seus direitos sindicais;

f) - os candidatos serão identificados pelo nome completo, número de filiado, idade, residência e designação da empresa onde trabalham;

g) - os filiados subscritores da candidatura serão identificados pelo nome completo legível, assinatura, número de filiado e empresa onde trabalham;

h) - cada candidato só pode apresentar-se numa lista de candidatura;

i) - a apresentação das listas de candidatura deverá ser feita no prazo de 30 dias após a data da convocação da Assembleia Distrital;

j) - o primeiro subscritor de cada lista é o responsável pela candidatura, devendo fornecer à Comissão Directiva Provisória os elementos necessários para ser localizado rapidamente, sendo através dele que a Comissão Directiva Provisória comunicará com a lista respectiva;



iniciativa da
Câmara Municipal
de Lisboa

no TEJO
domingos das 12-17 h

DOMINGO, 30 DE AGOSTO

Embarque: 12 h. — Cais
das Colunas (junto aos
barcos da Transtejo)

— ANIMAÇÃO A BORDO PELO
CONJUNTO «OS TRICANOS»

Desembarque para almoço em
Cacilhas das 13.30 às 15 horas

Bilhetes à venda no posto de turismo da R. Jardim do Regedor e
nas bilheteiras da Transtejo

Passeios todos os domingos
até fins de Setembro

Preço: Adultos: 50\$00. Crianças: 25\$00

entrevista



Silas Cerqueira ao "Diário de Lisboa":

"Paz justa no Médio Oriente não será possível a curto prazo"

A situação no Médio Oriente tem vindo a deteriorar-se rapidamente, numa espiral de violência, numa catadupa de acontecimentos, que, mais uma vez, coloca em evidência a necessidade de uma paz global, justa e duradoura, naquela zona do globo. Depois dos constantes bombardeamentos de Beirute e da destruição do reactor nuclear iraquiano de Tarmuz pela força aérea israelita, o derrube de caças libios por aviões da Sexta Esquadra Americana, em exercícios no Mediterrâneo, constitui um facto da maior gravidade. Para um ponto da situação no Médio Oriente, bem diferente, porque mais objectivo, daquele que as agências internacionais noticiam, o «Diário de Lisboa» entrevistou o dr. Silas Cerqueira, membro do «Secretariado Internacional de Solidariedade com o Povo Árabe e a sua Causa central: A Palestina», que tem acompanhado de perto a complexa situação do Médio Oriente. Foi sob o impacto dos últimos acontecimentos no Mediterrâneo, nomeadamente no Golfo de Sidra, que a entrevista se iniciou.

A revista americana «News-week» noticiou há algum tempo a existência de um plano da agência de informações americana, CIA, para derrubar o Coronel Muamar Gaddafi, incluindo um projecto para assassinar o dirigente libio. Numa das suas últimas edições, aquela revista americana anunciou, em primeira mão, as manobras militares da Sexta Esquadra, revelando que o presidente Reagan tinha dado ordens para a realização dos exercícios no golfo de Sidra, de modo a «testar» as reacções de Trípoli. À luz destas informações o confronto americano-libio da semana passada adquire um outro significado.

A este propósito afirmou-nos Silas Cerqueira: «As manobras da Sexta Esquadra Americana, não apenas no Mediterrâneo, mas no interior de uma baía histórica, como é o golfo de Sidra, fazem parte de um plano militar dos EUA, que visa a manutenção da sua hegemonia na região. O facto dessas manobras se realizarem abruptamente em águas territoriais libias mais acentua o seu carácter de provocação deliberada. É como se uma esquadra estrangeira fosse fazer manobras na baía de Hudson, no Canadá. A Revolução Líbia tem desempenhado um importante papel no mundo árabe, no reforço da frente anti-imperialista árabe e, no apoio à OLP e a movimentos de libertação da África, Ásia e América Latina. Tounou-se agora claro para a opinião pública internacional — prossegue o nosso entrevistado — o que os dirigentes libios vinham há muito afirmando: a administração Reagan quer derrubar o governo revolucionário libio. A provocação americana não é mais do que uma pressão para criar uma situação de conflito que derrube o governo de Trípoli, fazendo intervir, se necessário, as tropas de Sadat, concentradas junto da fronteira com a Líbia, ou ainda as do Sudão.»

Estranha viagem de um ministro português

Se a actual situação é potencialmente explosiva, a notícia de que os Estados Unidos se preparam para reactivar a base egípcia de «Ras Baas», no Mar Vermelho, e proceder ao alargamento da base de «Diogo Garcia», no Oceano Índico, de modo a permitir a sua utilização pelos bombardeiros B-52, são indícios alarmantes de possíveis novos confrontos.

«De facto, — refere Silas Cerqueira — a questão mais preocupante é a de assistirmos a uma reocupação do Médio Oriente por bases militares estrangeiras, nomeadamente através da instalação nesta zona e no Golfo, de bases, forças navais e efectivos militares do imperialismo americano. Para além do incremento

da presença americana em países como o Egipto, Somália, Oman, Bahrein, Quénia, e no Oceano Índico, os Estados Unidos estão a organizar no próprio solo americano, a milhares de quilómetros de distância dos acontecimentos, uma «força rápida de intervenção», que, sob o



pretexto da defesa de «interesses vitais», poderá intervir no Golfo, ou em qualquer outro lado. Importa notar que dada a distância do eventual teatro de operações e as necessidades logísticas daí decorrentes, essa força de intervenção rápida aerotransportada, deverá ter como pontos de escala os Açores e as bases americanas no Egipto, sendo o seu centro de comando operacional localizado em Bruxelas. Este esquema estará porventura relacionado com o estranho itinerário de uma viagem do ministro dos Negócios

impor a sua hegemonia aos povos e países da região».

Estaremos assim perante um plano, que sob a capa defensiva, é fundamentalmente ofensivo.

«O plano americano — explica Silas Cerqueira — visa utilizar a agressão militar israelita, para, através da fragmentação do Líbano, liquidar a Revolução Palestiniana, que aí tem a sua principal base exterior. Do mesmo modo, pretende o derrube dos regimes anti-imperialistas da Síria, Líbia, e do Iémen Democrático, tentando, até agora sem êxito, trazer alguns Estados Árabes conservadores à cooperação com o Egipto, ensalando a revitalização dos acordos de Camp David. Deste modo — conclui — uma paz justa no Médio Oriente não será possível a curto prazo. Só através de um processo de reagrupamento das forças nacionais e anti-imperialistas do mundo árabe, e de uma alteração da correlação de forças na região e no plano internacional, se atingirá a paz».

O embargo militar a Israel

Como situar então o embargo militar (aliás já levantado) a Israel?

«A política permanente dos E.U.A. é a de equipar militarmente Israel — considera Silas Cerqueira — O chamado embargo foi apenas um intervalo de algumas semanas nesta política. Durante esse período, os Estados Unidos, por intermédio do enviado especial de Reagan, Philip Habib, procediam a contactos diplomáticos com vários países árabes.

Para reforçar a sua posição negocial, invocavam esse pretenso «embargo militar» a Israel. Aliás, a recente escalada da agressão israelita, só pôde ser bem sucedida com o apoio e cumplicidade da Administração americana. As agressões israelitas, o reforço da presença militar americana na região, e, simultaneamente as diligências persistentes e discretas do enviado especial do presidente Reagan, mais subtil e eficaz do que Kissinger no seu tempo, são elemen-

ciava, o presidente egípcio Anwar Sadat iniciava um périplo por algumas capitais ocidentais.

Em Washington, Sadat defendeu um «diálogo franco e directo» entre os Estados Unidos, a OLP e outras organizações palestinas não especificadas.

Referindo-se a esta questão, Silas Cerqueira afirmou-nos:

«Sadat não tem qualquer mandato para falar em nome do povo Palestiniano, muito menos depois de Camp David.

Referir-se à OLP e a «outras organizações palestinas» é uma manobra grosseira contra a revolução palestina.

Quando foram elaborados os acordos de Camp David — prossegue Y e para os tornar mais «aceitáveis» à opinião pública mundial, uma vez que ignoravam os direitos inalienáveis do povo Palestiniano, os seus signatários fizeram-nos acompanhar por uma promessa de «self rule», uma espécie de autoadministração para os territórios ocupados por Israel depois de 1967».

Para tal seria necessário dar o poder, um poder limitado, se não mesmo fantoche, a alguém, ou seja, encontrar interlocutores.

Silas Cerqueira esclarece: «Essas promessas nunca tiveram qualquer concretização, nem os seus autores as queriam concretizar. Por outro lado, nem os E.U.A., nem Sadat, nem Israel conseguiram encontrar até hoje, entidades, personalidades, organizações palestinas, minimamente representativas, nos territórios ocupados que com eles quisessem negociar. Todos remetem a negociação para a OLP, como único e legítimo representante palestino».

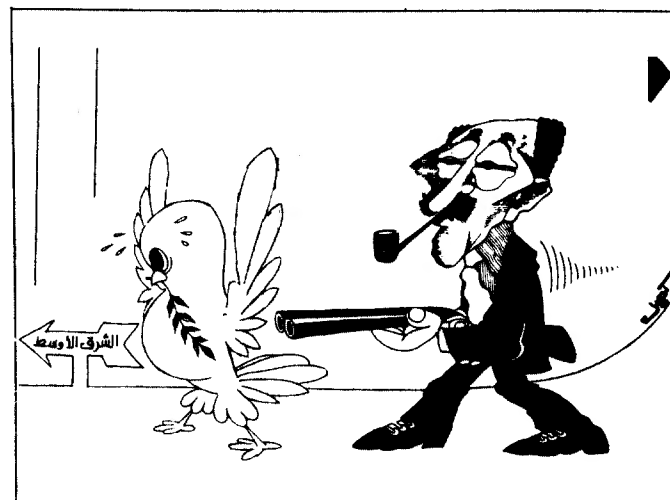
Falhanço dos acordos de Camp David? O nosso entrevistado vai mais longe: «Os Palestinos têm conseguido vitórias, não só através da continuação da resistência armada e da intensa acção político-diplomática da OLP, sob a direcção de Yasser Arafat, mas mesmo nos territórios ocupados. Direi até, sobretudo nos territórios ocupados, pela intensificação da luta de massas. Veja-se o caso da eleição, apesar do terrorismo israelita, de presidentes de câmaras municipais. Vejam-se as grandes manifestações de massas, as greves, a solidariedade com os presos políticos. O centro de gravidade da questão palestina — conclui o nosso entrevistado — tende a transferir-se do exterior para o interior.

A unidade inquebrantável do povo palestino, e a sua heróica resistência anti-sionista e anti-imperialista têm sido uma pedra de tropeço para os planos imperialistas na região, um factor de aglutinação das forças nacionais, e patrióticas e anti-imperialistas do mundo árabe. Além disso, tem estimulado a solidariedade internacional, de todos os que defendem uma paz justa e duradoura no Médio Oriente da qual depende afinal a própria paz no mundo».

Falhanço dos acordos de Camp David

Enquanto Philip Habib nego-

(entrevista conduzida por Nuno Ribeiro).



Estrangeiros do governo português cessante, em fins de Março, princípios de Abril, que teve como escalas Washington, Cairo e Bruxelas. Esta ofensiva do complexo militar-industrial dos E.U.A. — salienta o nosso entrevistado — está ao serviço dos interesses das companhias multinacionais e monopolos americanos, de forma a restaurar o seu controle sobre as reservas petrolíferas e

cidade

Lisboa, doce Lisboa

Tão linda que já foste!

«Vive-se muito mal em Lisboa, com excepção do Restelo e outros bairros de luxo.» São palavras de José Lamas, co-autor do projecto que ganhou o concurso do Martim Moniz. A sua perspectiva urbanística ajusta-se às soluções tomadas nas cidades europeias: preservação dos centros históricos, dos equipamentos culturais e da estética.

Outra ideia, esta mais política, foi-nos transmitida pelo arquitecto Bruno Soares, ligado, por acções pontuais às câmaras da APU, nomeadamente a de Almada. Conhece bem a periferia com os seus problemas e a sua total dependência ao «centro».

«As zonas dormitórias não possuem quase equipamentos. As estruturas da cidade foram feitas para valorizar o centro... o que é incorrecto.» Em galoiolas mal confeccionadas o proletariado consome o que pode, afastado dos centros de decisão, no exílio.

Fialho de Almeida também falou de Lisboa. O autor de «Os Gatos» expressava opiniões embebidas do delírio do princípio do século. Alguns aspectos das suas análises ainda hoje se encaixam na realidade. Falta-lhes, todavia, o rigor. «Em nacionalidades pobres como esta, onde construções monumentais são raridade, o labor principal do arquitecto que se destine a fazer vida pelo ofício há-de ser sempre erguer pequenas moradias para

perplexidade de Fialho de Almeida não teria limites. Caía rondando no solo. «Aquele rotunda ou grande praça do Pombal, à entrada de um parque, no extremo terminal de uma grande avenida... Feita para coração de Lisboa nova, da Lisboa do período cooperativista e colectivista, em que as associações pretendem fixar as prerrogativas do direito e são a força, essa praça devia ser o Terreiro do Paço socialista, de uma Lisboa

leirando no relvão central, por ali fora, a começar de Algés até Santa Apolónia, estátuas de todos os heróis das descobertas e conquistas, dariam ao estrangeiro que entrasse o rio, com essa fileira de colossos, uma ideia senhoral do povo luso e à beira-mar lisboeta uma cara sobberba de receber visitas... e as pagar...»

Poesia

Chama-se centro à área que vai da «Baixa» ao Campo Grande, incluindo as Avenidas Novas, Campo de Ourique e Alcântara. Centro invadido pelo terciário e absorvido por uma vivência estranha. Lisboa, aquela Lisboa, de Almada Negreiros, de Stuart Carvalhais e Carlos Botelho mudou. Já não sorri, nem grita nas ruas os pregões. Pulsa artificialmente, minada de doenças. Divide-se aos sábados, sem alegria. Come enlatados. Encheu-se de lanjeoulas, imaginando-se rica... Mas os símbo-

zados os poderes públicos já se aperceberam da vantagem que há em manter os cafés com história e o pequeno comércio.

Fiquei chocado com o que sucedeu à leitaria Garret, onde fiz praticamente o meu curso de arquitectura.

A Baixa atingiu o ponto limite da saturação. A todos os níveis. José Lamas salientou que as deslocações das camadas de ar, ao longo da avenida, empurradas pelas brisas nas tardes de Verão, concentram na zona da Baixa não só a poluição própria como a que vem de outras zonas da cidade. A concentração sente-se também no ambiente. Um peso indefinido que angustia as pessoas. Já nem apetece ir à Baixa.

Onde outrora era colorido suave, hoje é confusão. À noite, o deserto. Indianos, vindos de Moçambique, agarraram, por trespassar tudo o que aparece na Baixa, com o sentido apurado para o negócio que os define.

Retornados montaram pequenos bares, decorados com azulejos de casa de banho e muita fôrma. Entretanto, os cafés da conversa da bica, vão-se extinguindo, discretamente. A Baixa sofreu um processo de destruição acentuada: perda de habitação; de espaço cívico, cultural e de convívio. Os valores da cultura portuguesa, em certa medida estão a ser destruídos.

José Lamas critica não apenas o processo de destruição mas ainda o facto de nada se fazer em troca. Assinala, com mágoa, o assassínio lento da Avenida da República, que já «foi linda». Deitaram-se abaixo os prémios Valmor e em seu lugar o que está? Ainda se tivessem feito intervenções de qualidade! Nada disso. Coisas imundas de que ninguém beneficia...

Será que Lisboa ainda conserva restos da sua antiga beleza? José Lamas diz que não. Talvez seja bonita no geral, mas no pormenor está uma autêntica porcaria...

A relação da cidade com as colinas, num aproveitamento de espaço hábil, com uma escala que não era a do grande traçado e da monumentalidade mas algo de humano e íntimo, começa a adulterar-se de uma forma grosseira. Quase submetida à bíblia do betão. Permanecem, todavia, ainda alguns bocados (intactos) da nossa Lisboa, doce Lisboa. Alfama, Praça das Flores, Feira da Lada, Bairro Alto, (com ligeiras alterações) mantiveram, a nobreza.

Foram atingidos por um processo de transformação, interessante, surgiu um co-



Bruno Soares: «Não embarcar em grandes projectos»



O lisboeta ama as flores

mércio especializado e as casas tiveram intervenções restauradoras, sem alteração do aspecto. Isto deve-se à procura de habitação por gente ligada às artes e à cultura. Gente preparada para encontrar poesia e encanto nessas zonas...

O centro, objecto da conversa com José Lamas está a ficar cada vez mais pobre em edifícios de qualidade. Lisboa foi das cidades mais destruídas e mais renovadas. Mais do que as que receberam bombas, na última guerra. Os Restauradores estão estragados pela desordenação do tráfego. A Praça da Figueira com aquele cavaleiro imundo é um horror. Acho estranho que os turistas ainda venham a Lisboa...

Vazio

Para Bruno Soares, Lisboa é o centro e o resto um terrível vazio. O plano director determina os limites de um centro demasiado restrito, em função do tamanho da cidade. Algés, Carnide ou Chelas são zonas entendidas como periferia. O que será então Moscavide, Sacavém e Amadora? Por essa ordem de ideias temos um centro minúsculo e uma periferia gigante. As grandes operações imobiliárias tendem para supervalorizar o centro — aí reside, em parte, a questão. Neste momento assiste-se a uma ocupação, em força, por parte dos especuladores, das zonas periféricas. Daqui resulta uma intensa pressão sobre os municípios dessas áreas, com vista a serem aprovados loteamentos altamente densificados, sem garantia da implantação de estruturas.

A periferia é um pesadelo. Repete com persistência, um certo tipo de modelo. Mau, muito mau. São os blocos e as pequenas moradias que dominam o espaço. Aos grandes construtores interessa os edifícios com vários andares, como é óbvio. As moradias surgem, num sistema de autopromoção, facilitado pelas poupanças de longos anos de trabalho. Estes dois padrões de crescimento urbano conduzem a soluções repetitivas...

Bruno Soares refere-se à falta de qualidade de vida, nos bairros periféricos, como um dos males maiores. Nada tratado, por vezes sem espaço entre as habitações e saltos no conjunto, ou seja, núcleos de casas, ao lado de zonas agrícolas... depois mais casas.

O concelho de Lisboa cresceu entre 1940 e 1970, em sessenta mil habitantes e a periferia em mais de duzentos mil. As estatísticas afirmam que, de 1970 para 1974 foram retirados do centro perto de cem mil habitantes. Onde é que isto vai parar?

Embora não concorde com o actual plano director para mim o problema reside na gestão. Na maneira como o plano é utilizado nos critérios adoptados, nas prioridades que são dadas.

Apesar da desorganização Lisboa, acaba por ser uma cidade arrumada na fixação das classes sociais. Na periferia essa ordem é nítida. Na Amadora, Vila Franca e em certas partes da margem Sul, vive a maralha operária. Em Sintra, Loures, Cacém e também na margem Sul (agora) instalou-se a gente dos serviços. Isto porque as ligações melhoraram e a carência habitacional no Centro se faz sentir muito fortemente. Porque se viraram as empresas imobiliárias a partir dos anos setenta para a zona Sul, dantes considerada terreno da «ralé»?

Por falta de espaço. Decidiram, incrementar um tipo de habitação seleccionada, o que logo à partida estabelece uma barreira económica, para as classes mais pobres. Esses andares, são, em regra, comprados por bancários, funcionários públicos e até por muita gente de profissões liberais... Na Linha de Cascais, também se notam situações diferenciadas: a faixa da alta burguesia, junto ao mar; uma zona com estratos de população intermédia e para o interior... a habitação vai-se desvalorizando.

Transportes

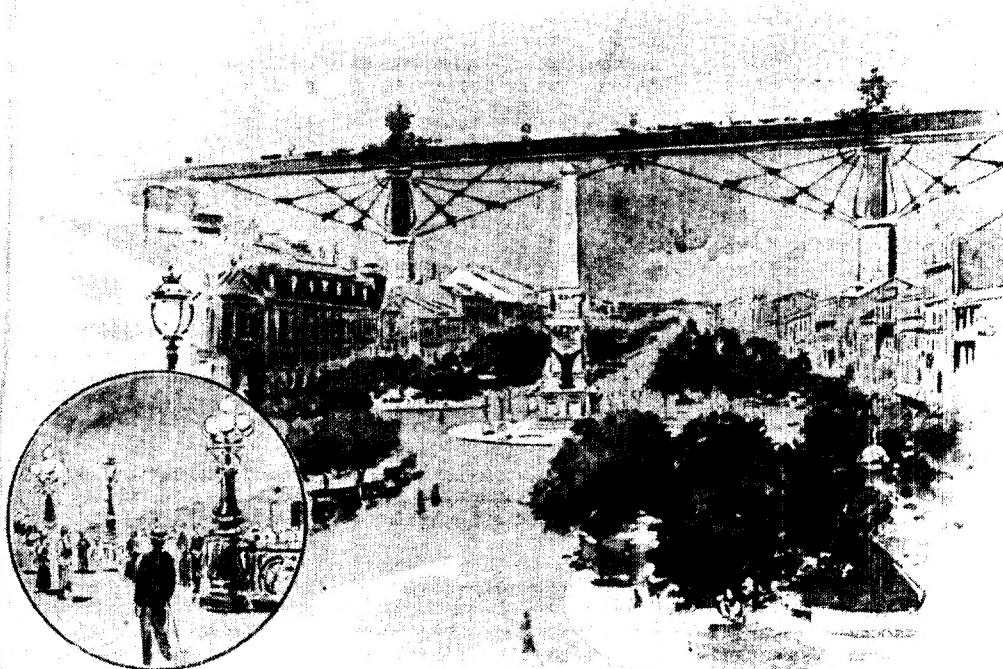
Bruno Soares, em 1977, integrou numa equipa, fez um estudo sobre os transportes, para a Câmara Municipal de Lisboa. Que medidas para atenuar a situação caótica dos transportes? A descentralização do terciário — era fundamental. Depois havia que estabilizar a habitação no centro da cidade. Seguiu-se um conjunto de medidas pontuais e eficazes.

No estudo chamamos a atenção para o projecto de construção de cem quilómetros de vias rápidas dentro da cidade, sublinhando que não se deveria avançar para soluções comprometedoras do futuro sem primeiro se fazer uma análise rigorosa do assunto. Sugerimos, que era mais importante dar prioridade a acções, com investimentos mais baixos, mas com consequências sociais e urbanísticas mais proveitosas.

Dentro de uma moderação saudável a equipa de Bruno Soares lembrou que seria um erro «embarcar em grandes projectos». Por exemplo: a transferência do aeroporto para outro lugar. Para quê? Se o aeroporto da Portela ainda tem capacidade para funcionar durante largos anos. A razão da pressa, manifestada por certos sectores, era esta: Satisfazer o apetite das empresas imobiliárias, à disputa pelo espaço do aeroporto que ocupa quase um quinto da área de Lisboa...

Afinal, deparamos sempre com a mesma pergunta. O rosto da cidade reflecte que realidade social e económica?

Lourdes Féria



A Avenida da Liberdade, no sonho de Fialho...

burgueses, ou assistência de modestas corporações e sociedades...

O homem comum, de Lisboa, não quer saber da estética, só sabe que milhares de corpos o esmagam nos transportes colectivos nas horas de ponta, que o preço da carne está uma loucura, que um bilhete de cinema custa uma nota de cem, que não tem espaço nas ruas para pôr o pé, que descobrir um apartamento se tornou uma jogada de lotaria e que não entende a política.

Surpresas agradáveis? Nadinha. Nervos, tensão, discussões com o vizinho, bolsos vazios antes do fim do mês. Sonhos? Ainda se permite a esse luxo. Os anúncios da TV atiram-lhe à cara montanhas de produtos que um dia «se Deus quiser» poderá possuir. A TV ensina-lhe a comprar nos supermercados. Vai direito ao pacote do leite e vê a data, vai ao pão e apalpa, vai à fruta e toca. Compra um arroz tão limpo que dispensa a lavagem. Descobre um feijão em lata que lhe faz lembrar a carne proibida. Convenceu-se (já) que os produtos congelados são tão bons como os frescos. Quanto à limpeza também não há que levantar grandes complicações. Tem os limpa-tudo à sua disposição: limpa fatos, limpa fogões, limpa chão, limpa painéis, limpa cabeças... tudo.

Fantasia

Dos Restauradores, ainda aceitáveis, sobe-se a Avenida da Liberdade até à Rotunda. Aqui a

socialista, o coração proposital da nova vida cívica, como o outro ficou, da burocrática...

Que visionário nos saiu este Fialho. Se visse o Terreiro do Paço de hoje, nem queria acreditar. Os ministérios, estão lá: ninguém os mudou. Mas o socialismo, depois de ter andado pelas gavetas, desapareceu para parte incerta. Os seus projectos para a Avenida da Liberdade, um tanto megalómanos, morreram no artigo que publicou na revista «Ilustração Portuguesa», em 29 de Outubro de 1906.

«... A ponte sobre os vales da avenida e Rua da Palma, ligando S. Pedro de Alcântara a Santana e esta à Praça do Monte do Castelo, era uma obra de seguro efeito cenográfico, gigantesca e peraltada, barrando o ar num salto audacioso. Sobre o facto de estabelecer entre bairros periféricos uma grande circulação, rápida e mais curta, tinha ainda o predomínio raro de cortar as casarias, monótonas desta cidade sem cúpulas nem torrelas, com um magnífico jogo de obras-de-arte.»

Que prosas acuadas não teria inspirado o sr. Abecasis ao escritor se tivesse sido contemporâneo! O desentendimento começava logo com o projecto das Torres do Tejo. Fialho de Almeida preconizava soluções bem opostas às do actual presidente da Câmara de Lisboa. «A Avenida da Índia, que ao iniciarem-se os trabalhos, propusémos que se aproximasse do rio, o mais possível e com o triplo da largura que tem hoje, fosse infi-

los continuam a sintetizar as suas múltiplas facetas. Desde o Santo António a quem o sr. Abecasis prometeu um monumento, numa hora de aflição, até ao fado oferecido ao turista, em ambientes falsificados, ou a brancura imaculada das casas de Alfama, ou ainda os passeios de domingo do centro de cultura...

«O que se propõe para o Martim Moniz vem enriquecer a cidade. A câmara, com o nosso projecto, vai fazer cerca de dois milhões de contos que deveria aplicar na recuperação dos bairros degradados. Pensamos que as zonas envolventes do Martim Moniz exigem um estudo, seguido de uma acção.» Os inquéritos efectuados, na Mouraria e Costa do Castelo, sugeriram aos autores do projecto vencedor, «verdadeiros quadros de Charles Dickens».

E certo que Lisboa se debate com graves (gravíssimos) problemas, carências e vícios. Todos eles, contudo, de acordo com aquele arquitecto, solúveis. «A cura da cidade implica uma vontade política forte, um corpo de técnicos bem apetrechados, uns serviços municipalizados bem organizados e... muito trabalho.»

Tráfego, poluição, frequentes atentados contra o rosto da cidade, são alguns dos males apontados por José Lamas. Os edifícios que se derrubam, em obediência a critérios duvidosos, os cafés que se substituem por assépticos prontos-a-vestir, as portas que se fecham às pessoas. «Em qualquer cidade civili-

de ontem para hoje

Transplantes renais na Cruz Vermelha



Um homem e uma mulher, ambos de 28 anos, submeteram-se ontem na Casa de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa, em Lisboa, a transplantes renais. As operações, com uma duração média de cinco horas, foram efectuadas pelas equipas chefiadas pelos médicos Rodrigues Pena e Rui Bento, e, segundo as primeiras informações, foram coroadas de êxito. Os rins implantados foram recolhidos em unidades hospitalares de Lisboa. Com estas intervenções, ascende a vinte e dois o número de transplantes renais efectuados em Portugal, desde Julho de 1980 (quatro processaram-se no Hospital Universitário de Coimbra), das quais apenas quatro falharam por rejeição. O objectivo das transplantes renais é libertar os doentes da dependência quotidiana dos serviços de hemodiálise. Os dois receptores aguardavam há cerca de um ano a oportunidade de serem recolhidos dois órgãos em condições ideais para a transplantação.

Tertúlia «Guglielmo Marconi»: radiamadores visitam Portugal em Setembro

Cerca de cem radioamadores brasileiros visitarão Portugal a partir de 13 de Setembro, segundo anunciou ontem em Coimbra a tertúlia radioamadorística «Guglielmo Marconi». A caravana que integra o deputado pelo Estado de S. Paulo, Murilo Reis, o bispo de Niterói e o escritor Raul Fátima, entre outros, desloca-se ao Porto, Coimbra, Belmonte e Fátima. Os visitantes serão recebidos em Coimbra em 19 de Setembro pelo reitor da Universidade e pelo governador civil e terão um almoço oferecido pela Comissão Municipal de Turismo. Registe-se que aqueles radioamadores mantêm contactos diários com os seus colegas portugueses na banda dos quinze metros.

Sedes e serviços: 200 mil contos para as Juntas de Freguesia

Um despacho estabelecendo a verba de duzentos mil contos para apoio às instalações das Juntas de Freguesia foi ontem publicado no «Diário da República». A verba destina-se a dar cumprimento a uma lei de 1977 que estabelece incumbir ao Governo «providenciar no sentido de dotar as freguesias de instalações próprias para o funcionamento das suas sedes e respectivos serviços» — esclarece o despacho. O sistema que agora se estabelece será revisto no próximo ano, de acordo com o mesmo diploma.

Central Térmica de Tunes: material tecnológico descarregado em Faro

Uma importante remessa de material tecnológico destinado à Central Térmica de Tunes, no concelho de Silves, foi ontem descarregada no porto de Faro. Trata-se de um grupo de turbinas a gás, com o peso de cerca de 220 toneladas, que seguirá ainda hoje para aquela Central, onde a sua instalação visa atenuar os efeitos na produção de energia de futuros anos de seca, entre outros serviços de compensação de carências. A remessa de material, segundo informação da EDP, insere-se no projecto de ampliação da Central. O projecto prevê, também a implantação de um segundo grupo de turbinas, dotado como o primeiro, de uma potência de 85 mega-

watts. A EDP afirma que o grupo de turbinas descarregado em Faro deverá entrar em funcionamento em finais de Janeiro, enquanto o outro o fará em Março. O projecto obedeceu a um estudo em que foi tido em conta a inserção da Central na paisagem os efeitos da sua laboração na atmosfera e os seus níveis, de poluição sonora.

De rádios a gado caprino: 5600 contos de contrabando



A Guarda Fiscal apreendeu nos últimos dias 5 600 contos de contrabando, segundo anunciou ontem o Estado-Maior daquela corporação.

Assim, forças do Batalhão do Porto apreenderam em Viana do Castelo cerca de 2 100 quilos de camarão espanhol, no valor aproximado de 1 500 contos e também o carro utilizado no transporte. No Sabugal, o Batalhão de Coimbra, apreendeu 200 cabeças de gado caprino e respectivos meios de transporte. Finalmente, no porto de Aveiro, foram apreendidos uísque, tabaco e material de som no valor aproximado de 1 500 contos.

«Rio Tejo II»: cacilheiro encalhou à saída da Trafaria

O cacilheiro «Rio Tejo II», da carreira Belém-Trafaria, encalhou ontem à tarde pouco depois de ter largado da Trafaria. O barco foi desenhado pouco depois pelo «Mouraria» e retomou viagem, não se tendo registado igualmente avarias nem desastres pessoais. Ambos os cacilheiros pertencem à Transtejo. Na altura do acidente seguiam a bordo vinte passageiros.

Fogo praticamente extinto ao longo da serra de Sintra

«Portugal não pode ser a fábrica de pasta de papel da Europa»

— diz o PPM a propósito da onda de incêndios

«Quanto mais o País arde, mais lucrarão as celuloses», afirmam os populares monárquicos (que não deixarão que «Portugal seja a pasta de papel da Europa») a propósito da imparável onda de incêndios que devora as matas de lés-a-lés do País, enquanto alguns esfregam as mãos de contentes. Esta manhã ainda a serra de Sintra, ardia, mas com menos intensidade que quarta-feira e ontem, em que mais de três centenas de bombeiros de vinte corporações deram luta às chamas sem parar. O fogo na área de Manteigas, por outro lado, ficou ontem extinto, pelo que a serra da Estrela, já não arde. «Por ora há paz — afirmou esta manhã ao «DL» um bombeiro da corporação — e bom seria que durasse muito tempo». No Norte, o quadro parece calmo, do mesmo modo que no Centro do País.

As 4 horas de hoje parecia que as chamas, finalmente, tinham sido controladas na serra de Sintra, em particular nas suas áreas mais afectadas, desde a Peninha ao Guincho, ao longo da encosta da Peninha, Zona da Urca, Moinhos de Azóia e Rio Touro. Já as várias corporações de bombeiros que há mais de 36 horas combatiam as frentes por que as chamas se espalharam, se preparavam para a retirada deixando alguns dos seus homens de prevenção e no rescaldo, quando foi dado novo alarme: um outro foco eclodira na zona das Pedras Irmãs.

Os Bombeiros Voluntários de Sintra, que tinham feito regressar o seu material mais cedo ao quartel, voltaram à Serra, assim como os de Almoçageme, entre outros, que, em parte também tinham feito recolher as suas «armas». Duas secções enfrentavam assim, ao princípio da madrugada, um novo surto de chamas que um porta-voz dos BV de Almoçageme admitiu poder ter sido provocado pelo vento, sem descurar a triste hipótese de fogo posto. Aliás, nesta onda de fogo, que consome o País, o crime alia-se ao fogo, tornando a mata um pasto sobre a qual o Banco Mundial se apresta para fazer a reflorestação que há



Imagem de ontem, na serra de Sintra

meses e meses «aquece» no coração. Para entrar em acção é necessário que a «calvície» se implante nas nossas serras e matas. Alguém o está criminosamente a fazer, ante a impassividade das autoridades, um Governo que não actua, um Serviço Nacional de Protecção Civil cujas actividades que lhe são imediatas não são visíveis.

São as celuloses que mais lucram com o País a arder

O PPM, uma das componentes da AD nos Governos que tivemos nos dois últimos anos — por sinal durante os períodos em que mais hectares de matas e pinhais arderam nos derradeiros tempos — faz saber, através da Comissão de Estudos Agrários, que «jamais aceitará que Portugal seja a fábrica de pasta de papel da Europa».

Esta tomada de posição dos monárquicos tem como causa o anúncio publicado quarta-feira na imprensa pela Celulose e Papel de Portugal-EP, a propósito do qual os monárquicos sublinham «não poder aceitar que na referida publicidade se induzam os agricultores em geral, e os proprietários das matas queimadas em particular, a que reconstituam o seu património com o auxílio da Portucel».

O PPM lembra «a todos os proprietários das matas queimadas, vítimas de incêndios e de uma política de florestação não adaptada às condições climáticas do País que os principais be-

neficiários dessa madeira verde ou queimada são, em última análise, as celuloses», que por outro lado, como no caso concreto da Portucel, procuram todas as formas de tirar partido da «desgraça florestal portuguesa», como se verifica pelo convite dirigido aos proprietários lesados a fim de que «reconstituam o seu património» com o seu auxílio.

Os monárquicos vêem a questão num ângulo próprio e não é por acaso que essa visualização incide sobre a política florestal em termos que não abonam os serviços oficiais, acusados no comunicado dos monárquicos, de conceberem mal essa «política florestal», executada e utilizada «primorosamente pela indústria da celulose». Ainda na óptica dos populares-monárquicos é nessa política que teve de encontrar-se a razão da «degradação dos solos e das áreas de alta capacidade agrícola, bem como aos próprios incêndios, constituindo uma das causas da onda de fogos florestais que actualmente devasta o País».

Tudo isso terá a ver, num quadro aligeirado com o anúncio da «Portucel», que de acordo com os serviços oficiais encarregados da actividade florestal se propõe actuar na intervenção e exploração das matas queimadas, na aquisição de madeiras, que devem ser afectadas à indústria de celulose (diâmetro abaixo de 15 centímetros) e na reconstituição do património florestal (reflorestação).

A paz voltou (por ora) a Manteigas

Caso não ocorresse nenhum percalço de maior e os ventos mais percutantes que as de há dois meses atrás então na Lagoa Azul, e zona em volta, terão consumido uma área substancialmente superior à anterior e delapidado ainda mais o já escasso património florestal do País ante a impotência humana e material da maioria das nossas corporações de bombeiros.

A concretizar-se essa previsão, as chamas de agora, bem mais percutantes que as de há dois meses atrás então na Lagoa Azul, e zona em volta, terão consumido uma área substancialmente superior à anterior e delapidado ainda mais o já escasso património florestal do País ante a impotência humana e material da maioria das nossas corporações de bombeiros.

As matas de Manteigas, por outro lado, deixaram de arder. O fogo que quarta-feira eclodiu, foi extinto ao princípio da tarde de ontem, depois de várias horas de ataque às chamas por parte de todas as corporações em redor, desde Manteigas e Guarda a Belmonte, Gonçalo e Sabugal. Em Castro Daire, ao longo do rio Paiva (afluente do Vouga) e na Relvinha (Serra do Espinho do Cão), os fogos que aí se declararam também foram extintos, situando-se os prejuízos em vários milhares de metros quadrados de pinheiros e eucaliptos, sobreiros e medronheiros (árvore própria do Algarve), no segundo caso. Na área de Castro Daire arderam também várias pipas de resina.

A PJ do Porto, que há dias enviara a tribunal um indivíduo de Canedo (concelho da Feira), acusado de ter ateado fogo, a dois barracões para se candidatar a uma indemnização dos seguros, mandou agora mais três presumíveis incendiários para a mesma instância, todos acusados de «crime de fogo posto». Silva Pinto e Pereira são os seus apelidos de circunstância.

Governo criou áreas protegidas em Sintra e Malcata

• Município de Sintra surpreendido

O Conselho de Ministros ontem reunido aprovou dois diplomas que criam a área de paisagem protegida de Sintra/Cascais e a reserva natural da serra da Malcata.

O brigadeiro Machado de Sousa, vereador do município de Sintra, manifestou-se, segundo a Anop «profundamente intrigado pela decisão do executivo».

«O projecto que nos fora apresentado havia sido recusado na unanimidade pela Câmara de Sintra e ficámos de apresentar uma contraproposta», afirmou.

«A Câmara sente-se defraudada — prosseguiu — «não porque seja contra a defesa da serra, mas sim porque fica sem qualquer jurisdição sobre mais de um terço do Concelho que passa para a Secretaria

de Estado da Qualidade de Vida». Acrescentou que a Câmara pretende lutar pelos seus direitos quando for feita a futura regulamentação da área da paisagem protegida. Esta ocupará no Concelho de Sintra zonas profundamente devastadas pelos incêndios florestais deste ano, como sejam a zona da serra, freguesia de Colares, toda a sua costa e um triângulo interior que se estende até Açafora. Algumas situações são irreparáveis, entre eles as da Penha Longa, Cabo da Roca, Guincho e Peninha.

Mas sobre os interesses que estarão por trás dos incêndios, Machado de Sousa foi peremptório: «Se se trata de fogos postos na tentativa de criar futuras urbanizações, nada feito. A Câmara possui

foto-mapas datados de 1975 e, embora queimadas, as áreas de floresta continuam a ser áreas de floresta e ali não será permitida a urbanização».

Uma área de paisagem protegida constitui uma zona onde não são permitidas alterações à fisionomia habitual. Defende-se as essências florestais, o tipo de construções, a paisagem histórica e não se permitem urbanizações ou construções que contrariem os hábitos locais. A área protegida prolonga-se por parte do Concelho de Cascais, nomeadamente Guincho e a quinta da Marinha para onde se anunciam controversas urbanizações de empresas multinacionais e que, igualmente, tem sido a grande vítima dos incêndios dos últimos anos.

Quanto à reserva natural que será a serra da Malcata, pretende-se assim acautelar determinadas formas de flora ou de fauna específicas de uma zona e os recursos científicos daí derivantes.

A serra da Malcata no concelho do Sabugal é uma ramificação da Serra da Estrela e prolonga-se para além da fronteira pela chamada serra da Gata. A defesa do linco daquela serra implica a conservação de certa flora que constitui o seu habitat e estava a ser destruída por uma companhia celulósica para a implantação de eucaliptos.

A Liga de Protecção da Natureza, que promoveu a campanha para defesa do linco, manifestou a sua alegria pela determinação do Conselho de Ministros.

“Censos 81” tem resultados preliminares

Populações continuam a fugir para as cidades

A população portuguesa aumentou em onze anos mais de um milhão de habitantes, mas os distritos do interior continuam a registar, de Norte a Sul, um sensível despovoamento que se traduz nomeadamente na deslocação para os grandes centros urbanos, e de um modo geral para os distritos da faixa costeira.

Esta é a principal conclusão que se pode extrair dos resultados preliminares, em segunda versão, dos “Censos 81” divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística.

A massa populacional do País registou entre 1970 e 1981 um aumento de 1 177 000 habitantes, que representam uma variação de mais 13,6 por cento passando em termos absolutos de 8 629 300 para 9 806 300 habitantes. Este cálculo integra também os elementos disponíveis referentes aos arquipélagos dos Açores e Madeira.

Esta percentagem, no entanto, é sensivelmente mais elevada, se considerarmos apenas a área do Continente (8 089 000 para 9 297 000 habitantes, a que corresponde um aumento de 14,9 por cento), pois os Açores, apresentam uma acentuada descida populacional no decorrer destes últimos anos: 289 600 habitantes em 1970 contra 251 400 este ano, numa variação negativa de 13,2 por cento que constitui a mais elevada descida percentual de todo o País.

Setúbal, Lisboa e Porto: o “boom” populacional

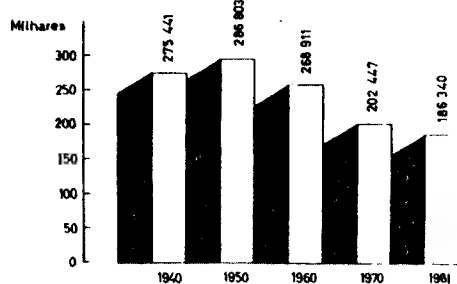
A maior variação foi registada no distrito de Setúbal, que viu a sua população passar de 46 5,4 milhares de habitantes para 649,1 (mais 39,5 por cento).

Em segundo lugar vem o distrito de Lisboa com uma variação percentual positiva de 29,5 por cento, a que corresponde uma subida de 1 592,5 milhares para 2 061,6 milhares.

O terceiro maior aumento populacional ocorreu no distrito de Faro, que passou de 267,1 para 322,9 milhares de habitantes (mais 20,9 por cento).

O Porto, por seu turno, passa a ter 1 550 000 habitantes, contra 1 306 400 há onze anos (mais 18,7 por cento), ocupando o quarto lugar.

Em último lugar, vem o distrito de Viana do



Os campos continuam a despovoar-se como sucede com o distrito de Beja, onde o decréscimo populacional é o mais acentuado do Continente

Castelo, que aumentou a população de 250,8 para 253,5 milhares de pessoas (mais 1,1 por cento).

As cidades de Lisboa e Porto, apresentam igualmente aumentos populacionais, embora de menor envergadura. Enquanto Lisboa tem agora 812,4 milhares de pessoas contra 775,6 no anterior Censo (variação de mais 4,8 por cento), o Porto regista uma subida maior (6,3 por cento), com os seus 329,1 milhares de habitantes, contra os 309,5 de há onze anos.

Aveiro (14,9 por cento), Braga (14,5), Leiria (11,6), Coimbra (10,1), Santarém (6,5), Região Autónoma da Madeira (2,8), Viseu (2,5), Évora (2,2), e Bragança (1,9) são os restantes distritos e regiões onde se registam aumentos populacionais.

Esvaziamento rural

As zonas de forte predominância do sector primário constituem as áreas do País onde o despovoamento mais se faz sentir.

A faixa territorial que começa em Vila Real e termina em Beja apresenta variações populacionais negativas. Este último distrito, apresenta a maior variação (menos 8 por cento), seguindo-se Castelo Branco (7,9 por cento), Portalegre (3,1 por cento), Guarda (2,5 por cento) e Vila Real (0,8 por cento).

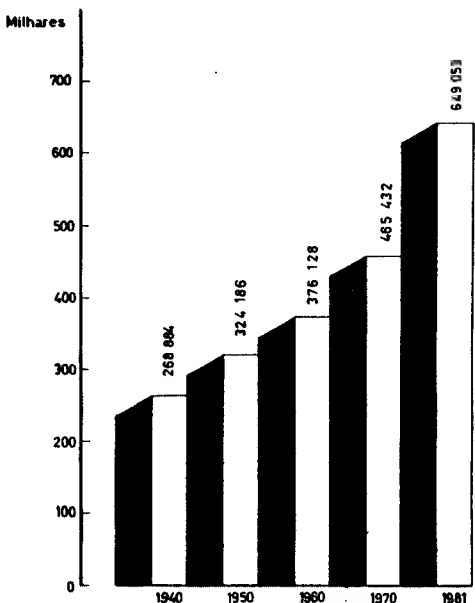
No distrito de Beja, onde apenas os concelhos de Ferreira do Alentejo e Beja registam subidas populacionais o presente Censo assinala 186,3 milhares de habitantes, contra os anteriores 22,4 milhares.

O mesmo sucede em Castelo Branco, onde só o concelho de Belmonte aumentou o número de habitantes e onde a Covilhã não vai além de uma posição populacional estacionária. O distrito possui presentemente 232,4 milhares de habitantes, contra os anteriores 252,2.

Portalegre, por seu turno, desceu de 145,1 para 140,6 milhares de habitantes. Ponte de Sor, Portalegre e Campo Maior são os concelhos com mais população do que há onze anos, tendo os restantes diminuído ou estacionado.

Vila Nova de Foz Côa, Figueira de Castelo Rodrigo, Gouveia e Guarda são os concelhos do distrito da Guarda que contribuem para impor um certo equilíbrio entre áreas com aumento e decréscimo populacional. No total, o distrito, porém, regista uma descida de 210,4 para 205,1 milhares de habitantes.

Vila Real, finalmente, é o distrito que assinala menor decréscimo populacional: 262,6 contra 264,8 milhares de habitantes em 1970. Chaves, Ribeira, de Pena, Murça, Alijó e Vila Real são os concelhos onde a população aumentou.



Distrito de Setúbal: o maior crescimento populacional

Revendedores e importadores desmentem Governo

Electrodomésticos vão encarecer e nunca baixarão de preço

Os electrodomésticos vão sofrer uma subida generalizada e o público consumidor bem poderá continuar à espera de uma baixa que nunca virá, ao contrário do que anunciou recentemente o ministro das Finanças ao publicar a repercussão das alterações ao imposto de Transacções no preço dos electrodomésticos.

Esta posição é perfilhada por numerosos revendedores e firmas do sector, que desde 7 de Julho passado vem procurando repor a verdade dos factos.

Como é sabido, registou-se por parte do Governo uma promessa de baixa de preços no consumidor, o que suscitou uma natural expectativa e um consequente retraimento entre os virtuais consumidores.

A Associação Portuguesa de Gestoras de Material Eléctrico, Fotográfico e Electrónico, divulgou na altura uma nota em que era dada conta da lista de electrodomésticos que, por já serem onerados com a taxa de 15%, não viriam a sofrer qualquer redução, e que constituíam a generalidade dos modelos existentes no mercado.

Os aparelhos e máquinas realmente afectados pela redução das taxas do imposto de Transacções constituíam uma curta lista de que faziam parte aparelhos de ar condicionado, climatizadores, giradiscos e gravadores e outros aparelhos de menor consumo.

Valor tributável e preço ao público

Os aparelhos de custo mais elevado, como televisores a cores, frigoríficos, congeladores, máquinas de lavar roupa e louça, afirmam diversos revendedores por nós contactados, que são os de maior procura e venda constante, constituem o grosso dos electrodomésticos em que as alterações das listas e taxas de imposto de Transacções não vão ter qualquer influência. Isto, pela simples razão de que estes electrodomésticos existentes no nosso mercado já pagavam a taxa de 15 por cento.

Sem pôr em causa as alterações introduzidas, os comerciantes do sector vinculam a insuficiência do seu conteúdo.

A subida dos «plafonds» para tributação do imposto de Transacções, afirmam, trouxe benefícios, que apenas possibilitam a importação e comercialização de aparelhos mais sofisticados ou modelos de maiores capacidades, o que até agora não faziam, pelo facto de serem onerados com o imposto de 45 por cento. Porém, acrescentam, isso não representa qualquer baixa de preços nos modelos que habitualmente importavam e comercializavam.

O equívoco que se gerou em torno de uma eventual descida de preços assenta na confusão

entre o valor tributável dos electrodomésticos, o seu preço de revenda, e o preço de público.

Como efeito, o imposto incide sobre o valor tributável, isto é, à saída da Alfândega ou da fábrica no caso de produtos nacionais.

Exemplificando: Quando se diz que um televisor a cores cujo preço se situa acima dos 40 contos e abaixo dos 50, vai baixar 20 por cento, é falso.

Um modelo que custa ao público à volta dos 43 mil escudos tem um valor tributável de cerca de 19.600\$00. Outro modelo com preço de revenda de cerca de 46 contos, tem um valor tributável de aproximadamente 25.700\$00.

Não há qualquer baixa de preço, porque qualquer destes aparelhos tinha valor tributável muito abaixo do «plafond» de 40 contos, acima do qual os televisores pagariam 45 por cento de imposto.

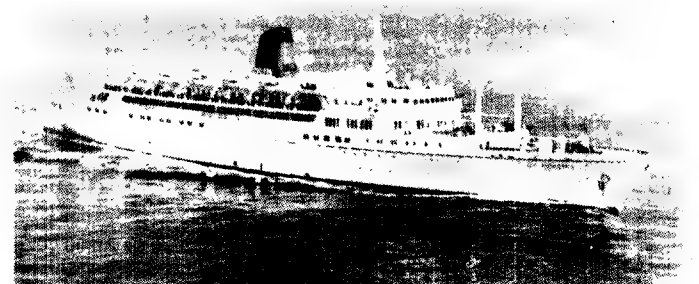
As firmas do sector não têm dúvidas de que o público nunca verá qualquer baixa de preços. Logo que os actuais contingentes se esgotarem, registar-se-á uma subida generalizada de preços, não por especulação dos intervenientes no circuito de comercialização, sustentam, mas apenas porque na sua origem, todos os custos sobem constantemente.

“Funchal”: quem dá mais?

CTM negocea cruzeiros para a Europa e o Brasil

A CTM está a voltar muitas das suas atenções para a actividade de cruzeiros e a apostar em grande no «Funchal», neste momento ao serviço de uma conhecida agência de viagens que vem operando no Mediterrâneo, Ilhas do Atlântico e portos Francos do Norte de África. Em Outubro fará mais um cruzeiro de vinte dias ao Mediterrâneo, não ao serviço da «Abreu» mas do Automóvel Clube de Portugal.

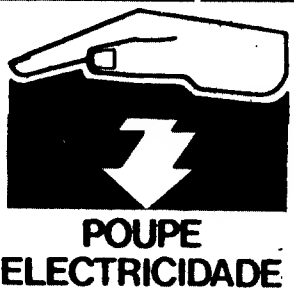
A Companhia de Transportes Marítimos negocea presentemente a ocupação no «Funchal» em cruzeiros do Norte da Europa e o prosseguimento dos cruzeiros deste ano a partir de Portugal e do Brasil, o que já não será novidade. É normalmente em Dezembro que no Brasil o «Funchal» principia mais uma época de cruzeiros, facto que este ano



se repetirá depois de um mês antes ter parado para obras de manutenção.

A actividade de cruzeiros é aliciante e rentável para a CTM, uma vez que aproveita a qualidade do serviço que lhe é possí-

vel prestar e é elemento importante na comercialização deste tipo de navios. Constitui por outro lado, uma significativa fonte de divisas e ocupa um apreciável volume de mão-de-obra-cerca de trezentas pessoas no caso do «Funchal».



2.º Prémio

66282

4800 contos

Vendido pela casa Testa na Lotaria de ontem. Se quer festa jogue no Testa.

R. do Arsenal, 78 — 1100 lx:

PESTANA & BRITO SALDA

A partir do dia 7 de Setembro

Casacos de Sport, fatos e sobretudo nacionais e estrangeiros. Malhas, camisaria e outros. Utilize os seus cartões de Crédito Unibanco e Sotto Mayor.

AV. da Liberdade
(em frente ao Cinema Tivoli)

De acordo com o MDP/CDE

"Sentença da rede bombista iludiu sentimentos de justiça"

«Condenando apenas três agentes materiais do terrorismo, e mesmo assim baixando-lhes as penas, absolvendo doze bombistas, entre os quais todos os acusados de dirigirem a rede bombista, e até negando a evidente ligação existente entre todos eles, a sentença do 5.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa (5.º TMT) acaba por dar cobertura aos numerosos atentados bombistas que ceifaram algumas vidas, causando milhares de contos de prejuízos e espalhando o terror e a intranquilidade no Portugal de Abril», lê-se

num comunicado ontem divulgado pelo MDP/CDE, partido de que era militante Rosinda Moreira, vítima de uma acção terrorista em S. Martinho do Campo.

Para o MDP/CDE, «não só familiares daqueles que foram mortos nos atentados, como todos os que sofreram graves prejuízos com tais atentados como também todo o nosso povo se sentiu iludido nos seus sentimentos de justiça», pela sentença proferida pelos juizes do 5.º TMT, na tarde da última segunda-feira.

O caso do pesqueiro "Sarita"

Mauritânia voltou com a palavra atrás

Voltando atrás com uma decisão anteriormente tomada, e por razões que por enquanto se desconhecem, o Governo da Mauritânia impediu ontem a saída, já em pleno aeroporto, de quinze dos 21 tripulantes do pesqueiro da praça de Sines «Sarita», detidos há cerca de um mês em Nuhadibu, capital daquele país do Norte de África.

Acontece que o encarregado de Negócios de Portugal no Senegal está na Mauritânia desde o dia em que o barco foi apesado, a tentar resolver, até agora sem

resultados, o problema dos tripulantes retidos sob a alegação de «pesca ilegal».

Há dias os pescadores da «Sarita» tinham conseguido enviar correio aos seus familiares através do barco português «Alcoa», que escalara Nuhadibu.

Recorde-se que, ainda recentemente, os tripulantes da traineira do porto de Sesimbra «Mestre de Avis», denunciaram ter sido atacados à bomba, nas águas da Mauritânia, por um avião não identificado.

Universidade do Algarve MEC aprovou projecto de instalação

O ministro da Educação aprovou o relatório-proposta de instalação da Universidade do Algarve, em que se aponta para «uma Universidade de pequenas dimensões com cerca de três mil alunos» — revelou à ANOP fonte ligada àquele estabelecimento.

O documento aprovado por Victor Crespo prevê a aquisição de instalações provisórias para as tarefas do «arranque da Universidade do Faro e nos locais considerados mais convenientes».

O recrutamento do pessoal docente, «se possível doutorado» e o início do processo de escolha e aquisição do equipamento escolar são outras diligências indicadas como prioritárias, do mesmo modo que a colo-

cação em funcionamento dos primeiros departamentos «orientados para o estudo das principais disciplinas e problemas regionais».

O relatório da comissão instaladora da nova Universidade sublinha o carácter prioritário do ensino e da investigação em domínios como a gestão de empresas, biologia marítima e pescas, ordenamento do território e urbanismo e recursos energéticos.

Prevê-se também a pesquisa em matérias como ciências da terra (hortofruticultura e microclimatologia), transformação industrial dos recursos regionais, biotecnologia e estudos árabes e de linguística.

Praga ataca eucaliptos MAP ataca a praga

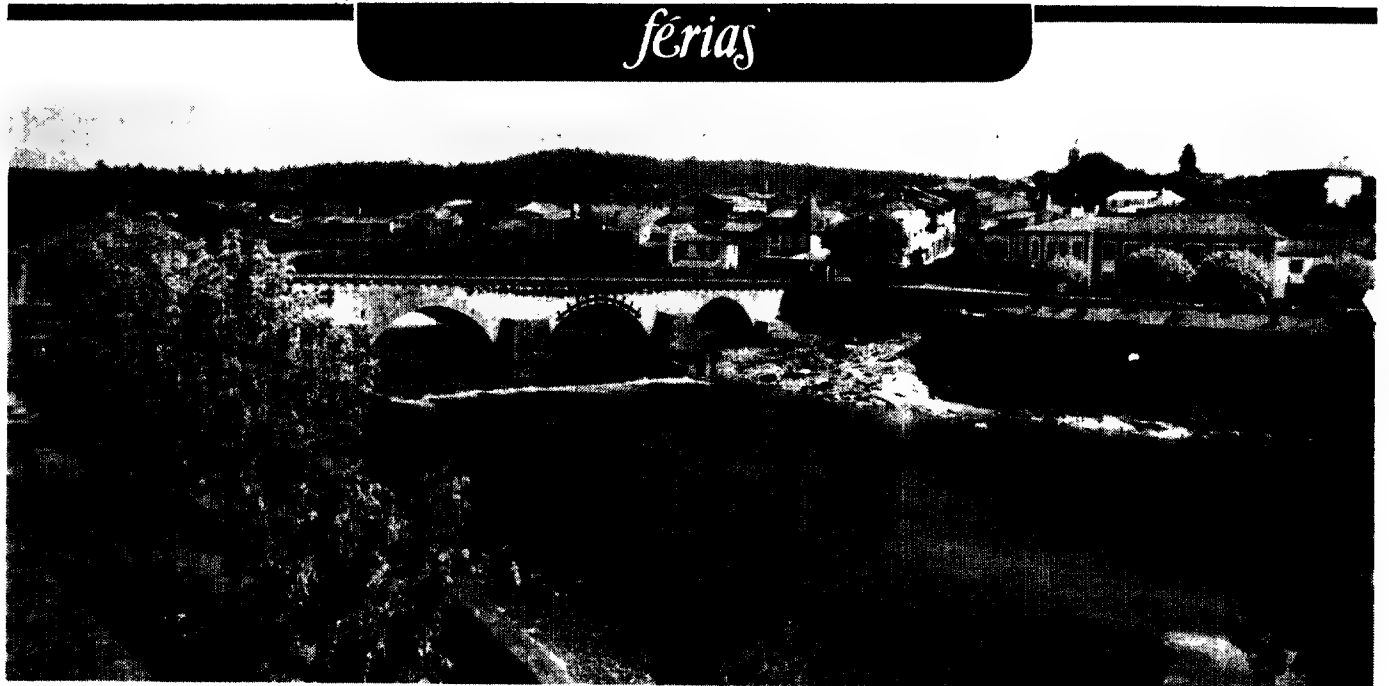
Os eucaliptais portugueses onde se registem casos de «Phoracanta Semipunctata» vão ser abatidos e as árvores destruídas por carbonização ou estilhaçamento.

A resolução é do MAP, vem hoje no «Diário da República», e visa eliminar aquela praga, que recentemente entrou em algumas das nossas florestas.

A praga é de origem australiana e a área florestal (eucaliptal) afectada será ainda pouco significativa. De qualquer modo:

a portaria que o MAP faz sair no boletim oficial de hoje diz que «a importância económica e social e o impacto do eucaliptal no coberto florestal do País impõem-se tomar medidas de sanidade florestal imediatas para a sua protecção».

A portaria estabelece as normas a que as destruições de eucaliptal afectado deverão obedecer, prevendo, entre outras coisas, a criação de «brigadas de campo» para as acções que se impõem.



Na outra margem, da cidade, Barcelinhos

O Minho em viagem (2)

Barcelos, a feira e o resto

Três dias no Gerês, e eis que partimos. Com destino a Braga, em primeiro lugar. Depois, se veria.

Pelo caminho, numa manhã cinzenta, ficavam os fragmentos de uma frustrante subida ao Gerês. De passagem, a albufeira da Caniçada, imenso lençol de água entre colinas e montes, de um verde aqui e ali marcado pelas mazelas de recentes incêndios.

Difícil se revelaria, nesta altura, garantir alojamento pelo Minho que trilhámos. As unidades hoteleiras são poucas, e caras. Para quem pouco interessado esteja em apostar no campismo — e outra ordem de problemas se levanta então — não fica muita margem de manobra. Sobre tudo se tiver arriscado partir à sorte, como nós próprios tínhamos decidido. Assim aconteceria em Braga, Barcelos ou Guimarães, etapas maiores da nossa «vagabundagem».

Nestas andanças, alguém nos diz, numa quinta-feira de Agosto: — Há feira grande em Barcelos.

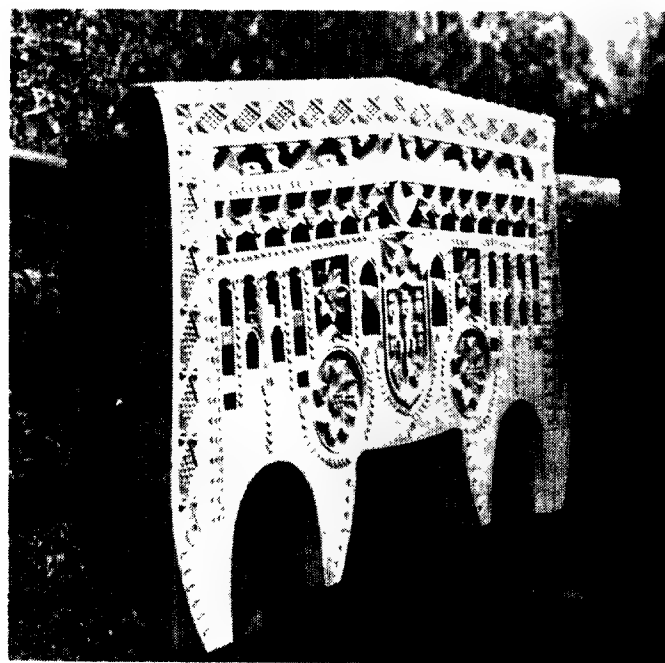
Vinte quilómetros é curta distância. Mas, com Sol forte, as filas de automóveis arrastam o tempo à entrada da cidade e tornam o ar difícil. Muitos são os emigrantes que aguardam, como nós, o momento de atravessar a estreita ponte que une as duas margens do Cávado. É dia de feira.

Sangue celta na feira grande

«Isto não é nada!», exclama um comerciante que interpelamos.

«Se viesse pelas Vindimas, então é que ficava a saber o que é feira grande».

A animação é enorme e o extenso terreiro não cede uma nesga. Milhares de pessoas, aparentemente indiferentes ao calor, cruzam-se em busca da



Juco de Barcelos, uma obra-prima de engenho

lembrança ou do utensílio necessário.

Ali, vende-se tudo. Roupas feitas e tecidos, calçado e alfaias agrícolas, fruta e doçaria, sementes e produtos da terra. Os pregões chocam-se no ar e em nós. Uma espantosa animação.

Uma feira é uma feira, dirá o leitor. Qual é a diferença?

O Minho é verde. Mesmo nesta altura do ano, com a falta de água que se faz sentir um segredo mágico ou de alquimia, por todos ignorado parece manter esta paisagem alheia ao que noutras áreas se vê.

E as pessoas? Como exprimir em palavras essa admirável vivacidade à flor da pele? Uma carga animada parece empurrar estes milhares de pessoas em todas as direcções. Sangue celta ainda presente nos corpos de tez branca e olhos claros? Não sei.

Apenas escrevo que uma força oculta, mas temível parece espreitar nas gentes que sucintamente encontramos e observamos.

A feira de Barcelos, é isto todas as semanas. Um terreiro com inúmeros feirantes e muitos milhares de visitantes. Um povoamento diferente que aqui registamos. Entre tantos homens e mulheres, os emigrantes.

Hora de emigrantes

Agosto é o seu mês. Em todo o País, claro. No Minho, já começaram a marcar indelevelmente o tecido social e o quotidiano.

Ao longo das estradas, não têm conta as casas dos emigrantes. E elas desfiguraram a paisagem, subverteram-na.

tornaram-na mesmo irreconhecível.

Contudo, não é tanto isso que deve preocupar-nos. Essa mutação traz a marca do que é irreversível: os materiais de construção circulam à escala nacional e não se pode proibir a sua utilização. Longe vai o tempo em que as especificidades regionais

trajar de aldeia, por exemplo, pouco diferente é do que pode ser visto nos bairros suburbanos da capital.

Por fim, o incontido orgulho que transportam quase raiando por vezes a insolência: com o seu dinheiro, automóveis, o linguajar alinhavado em francês.

Sinal breve

De Barcelos, se vê o oceano. Subindo ao Monte da Franqueira, onde todos os casamentos religiosos se fazem (dizem-nos), estamos subitamente perante um sinal breve da memória: um mar verde que antecede o outro, lá longe. E lembramo-nos das imagens lindas dos manuais escolares, que viam para nós o Minho em retalhos geométricos ornados a latadas. Nada mudou.

Da riqueza das indústrias artesanais, falaremos com outro vagar. O concelho, pode ser ler num folheto turístico, «é considerado o mais rico do País pela diversidade do seu artesanato». Não há exagero na afirmação.

Os barros de Galegos de Santa Maria, a latoaria de Carapeços, os gameleiros do lugar de Sobreiros, a tanoaria de Barcelos, o bordado de crivos, de S. Miguel, de Carreira, são testemunhos dessa riqueza ainda bem viva.

Sérgio Teixeira, responsável pelo Centro de Artesanato que funciona na Torre de Menagem



A feira: um povoamento diferente

marcavam indelevelmente o espaço arquitectónico. Essa batalha, quer se queira, quer não, está perdida.

O combate actual, por isso talvez seja pela preservação dos espécimes mais representativos de uma época ou de uma corrente. Ai, muito há a fazer, em Barcelos e em todo o País.

Falemos, pois, dos emigrantes. Eles contribuíram também poderosamente para a «liberalização» de costumes e hábitos. O

no centro da cidade planeia um Museu para o que procede presentemente à recolha de peças. Ali vimos algumas genuínas obras de Rosa Ramalho.

Afinal, basta, lembrarmos-nos de que o símbolo da cidade é um galo de louça. Ou que, tão representativo como ele, o músico em barro consagra uma tradição que os tempos não conseguiram vergar.

Carlos Pessoa



Rua Miguel Bombarda, 37, 41

Rua Eça de Queirós, 20

Telef. 297 31 23 — 2830 BARREIRO

**BREVEMENTE ESTEJA ATENTO
AOS NOSSOS FAMOSOS SALDOS
SÃO JÁ**

no próximo dia 1 de Setembro

Um processo em família Palma Carlos versus Palma Carlos no despedimento de Mensurado

Manuel João da Palma Carlos, instrutor nomeado pela RTP no processo disciplinar levantado contra José Mensurado, aparece agora como testemunha da Televisão e não como seu advogado, no processo em que se decide sobre a suspensão do despedimento pedido por aquele jornalista ao Tribunal do Trabalho.

Substituindo Palma Carlos, é seu filho Norberto João o novo advogado da RTP que, de acordo com fontes dignas do maior crédito, levará agora até ao fim tudo quanto se refira à parte judicial da contenda Mensurado-RTP.

Ontem à tarde estava marcada uma sessão no 11.º Juízo do Tribunal do Trabalho onde o juiz ouviria ambas as partes e, possivelmente, decidiria sobre o pedido de Mensurado.

No entanto, só este compareceu. A RTP faltou, mas entregou uma contestação assinada por Norberto João da Palma Carlos, na qualidade de seu advogado com procuração e onde se indicavam quatro testemunhas, entre as quais avultavam o seu próprio pai e a directora de Programas, Maria Elisa Domingues.

Entretanto, o «DL» soube de fonte segura que José Mensurado, que tem tido como advogado Miguel Galvão Telles, verá juntar-se a este um novo causídico, Guilherme da Palma Carlos, sobrinho do dr. Manuel João.

Todos estes nomes e a ligação familiar existente entre si augura uma batalha legal curiosa de seguir e uma pertinente pergunta: que faz correr a família Palma Carlos?

Por outro lado, o juiz do 11.º Juízo mandou juntar aos autos o processo disciplinar movido contra Mensurado (cerca de 400 páginas) e adiou a sessão para 8 de Setembro, admitindo-se que ainda não seja nessa data que o pedido de suspensão do despedimento será resolvido.

Este pedido feito no dia 6 do corrente nos termos da lei (que determina que um trabalhador despedido pode requerer ao tribunal a suspensão dessa decisão, três dias após a Comissão de Trabalhadores se ter pronunciado desfavoravelmente ao despedimento), deverá ter uma decisão do juiz no prazo de 30 dias, após o que e num prazo igual, o trabalhador poderá recorrer ao Tribunal do Trabalho pedindo a anulação do despedimento argumentando com a inexistência de justa causa, quer o juiz defira ou indefira o pedido de suspensão.

Ainda de acordo com a lei, o juiz poderá suspender o despedimento quando, numa primeira apreciação, entenda ter havido despedimento sem justa causa (embora, normalmente, as suspensões ocorram quando houve vícios processuais).

O «DL» que já conhecia a substituição dos advogados da RTP tentou infrutiferamente confirmar estas informações junto dos drs. Manuel João da Palma Carlos e de seu filho, João Norberto bem como junto dos serviços de Imprensa e do contencioso da Televisão.

Aqueles causídicos não se encontravam no escritório, apenas

se sabendo que João Norberto da Palma Carlos, interrompera as férias para regressar a Lisboa no início desta semana. Junto da Televisão nada se soube visto que, de acordo com os serviços de Imprensa ninguém ali se encontrava que nos pudesse informar e, nos serviços de contencioso, o funcionário de serviço declarou não poder dar informações sobre o «caso Mensurado».

Recorde-se ainda que este jornalista foi citado por Manuel João da Palma Carlos inquiridor do processo de despedimento nomeado pela RTP, para ser ouvido num segundo inquérito sobre alegadas injúrias contidas na sua defesa durante a inquirição que levaria ao seu despedimento. Este segundo inquérito para o qual ninguém vê razão, a não ser a sanha persecutória de Proença de Carvalho, poderá não ser mais do que um expediente que leve a um novo «despedimento» de Mensurado, caso este veja suspenso o primeiro ou veja, entretanto, resolvido a seu favor o processo que separadamente intentará contra a RTP por despedimento sem justa causa. Por outro lado, e admitindo-se que Proença de Carvalho, abandonado a Televisão, este novo inquérito poderia dar como resultado Mensurado não regressar à RTP enquanto Proença fosse o seu Presidente.

Acrescente-se que José Mensurado não compareceu à audição com Manuel João da Palma Carlos que teria lugar anteontem.

Os antecedentes

José Mensurado, primeiro jornalista da RTP a ser alvo de um despedimento após o 25 de Abril, alegadamente por frases consideradas injuriosas relativas ao presidente do Conselho de Gestão, Daniel Proença de Carvalho e ao director de Informação, Duarte Figueiredo, numa entrevista dada ao semanário «Expresso», numa altura em que Luís Fontoura era secretário de Estado da Comunicação Social.

Na mesma altura, Luís Fontoura, aceitara um convite de Mensurado — seu velho amigo — para almoçar na cantina do pessoal da RTP, mesmo antes de visitar oficialmente aquela empresa pública na sua qualidade de SECS.

Proença de Carvalho posto em causa por Fontoura no cargo que ainda hoje ocupa, não terá gostado da atitude daquele governante, admitindo-se que terá posto em prática a teoria de «matar dois coelhos de uma só cajadada», mal teve conhecimento da entrevista de Mensurado, tentando despedir este e atingir Fontoura ou, pelo menos, desafiá-lo por interposta pessoa, medindo forças com o seu secretário de Estado.

Entretanto, Luís Fontoura saiu do Governo solidarizando-se com Augusto do Amaral, que se demitira do cargo de ministro da Qualidade de Vida por «estar farto de engolir elefantes vivos». Destes elefantes, o maior seria a manutenção de Proença de Carvalho na RTP, mau grado promessas de Balsemão nunca cumpridas de o demitir, quicá por

«chantagem» ou pressões do CDS, ou devido a campanhas bem localizadas no tempo e accionadas em certos órgãos de Comunicação Social que iam atrasando o inevitável: a demissão do contestadíssimo presidente da RTP, como contestado já fora como ministro da Comunicação Social do Governo Mota Pinto.

Os advogados

Manuel João da Palma Carlos, prestigioso advogado e lutador contra a ditadura salazarista-marcelista, chegando mesmo a ter sido preso e deportado pelas suas actividades, e impedido de exercer a advocacia pelo prazo de 1 ano, celebrou-se ainda mais, como advogado de António Champalimaud (de quem Proença de Carvalho foi também advogado e no mesmo processo).

Depois do 25 de Abril foi embaixador em Cuba.

Nomeado pela Televisão, inquiridor do processo que levaria ao despedimento de Mensurado, teria recebido a verba de mil contos, por este trabalho, sendo por isso muito criticado por vários sectores, nomeadamente em editorial de 1.ª página no matutino «Portugal Hoje», considerado bastante próximo do Partido Socialista onde Palma Carlos está filiado. Nem este causídico nem a RTP desmentiram as verbas mencionadas (pelo menos nunca apareceu o competente desmentido nos órgãos de Comunicação Social). Logo após este violento editorial de «PH», Palma Carlos representaria o PS num encontro de vários dias em Marrocos.

A nomeação de seu filho João Norberto para acompanhar a fase judicial do «processo Mensurado» como advogado da Televisão, revela que algo se terá passado para que Manuel João não continuasse com o assunto em mãos.

Problemas deontológicos ou preservação do desgaste da sua imagem são possíveis respostas.

João Norberto da Palma Carlos, ficou conhecido nos jornais em Setembro/Outubro de 1974, devido ao facto de ser advogado da «OTC — Operation and Transport Corporation, Lda» e «Cindusta — Consultores Industriais, Lda». Os escritórios centrais da «OTC» estavam instalados no célebre iate «Apollo», cujas actividades alguns jornais ligaram à CIA. Na ilha da Madeira houve mesmo confrontações violentas que atingiram o pessoal do iate e lhe causaram alguns danos.

João Norberto, ameaçaria mesmo, em Outubro de 1974, alguns jornais e jornalistas com processos por difamação intentados pelos seus clientes.

Temos, pois que o «processo Mensurado» verá ligado a si dois advogados. Tudo indica, portanto, que a Televisão — ou melhor, os contribuintes portugueses — pagará bem caro aquilo que talvez não tenha passado de mais uma guerrilha pessoal no conturbado panorama político português.

trabalho

Marinha Mercante

Dois navios da Econave em greve desde o dia 21

Dois pequenos navios de contentores, propriedade da companhia portuguesa Econave, que receberam já ordem de partida, encontram-se há uma semana atracados no porto de Lisboa, em consequência do conflito laboral que opõe os marinheiros mercantes à administração da empresa.

A falta de pagamento de salários de Julho, das horas extraordinárias e o desconto, em todas as secções, dos cinco dias de greve cumpridos apenas pelos marinheiros (por convocatória sindical) estão na base da recusa das tripulações do «Eco-Tejo» e do «Eco-Mondego» em partir para o mar.

No «Eco-Mondego», embora os cinco dias da última fase de greve da Marinha Mercante, em Julho, tenham abrangido apenas os três marinheiros e um contramestre, toda a tripulação viu descontado nos seus salários de Julho esse período de paralisação.

Dois dos trabalhadores que não estavam sequer no navio no momento da greve, não receberam ainda quaisquer ordenados de Julho.

No «Eco-Tejo» o problema é semelhante, agravado pelo facto da empresa ter descontado os dias ao imediato, que se encontrava de licença, e ter fechado o refeitório por quatro

dias em retaliação pela greve cumprida em Leixões, forçando os trabalhadores a recorrer ao sindicato para se alimentarem — disseram os marinheiros.

As tripulações dos dois navios, atracados no porto de Lisboa, e já carregados para partir, decidiram assim, desde o dia 21, não efectuar qualquer manobra de largada, enquanto a empresa não satisfizer os seus compromissos salariais.

A situação de conflito devido a pagamentos às tripulações arrasta-se há um ano.

«A empresa só paga à força» — diz um elemento da tripulação do «Eco-Mondego». «Não podemos andar todos os meses nisto. Temos sido benevolentes e compreensivos, mesmo quando chegamos a porto e sabemos que as nossas famílias não receberam ainda os nossos ordenados, às vezes ao dia 20 do mês seguinte. Mas agora, isto tem de acabar» — acrescentou outro.

Desde o dia 21 que a tripulação do «Eco-Tejo» se encontra a cumprir os 16 dias de greve pelo encerramento do refeitório.

No entanto, as tripulações dos dois navios estão dispostas a partir mal a empresa satisfaça as reivindicações apresentadas, referiram os representantes sindicais.

Pescadores da Quarteira paralisados até serem recebidos pelo Governo

Os tripulantes de 300 barcos de pesca artesanal da Quarteira (Faro) decidiram ontem interromper a actividade e impedir a venda do pescado até serem recebidos pelo Governo para debate da situação no sector.

Os pescadores indicam o dia 3 de Setembro como data-limite para esse encontro, em que esperam ver garantida, nomeadamente, a aplicação de nova portaria de regulamentação da pesca artesanal.

O plenário foi convocado na sequência dos incidentes de quarta-feira em Portimão, onde a Polícia carregou sobre pescadores e familiares que protestavam contra o apresamento de três barcos de Olhos de Água.

Na reunião de ontem foram contestadas a malhagem imposta (40 milímetros), as limitações às luzes a utilizar na faina e o facto de os trabalhadores interessados não terem sido ouvidos antes de elaborada a legislação para o sector.

Ainda em relação ao apresamento de três embarcações no dia 3, o plenário aprovou um comunicado em que se afirma que os barcos

de Albufeira sempre pescaram na zona em questão e com as mesmas artes que aqueles sem terem sido considerados em falta.

O documento condena igualmente a intervenção da Polícia em Portimão, onde os pescadores concentrados apenas pretendiam «solicitar ordeiramente esclarecimentos sobre a legislação da actividade». A CLCR (Comissão de Luta Contra a Repressão) emitiu igualmente um comunicado em que protesta contra a intervenção policial naquela manifestação.

O documento diz nomeadamente o seguinte:

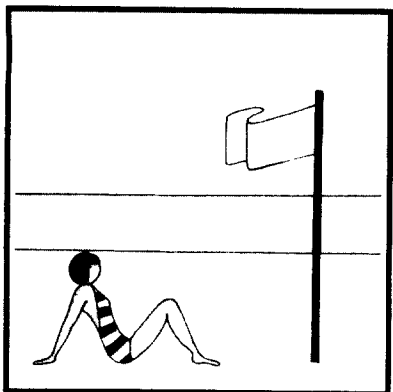
«Mais uma vez, a resposta do poder foi chamar a Polícia (com G3, bastões, viseiras e capacetes), espancando e prendendo vários pescadores, conjugando-se, assim a acção das forças militares com a das forças policiais na defesa dos interesses dos grandes armadores, que o mesmo é dizer, na defesa dos interesses das classes dominantes que exploram e oprimem o povo português».

Ref. Com.

A GRUNDIG REÚNE OS SEUS COMERCIAIS



Há dias, deslocou-se a Portugal, o responsável pelos negócios na Península de a da GRUNDIG, sr. Hans U. Hay, para, com as administrações das empresas Rádio SARL e Santos, Guimarães e Oliveira, SARL e seus sectores, estabelecerem a política comercial daquela marca para o ano de 1982, no que concerne à comercialização dos famosos video gravadores GRUNDIG.



CUMpra
os sinais das bandeiras

Ex-embaixador dos EUA em Moscovo adverte

É urgente que a Europa imponha o desarmamento

Chegou a hora da Europa, afirma o conhecido historiador, diplomata e perito norte-americano em temas soviéticos, George F. Kennan, referindo-se à contribuição que pode dar este continente para o desarmamento mundial.

O ex-embaixador de Washington em Moscovo disse que as duas superpotências estão nervosas, cheias de receios mútuos e creem o adversário capaz do pior, pelo que é urgente sentá-las a uma mesa de negociações.

Kennan afirma num longo artigo publicado quinta-feira no semanário federal-alemão «Die Zeit» que só os governos europeus podem restabelecer essa comunicação necessária entre Moscovo e Washington.

Kennan, que foi o estratega da política norte-americana de «contenção» da União Soviética em 1947, foi o único embaixador dos Estados Unidos em Moscovo, declarado pelo Kremlin «persona non grata».

Enquanto se fazem ouvir

vozes críticas norte-americanas em relação ao rearmamento nuclear europeu, na Alemanha Federal intensifica-se o debate sobre as novas armas nucleares destinadas ao velho continente.

Um dos últimos a levantar a polémica foi o general na reserva e conhecido pacifista, Gert Bastian, que acusou o Governo do chanceler federal-alemão, Helmut Schmidt, de escamotear dados relativos ao potencial atómico norte-americano nos mares europeus, para demonstrar, segundo ele, a suposta superioridade do Pacto de Varsóvia em armas de médio alcance.

Enquanto isto, a Holanda mantém a sua oposição à colocação da bomba de neutrões, declarou ontem o ministro (demissionário) dos Negócios Estrangeiros holandês Chris Van Der Klaauw.

Marcha antinuclear

Uma marcha antinuclear com um percurso de 160 quilómetros foi iniciada, na quinta-feira, em

Cardiff (País de Gales), por um grupo de 15 mulheres, algumas delas acompanhadas por crianças.

As participantes na marcha, transportando cartazes com inscrições antinucleares, demorarão dez dias a chegar à povoação de Greenham Common, no condado de Berk (Inglaterra).

Durante o percurso, e principalmente à passagem por instalações militares, o grupo manifestar-se-á contra o estabelecimento de bases atómicas.

A marcha, a primeira em que participam crianças, foi organizada por quatro mães de família, que desejam a presença das mulheres no debate nuclear.

A Espanha e a NATO

O Conselho de Estado espanhol deu ontem «luz verde» ao projecto governamental que visa subordinar à aprovação das «cortes» (Parlamento) o pedido de adesão da Espanha à Organização do Tratado do Atlântico

Norte (NATO).

O parecer favorável do Conselho de Estado, solicitado há uma semana pelo Governo de Madrid, abre caminho à apresentação — prevista para fins de Setembro — de um projecto de lei relativo a tal adesão.

De acordo com a Constituição, o Conselho de Estado, órgão consultivo supremo, pronunciou-se sobre a forma processual escolhida pelo Governo. Segundo este esquema, a apresentação do projecto governamental será seguida de breve debate no Congresso dos Deputados e de uma votação — provavelmente por maioria simples — que o Governo tem assegurada — homologando a proposta de Madrid de integração na NATO. Os 15 países membros da Organização Atlântica deverão seguidamente convidar formalmente a Espanha a aderir.

Os partidos Socialista (PSOE) e Comunista (PCE), que se opõem a esta integração, desejam que a questão seja resolvida através de referendo.



Liberdade de manifestação nos EUA: a Polícia dispersa, com brandura, um grupo de manifestantes, que se solidarizava com trabalhadores em greve, desde Março passado, numa fábrica de Westfield, Massachusetts. (Telefoto UPV/ANOP/«DL»)

A greve dos controladores nos EUA

Auxílios sindicais para os despedidos

Uma organização sindical norte-americana contribuiu com cem mil dólares (cerca de 6,6 milhões de escudos) para o fundo especial de ajuda às famílias dos controladores aéreos, em greve desde dia 3, soube-se em Washington.

Este é o primeiro apoio económico importante concedido aos trabalhadores em greve, e será depositado num fundo criado na semana passada pela central sindical «AFL-CIO» para ajudar os controladores.

O Conselho Executivo da organização «Trabalhadores de Comunicações dos Estados Unidos» concordou igualmente em utilizar até um milhão de dólares «em defesa do sindicalismo e das negociações colectivas no sector público».

Os 12 mil controladores em greve foram despedidos pelo presidente Ronald Reagan, com o argumento de terem violado as leis que proíbem aos trabalhadores federais o direito à greve.

Despedimentos

A companhia aérea «Western Airlines» anunciou ontem à noite

o despedimento de mil empregados, o que eleva para cerca de 11 mil o número de despedimentos naquele sector desde o início da greve dos controladores aéreos.

Estes despedimentos abrangem cerca de 10 por cento do pessoal da «Western Airlines». Em tempo normal, só teriam sido despedidas 100 pessoas no fim da estação alta, acrescentou o porta-voz da companhia.

Junto da firma indica-se que os principais quadros dirigentes aceitaram reduções salariais de 10 a 15 por cento e que foi decidido congelar todos os salários por um período indeterminado, como medida de economia.

Por sua vez, a «Continental Airlines» anunciou o despedimento de 700 empregados e reduções salariais.

Finalmente, a companhia aérea «Panam», que presentemente luta com graves dificuldades financeiras, acaba de lançar um verdadeiro ultimato aos 1300 funcionários que trabalham na Grã-Bretanha: que aceitem uma redução salarial geral de 10 por cento ou que se preparem para serem despedidos.

Canadá

Os crimes da Polícia Montada

O governo canadiano retirou à Polícia Montada muitos dos seus poderes de espionagem na sequência de crimes cometidos por elementos seus.

No relatório final de um inquérito de quatro anos à actuação da Polícia Montada, uma comissão governamental afirma que esta força, de 22 mil membros, tinha «institucionalizado» os desvios às leis e enganado ministros acerca da extensão das transgressões.

A comissão foi criada há quatro anos, quando surgiram alegações de que a Polícia Montada estaria envolvida em operações de gravações, violação de correspondência, roubo de dinamite e incêndio de bens pertencentes a um membro do movimento separatista do Québec.

Nessa província, 18 oficiais da Polícia foram acusados e estão neste momento a ser alvo de investigações acerca daqueles incidentes.

A comissão disse ainda que o primeiro-ministro, Pierre Trudeau, fora informado em Dezembro de 1970 de que a Polícia Montada tinha cometido «ilegalidades» nos últimos 20 anos.

Trudeau negou qualquer conhecimento prévio de desvios à lei perpetrados pela Polícia Montada.

O procurador-geral, Robert Kaplan, indicou que apresentará na próxima Primavera novas leis restringindo os poderes da Polícia Montada para abrir corres-

pondência privada, entrar em instalações e ter acesso a informações confidenciais sobre os cidadãos.

«Quando uma força policial nacional está combinada com uma agência de espionagem de segurança, que opera secretamente e que tem potencialidades para prejudicar o funcionamento democrático do país, parece-nos que foi criada uma organização demasiado poderosa — acrescentou Kaplan.

Argentina oferece tropas à Junta de El Salvador

O Governo argentino ofereceu-se para enviar tropas, a fim de auxiliar a Junta de El Salvador a reprimir o movimento revolucionário — informa a IPS. De acordo com a mesma fonte, as FFAA de El Salvador agradeceram a oferta, rejeitando-a, porque de momento tal ajuda «não é necessária».

Numa conferência de Imprensa dada na capital salvadorenha pelo ministro da Defesa de El Salvador, coronel Guillermo

Garcia, este confirmou as informações vindas a lume na Imprensa sobre a oferta de ajuda de Buenos Aires.

Ao mesmo tempo, confirmou a existência de um «plano de desanuviamento» da situação com vista à realização de eleições no próximo mês de Março, mas — disse — a «imagem de violência» que o país está a oferecer pode prejudicar esse processo. Segundo o ministro o exército repudia os assassinios ocorridos

nos últimos dias (recorde-se que cem cadáveres decapitados foram descobertos em várias zonas do país), negando que tais mortes tenham sido cometidas pelos militares.

Segundo o ministro, o Exército controla militarmente todo o território nacional, mas há «zonas de conflito» no Norte de Chalatenango, Morazan e Cabanas e nos departamentos orientais de San Vicente e Usulután.

No tocante ao auxílio dos EUA,

o ministro confirmou que Washington enviará mais quatro helicópteros a juntar aos dez que já enviou, e que os «conselheiros militares dos EUA» vão ser rendidos por outros. Segundo o ministro, o número desses conselheiros é de 39 a 41.

Enquanto isto, atentados bombistas provocaram o corte de energia eléctrica à capital do país, que ficou mergulhada na escuridão na noite de quarta para quinta-feira.

Possível encontro entre Cheysson e Arafat

O ministro dos Negócios Estrangeiros da França, Claude Cheysson, partiu de Paris para uma viagem de três dias à Jordânia, Líbano e Síria, na primeira visita de um membro do actual governo francês ao Médio Oriente.

A etapa mais importante deste périplo, é o possível encontro de Cheysson com o líder da Organização de Libertação da Palestina, Yasser Arafat. No momento da sua partida para o Médio Oriente, o ministro francês reafirmou o seu interesse em encontrar-se com Arafat, embora ainda não seja conhecida a

data nem o local do encontro. Arafat desejaria receber Cheysson na sede da sua Organização, o que significaria o reconhecimento de facto da OLP como único representante dos Palestinos, e constituiria uma alteração na posição francesa até agora adoptada.

Panamá será medianeiro entre EUA/Líbano

O secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, informou o ministro panamiano dos Negócios Estrangeiros da função medianeira do seu país, no conflito

entre os Estados Unidos e a Líbia. A escolha de Waldheim prende-se com o facto de o Panamá presidir actualmente ao Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Entretanto, o presidente americano, Ronald Reagan, revelou que os pilotos libios, cujos aviões foram abatidos pela força aérea americana, se encontravam vivos e salvos. Na sequência do confronto, o Pentágono tinha assinalado que um dos pilotos libios tinha saltado de pára-quedas e que o outro teria perecido na explosão do seu aparelho.



Claude Cheysson, ministro dos Negócios Estrangeiros francês

Socialistas de Bolonha querem «euromísseis»

O Partido Comunista Italiano (PCI) foi derrotado quarta-feira numa votação na Assembleia Municipal de Bolonha, facto que se regista pela primeira vez em 35 anos. soube-se ontem nessa cidade.

Uma moção apresentada por democratas cristãos, socialistas, sociais-democratas, liberais e republicanos, todos da coligação governamental, de apoio à instalação em Itália de mísseis nucleares norte-americanos ob-

teve 28 votos a favor (dos propoñentes) e 21 contrários (sendo 20 dos representantes comunistas e um do Partido Democrático do Proletariado).

A votação reflecte a crescente tensão existente entre o PC e os

socialistas que habitualmente votam juntos em questões locais referentes à Bolonha, cidade conhecida pela «Capital da Cintura Vermelha», e governada pelos comunistas desde o final da Segunda Guerra Mundial.

Londres: manifestações de rua proibidas durante um mês

O ministro britânico do Interior William Whitelaw, proibiu hoje todos os desfiles políticos em Londres, até 28 de Setembro, a pedido da Scotland Yard.

O pedido fora formulado para evitar potenciais choques entre a Frente Nacional, da extrema direita, e a Liga anti-Nazi, que planeiam desfiles simultâneos para o próximo domingo, na zona londrina de Fulham.

O ministro indicou que durante um mês serão permitidos desfiles públicos de carácter religioso, festivo ou cerimonial, mas nunca de conotação política.

O organizador da Frente Nacional, Martin Webster, declarou à Scotland Yard que a manifestação do seu partido se realizaria de qualquer modo, apesar da proibição.

Um juiz considerou a crise económica, responsável pelo suicídio de dois jovens de 19 anos desempregados.

Os dois rapazes, amigos de infância, Graeme Rathbone, e Sean Gran que moravam em Widnes, perto de Manchester, mataram-se juntos em Maio ligando uma panela de escape ao interior dum automóvel onde se fecharam. As famílias deixaram uma carta dizendo: «Que nos resta para viver, se não há traba-

lho para ninguém?»

O magistrado concluiu que os dois amigos se tinham efectivamente suicidado e atribuiu o seu gesto desesperado à situação económica que reina no país.

Há cerca de três milhões de desempregados na Grã-Bretanha.

Motins no Ulster

O Sinn Féin condenou quinta-feira os motins de Derry e considerou-os prejudiciais à causa dos grevistas da fome na prisão de Long Kesh (Maze).

Jovens continuaram, no entanto, a atacar as forças de segurança na segunda cidade da Irlanda do Norte.

A posição do Sinn Féin surge na sequência de um ataque verificado quarta-feira a um carro blindado da Polícia. Ao errar o alvo, a bomba utilizada feriu gravemente uma mulher e três crianças que se encontravam numa viatura estacionada. As vítimas encontram-se fora de perigo.

Por outro lado, o próximo preso a morrer em Long Kesh poderá ser Lawrence McKeown que já vai no 60.º dia de greve da fome e sua família está proibida de o visitar.

Missil contra avião-espião Coreia do Norte desmente

Os EUA mostraram-se ontem muito irritados e ofendidos com a Coreia do Norte, depois de - terem obtido a confirmação de que o missil que ontem quase atingiu o supersônico avião-espião «Blackbird» ou «SR-71» (sucessor do célebre U-2) no «espaço aéreo internacional» junto da Coreia, foi disparado pela Coreia do Norte. Encolerizados com esta «grosseira violação das leis internacionais» e prometendo «tomar todas as medidas necessárias para proteger os aviões e respectivos pilotos», os EUA convocaram para hoje uma reunião de emergência da Comissão de Armistício, prometendo, ao mesmo tempo, continuar com esses voos.

A Coreia do Norte recusou-se a comparecer à reunião e esta manhã publicou um puro e simples desmentido do incidente.

Enquanto isto se passa numa zona altamente explosiva do mundo - e com semelhanças bem curiosas com os incidentes ocorridos no Golfo de Syrta com os EUA e a Líbia - em Pequim os dirigentes chineses recebem o ex-presidente James Carter dos EUA e deixam-se-lhe da «estagnação» actual que se verifica nas relações entre eles e os seus recém-aliados norte-americanos.

Por agora, os chineses ainda não se pronunciaram quanto à questão do missil norte-coreano. E não se sabe também em que pé andam as espúrias alianças entre Washington, Pequim e Pyongyang sobre o Kampuchea.

Guerra da China contra o Vietname

Os dirigentes chineses empenham-se numa «verdadeira guerra não declarada» contra o Vietname, considera hoje a «Pravda».

Pequim utiliza sucessivamente as provocações armadas e a diversão económica e outras «actividades criminosas» contra Hanói, indica o órgão central do PC da URSS.

Desde o início do ano, a China provocou, segundo o jornal, mais de 1800 incidentes armados na fronteira e os navios chineses violaram por 789 vezes as águas territoriais vietnamitas. As forças militares aéreas chinesas efectuaram numerosos voos de «espionagem» sobre o território vietnamita, acrescenta a «Pravda».

A «soldadesca chinesa» ocupa desde Maio último algumas localidades nas províncias (vietnamitas) de Langshon e Hattien, e, nos últimos tempos, não cessa de enviar para o Vietname «grupos de diversão e de espionagem» que se dedicam ao terrorismo, afirma ainda o jornal.

Execuções no Irão

Onze «Mujahidin Khalq» (Esquerda islâmica) e dois membros do «Peykar» (Marxistas-leninistas) foram executados na terça e quarta-feira em várias províncias iranianas, anunciou ontem o diário «República Islâmica».

Por outro lado, os Guardas da Revolução e membros das Comissões Revolucionárias prenderam ao todo, segundo anunciou a Rádio Teerão, 115 elementos de esquerda islâmica, e de grupos marxistas-leninistas, em diversas localidades do país.



O ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, Lord Carrington, recebeu em Londres uma delegação da OUA que debateu com aquele membro do Governo inglês a questão da Namíbia e a agressão racista a Angola. (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

ONU debate hoje agressão contra Angola

● Racistas retiram

A situação em Angola agravou-se ontem, dia em que Luanda pediu a convocação urgente do Conselho de Segurança da ONU.

A agência noticiosa angolana, ANGOP, refere que a aviação sul-africana bombardeou a cidade de N'Giva (antiga Pereira d'Eça), capital provincial do Cunene, próxima da fronteira com a Namíbia. Violentos combates estão a ser travados nos arredores da cidade, com as Forças Armadas da RPA a responder à tropa racista e mercenária, cuja invasão está a merecer a condenação de todo o mundo, apenas com as habituais reticências do imperialismo ianque, interessado na sua política de boas relações com o regime ainda no poder em Pretória.

A solicitação do Presidente da RPA, José Eduardo dos Santos, foi atendida, e o Conselho de Segurança da ONU vai reunir-se hoje mesmo. Eduardo dos Santos apela ao Conselho para que tome medidas que impeçam uma confrontação na zona e que seja decidida a retirada imediata de todas as tropas sul-africanas usurpadoras em território soberano de Angola.

O início da sessão está previsto para as 20.30 horas de Lisboa.

De recordar que a invasão militar racista à RPA foi desencadeada na passada segunda-feira e imediatamente condenada pela União Soviética, pela Líbia, pela grande maioria dos países africanos e da Europa Ocidental, tendo-se ficado em Washington por uma breve declaração em que se «deploravam» os acontecimentos.

Entretanto, mais pormenores surgem acerca da agressão racista: os efectivos de Pretória ainda em território angolano são avaliados em três ou quatro brigadas da infantaria apoiadas por aviões «Mirage» e «Buccaners». Sabe-se que estas forças atacaram unidades das FAPLA (Forças Armadas de Angola) estacionadas em áreas situadas a mais de 100 quilómetros da fronteira com a Namíbia.

Singulares são as meias-tintas da administração Reagan, aliadas a descaloradas invasões. Os tradicionais «parados» dos E.U.A., mesmo no âmbito da NATO, não hesitaram em condenar a agressão. Entre eles, a Holanda, a França, a Grã-Bretanha, a R.F.A. e Portugal.

O dirigente líbio, coronel Gaddafi afirmou já que o povo do seu país está inteiramente disposto a combater ao lado do povo angolano.

A URSS reafirmou igualmente a sua solidariedade para com Angola e a agência TASS acusou ontem os Estados Unidos de apoiarem e encorajarem a política terrorista de Pretória.

Em Adis Abeba, a Organização de Unidade Africana pediu aos seus países membros que rompessem relações com a África do Sul e fizessem pressão para que o país do «apartheid» fosse expulso das Nações Unidas.

Pretória, por seu lado, não esconde que seria seu objectivo «destruir o Estado maior da SWAPO», movimento independentista da Namíbia, o único reconhecido pela ONU.

Ao que indicam os últimos telegramas recebidos na nossa Redacção, as tropas pretorianas encontraram dificuldades na destruição daquele alegado «estado-maior». Os guerrilheiros da SWAPO continuam a resistir, apesar de as forças racistas, segundo, agora, declarações do embaixador da RPA em Bruxelas, tenham penetrado 300 quilómetros em território angolano, tenham ocupado a cidade de Xangongo, antiga Vila Roçadas, e tenham chegado às portas da cidade de Tchibemba.

A ocupação de Xangongo, foi confirmada por um comunicado do Ministério angolano da Defesa. O comunicado afirmava nomeadamente que a cidade fora totalmente destruída e que as tropas racistas ocuparam igualmente a ponte sobre o rio Cunene, que separa as províncias do Cunene e de Huila.

Os lamentos

de Roelof Botha

O ministro dos Negócios Estrangeiros

sul-africano, Roelof Botha, lamenta, em missiva que dirigiu ao secretário-geral das Nações Unidas, que esta organização tenha «uma simpatia especial pela SWAPO», que há quinze anos vem lutando pela independência do antigo Sudoeste Africano.

«Observai e actuai» - convida Botha, na carta dirigida por ele a todos os membros do Conselho de Segurança. Por seu turno, o representante angolano junto da ONU, Eliseo de Figueiredo sublinhou que Angola nunca atacou a Namíbia e acrescentou: «Angola não tem fronteira com a África do Sul. A África do Sul ocupa ilegalmente o território namibiano e é a partir daí que comete os comprovados actos de agressão contra o meu país».

Racistas ameaçam

As autoridades militares sul-africanas ordenaram o recolher obrigatório durante a noite na região fronteiriça da Namíbia com Angola.

O porta-voz militar sul-africano, coronel Leon Meyer, disse que o recolher obrigatório entrava imediatamente em vigor e que todo o movimento nocturno de civis nas estradas secundárias da zona fronteiriça ficava proibido.

Acrescentou que as forças militares na região estão a «tomar medidas que podem provocar a morte de civis» se estes não respeitarem o recolher.

Entretanto, o comando militar da zona reabriu ao tráfego civil o aeroporto de Ondangwa junto da fronteira com Angola mas um porta-voz militar recusou-se a dizer se esta medida indicava um decréscimo dos ataques a Angola ou a aproximação da retirada das tropas sul-africanas que entraram no sul daquele país.

Ganhar tempo?

A agência de informação angolana (ANGOP) voltou hoje a afirmar que as forças sul-africanas procuravam actualmente ganhar tempo, de modo a poderem retirar-se discretamente de Angola, em virtude da atitude de repúdio internacional. A agência sublinhou por outro lado «o descaramento» do primeiro-ministro sul-africano Pieter Botha, ao declarar que os actuais combates se deviam a intervenção das forças angolaanas, num momento em que as tropas sul-africanas se limitavam a perseguir guerrilheiros da SWAPO.

Para os observadores em Pretória, o ataque sul-africano teria sobretudo como objectivo impedir uma eventual ofensiva da SWAPO antes do debate das Nações Unidas sobre a Namíbia, previsto para princípios de Setembro.

Também a China

A China condenou a invasão sul-africana a Angola e pediu à comunidade internacional que ponha fim ao acto de «agressão».

Um comentário da agência «Nova China» afirma que «a frequência e novidade das invasões sul-africanas a Angola, um vizinho da Namíbia, tornam impossível que a comunidade internacional assista impávida e fique indiferente».

«A agressão sul-africana prova uma vez mais que este regime racista é a causa da instabilidade na África austral» - acrescenta.

A agência chinesa declara que o ataque «constitui uma grave violação da soberania e território angolanos, um novo crime contra a comunidade internacional».

Desemprego aumenta na CEE

Nos países da Comunidade Económica Europeia, o desemprego tem vindo a aumentar. Em final do mês de Julho do corrente ano, os países da CEE tinham 400 mil desempregados a mais do que no mês anterior, atingindo a soma global de 8,9 milhões de trabalhadores sem emprego, o que representa cerca de 8,1 % da população activa.

Segundo os peritos económicos da Comunidade, este aumento de desemprego é explicado pelo acesso dos jovens ao mercado de trabalho. Com efeito, as camadas etárias inferiores a 25 anos, representam 50 % do número total de desempregados em Itália, Luxemburgo e Holanda, e cerca de 40 % em França e na Bélgica.

Nos últimos doze meses, o número de trabalhadores sem emprego nos países da Comunidade Económica Europeia, registou um considerável aumento, de cerca de 30 %. Por outro lado, a situação de desemprego, consoante os sexos, revela para o conjunto da CEE, uma maior taxa para as mulheres. Assim, o desemprego feminino representa 9,1 % e a taxa para o sexo masculino ronda os 7,4 %. De acordo com fontes da Comunidade, esta situação tenderá a modificar-se, já que as últimas estatísticas revelam que o desemprego masculino está a progredir mais rapidamente.

Em número absoluto de desempregados, a Grã-Bretanha detém o primeiro lugar com 2,85 milhões, seguida da Itália (1,9 milhões), da França (1,6 milhões), da República Federal Alemã (1,24) e da Bélgica, com apenas 495 000 desempregados.

Em Itália, trabalhadores não recebem

Os 52 mil metalúrgicos da empresa «Italsider», ramo siderúrgico do grupo estatal italiano «Iri», não receberam o seu salário do mês de Agosto.

Já não é a primeira vez que a empresa se debate com problemas de liquidez; no presente caso o grupo não dispõe de 70 milhões de liras, mas esta situação é tanto mais estranha, como salientam fontes sindicais, porquanto a «Italsider» recebeu um financiamento extraordinário do Estado no montante de 1400 mil milhões de liras.

Em França a inflação aumenta

Em França, a inflação atingiu

em final de Julho. Passado um nível recorde, com um aumento de 1,7 % dos preços ao consumidor, o que eleva a 8 % de aumento desde o início do ano em curso. Só em Janeiro de 1980, a taxa mensal de aumentos de preços foi mais alta, 1,9 %.

RFA descontente com política económica de Reagan

O chanceler federal Helmut Schmidt teme que a actual política económica americana force a RFA a adoptar durante o próximo Inverno novas medidas de relançamento da actividade económica. Numa entrevista profunda ontem à noite pela televisão oeste-alemã, Schmidt admitiu a fraqueza das medidas de investimentos públicos erdas pelo seu Governo para lutar contra o desemprego. «Temos que nos habituar à ideia sublinhou o chanceler - que vez tenhamos de nos agarrar ao trabalho uma segunda vez, ninguém pode prever a situação económica do próximo ano».

O chefe do Governo alemão referiu ser provável que o défice orçamental americano seja «muito mais elevado do que se previu», e que a inflação continue a aumentar, o que, segundo as suas palavras, poderá impedir o desanvolvimento da política monetária americana, com consequência, agravar as dificuldades económicas da Europa.

«Guerra do vinho» azeda CEE

Uma reunião havida ontem em Bruxelas não desbloqueou o conflito que tem oposto as autoridades italianas a Paris. A comissão europeia, no comunicado final saído da reunião, aconselhou às autoridades de Paris a desbloquearem os 300 400 mil hectolitros de vinho italiano, que se encontram retidos nos portos franceses. Contudo, o comunicado menciona que a ausência de certificados de origem, que deveriam acompanhar os lotes de vinho italiano, a França está juridicamente no direito de reter o vinho na alfândega. Porém, alguns observadores da Comunidade consideram que o actual conflito, mais do que um mero episódio de discórdia, constitui antes um desrespeito pela livre circulação de mercadorias no interior da CEE, prevista pelo tratado de Roma.



AVENIDA JULIO DINIS

SALDOS

INICIAMOS OS NOSSOS FAMOSOS SALDOS DE:

CASACOS PELE
Para Homem e Senhora

**APROVEITE AGORA PARA COMPRAR
O SEU CASACO DE PELE COELHO
QUASE POR METADE DO PREÇO**

Brasil estreita relações com o mundo árabe

Nunca foi segredo para ninguém que o Brasil sempre cultivou as suas relações diplomáticas e comerciais com o mundo árabe com uma dedicação muito especial. A melhor prova desta atitude teve lugar em Agosto deste ano, quando o príncipe Saud Al Faisal, ministro dos Negócios Estrangeiros da Arábia Saudita, terminou a sua visita de quatro dias ao Brasil.

O ministro saudita conseguiu obter do Governo brasileiro o reconhecimento oficial de que a crise económica que se verifica actualmente em todo o mundo é anterior à política de preços do petróleo estabelecida em 1973 pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP).

Além disso, o príncipe Faisal regressou ao seu país com a garantia do reconhecimento por parte do Brasil aos direitos dos

povos palestinos.

Tomando como exemplo o que fizera o ministro dos Negócios Estrangeiros iraquiano há dois anos, o príncipe saudita reiterou o pedido para que o Brasil autorizasse a abertura de um escritório da Organização de Libertação da Palestina (OLP) em Brasília.

O ministro dos Negócios Estrangeiros brasileiro, Ramiro Saraiva Guerreiro, informou Faisal de que tinham já sido tomadas decisões neste sentido com a autorização para a abertura e consequente funcionamento de uma representação da OLP, do género das existentes em vários países da Europa Ocidental.

Em matéria tecnológica foram assinados acordos de cooperação científica e técnica. Estes acordos verificaram-se atendendo aos interesses do príncipe saudita que, nas poucas entre-

vistas que concedeu à imprensa, revelou que «o Brasil, por ser uma nação emergente, dispõe de uma tecnologia nova e acessível à comunidade árabe».

No entanto, foi no aspecto comercial que a visita de Faisal teve melhores resultados.

Num discurso pronunciado perante a Câmara de Comércio Árabo-Brasileira, em São Paulo, Faisal fez notar muito claramente que «a partir de agora a cooperação económica bilateral entre o Brasil e a Arábia Saudita vai ser consideravelmente aumentada».

Os primeiros indícios a este respeito são dados pelo anúncio da próxima visita ao Brasil, em Outubro, de uma missão saudita. Esta teria como objectivo negociar a compra de produtos mineiros (ferro e bauxite nomeadamente), em troca de petróleo a preços preferenciais.

Sabe-se, além disso, que até 1985 os sauditas investirão cerca de 160 mil milhões de dólares em obras de infra-estruturas na instalação de um parque industrial.

O Brasil, segundo as previsões dos técnicos que acompanhavam a comitiva de Faisal, poderá ter acesso a pelo menos 30 mil milhões de dólares daquele programa nos sectores da construção civil e estradas e no fornecimento de utensílios industriais.

Sempre na área económica, o ministro da Arábia Saudita escutou as petições relativas às dificuldades com que se confronta o Brasil para participar no fundo de desenvolvimento criado pela OPEP para os países do Terceiro Mundo.

Segundo os critérios da Organização dos Países Produtores de Petróleo, o Brasil é já uma

nação industrializada. Portanto, não pode beneficiar daquele fundo.

Faisal foi cauteloso ao abordar o assunto. Não se comprometeu a resolver o problema. Comentou apenas, laconicamente, que «alguns países estavam a ter dificuldades para receber os empréstimos, mas que esse assunto estava a ser resolvido».

Na realidade, a penetração brasileira no jovem mercado financeiro do golfo Pérsico não se limita apenas aos fundos da OPEP.

Muito antes do que o previam, os banqueiros europeus e norte-americanos (os intermediários privilegiados na reciclagem dos petrodólares), já o Brasil realizava incursões na comunidade financeira árabe.

Em fins do corrente ano, as operações directas entre bancos

brasileiros e árabes deverão atingir uma verba de aproximadamente 150 milhões de dólares.

Um estudo em elaboração por parte do Itamaraty (Ministério dos Negócios Estrangeiros brasileiro), ainda incompleto, mostra que o ano passado as importações dos produtos originários dos países árabes totalizaram 7,9 mil milhões de dólares. Os principais fornecedores foram o Iraque com 4,1 mil milhões, a Arábia Saudita com 2,1 mil milhões, o Kuwait com 760 milhões e o Irão com 500 milhões de dólares.

Em contrapartida, o Brasil conseguiu exportar para os países árabes cerca de 4 mil milhões de dólares. Em 1980, a Arábia Saudita absorveu 2,1% do total das suas importações do Brasil, o Irão 3,1%, o Kuwait 3,9% e o Iraque 12%.

Via Venexa

SAPATOS—MALAS

ALTA QUALIDADE

PARES ÚNICOS
BAIXA DE PREÇO

CENTRO COMERCIAL DE BENFICA, LOJA 5-F
ESTRADA DE BENFICA, 739 — 1500 LISBOA

NAS SUAS FÉRIAS
PODE COMPRAR O



TERMAS

- VIMEIRO João Ferraz
- MONTE REAL Anibal Pereira
- LUSO Pap. Luisa
- CALDAS DA RAINHA Pedro Franco — Jomália

**Aceitam-se assinaturas de férias
pelo período de 10 dias, ao preço de
15\$00 por exemplar**

**Pagamento antecipado através de
cheque ou vale de correio**

Remete para: Diário de Lisboa — Assinaturas
R. Castilho, 185-1.
1200 LISBOA

Câmara Municipal da Moita

ANÚNCIO

ADMISSÃO DE UM ARQUITECTO

Faz-se público, que se aceitam candidaturas para o provimento de um lugar de arquitecto de 2.ª classe, letra G, a que corresponde o vencimento mensal de 24 300\$00 e demais regalias da Função Pública.

O provimento será feito em regime de contrato de prestação de serviços, pelo prazo de 6 meses, com perspectivas de integração no quadro.

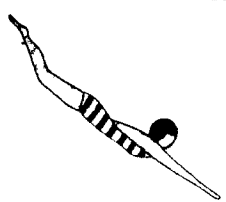
As candidaturas deverão dar entrada nesta Câmara até ao dia 10 de Setembro e os candidatos deverão especificar detalhadamente o seu curriculum escolar e profissional.

Paços do Concelho da Moita, 10 de Agosto de 1981

Pel'O PRESIDENTE DA CÂMARA

O vereador em exercício

José Luís Lopes Pereira



NÃO

dê saltos
em locais
que desconhece

Câmara Municipal da Moita

ANÚNCIO

ADMISSÃO DE UM SOCIÓLOGO

PEDIMOS:

- LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA
- EXPERIÊNCIA DE TRABALHO EM GRUPO

OFERECEMOS:

- VENCIMENTO CORRESPONDENTE AO DE TÉCNICO DE 2.ª CLASSE LETRA G, 24 300\$00.
- BOAS CONDIÇÕES DE TRABALHO
- CONTRATO DE 6 MESES, COM PERSPECTIVAS DE INTEGRAÇÃO NO QUADRO
- REGALIAS SOCIAIS EM VIGOR NO MUNICÍPIO

As candidaturas deverão dar entrada nesta Câmara até ao dia 10 de Setembro e os candidatos deverão especificar detalhadamente o seu curriculum escolar e profissional.

Paços do Concelho da Moita, 10 de Agosto de 1981

Pel'O PRESIDENTE DA CÂMARA

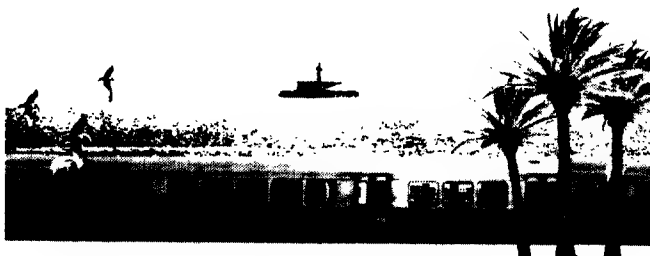
O vereador em exercício

José Luís Lopes Pereira

Linha de Cascais

Bilhetes para Domingos e Feriados

 Caminhos de Ferro
Portugueses



Vendem-se ao sábado ou véspera de feriado em CAIS DO SODRÉ, durante os meses de Junho, Julho e Agosto, das 15 h às 23 h.

Poupará tempo se comprar de ida e volta.

A Espanha no Mercado Comum: dificuldades da integração

«A Espanha condenada ao purgatório»... É nestes termos que a revista espanhola «Triunfo» refere a entrada do país na Comunidade Económica Europeia, considerando que esse facto poderá ajudar a Espanha a colmatar as suas insuficiências no domínio político e económico.

Considera-se habitualmente que a história das relações entre a Espanha e o Mercado Comum teve o seu início em Julho de 1977, quando o novo governo espanhol anunciou que iria lutar pela integração como membro de pleno direito na Comunidade.

Na realidade, porém, ainda no início de 1962, sob o Governo de Franco, a Espanha apelou aos contactos com a CEE. Verdade seja dita que a Comunidade negou então a filiação à Espanha, mas em 1970 concordou em estabelecer com o regime franquista amplas relações económicas, em termos de contratos de carácter preferencial.

Presentemente, os círculos europeus interessados na incorporação da Espanha no grupo dos «dez» preferem silenciar esse facto, dado que ele contradiz os seus argumentos quanto à «garantia da democracia» no país pela CEE.

Coincidência de interesses

Com efeito, existe uma determinada coincidência de interesses do grande capital financeiro e industrial das duas partes quanto à entrada da Espanha na CEE. Ao mesmo tempo, cada um deles procura obter o maior número possível de vantagens para si.

Ultimamente, tem-se assistido a uma evidente intensificação ou aceleração das negociações sobre a adesão da Espanha à CEE. Em Madrid, há quem fale na entrada no Mercado Comum em 1983 ou até 1982. É precisamente através desta óptica que deve ser encarado o encontro, em Março último, dos ministros

dos Negócios Estrangeiros dos «Dez» com o seu homólogo espanhol, Perez Lorca, que exigiu conversações mais dinâmicas e mais sérias.

No fundo, a Espanha não tem que temer um protelamento da questão, uma vez que, na reunião, os ministros europeus concordaram em «dinamizar» as negociações com a Espanha, o que parece pôr termo definitivamente à tática francesa de «pausa» para a solução dos problemas internos da CEE.

O «purgatório» espanhol

Que purgatório constituirá então para a Espanha o Mercado Comum?

Já em Novembro de 1978, a Comissão das Comunidades Europeias (CEE) preparou para as instâncias superiores da Comunidade o documento n.º 630, que analisa todas as consequências económicas possíveis que a adesão poderá vir a ter para ambas as partes.

Antes de mais, a CEE e a Espanha terão não só de se adaptar reciprocamente, como ainda de resolver em conjunto os problemas económicos complexos que o Mercado Comum enfrenta, e que apresentam uma tendência preocupante para se agravarem. Convém assinalar que, a par de Portugal e da Grécia, a Espanha será um dos membros mais pobres da Comunidade, já que o seu índice do produto global por habitante é cerca de 2,5 vezes inferior ao da Dinamarca ou da Bélgica.

Desde há alguns anos que a CEE enfrenta o problema do desemprego, que atinge actualmente uma envergadura sem precedentes: 8 milhões e 600 mil pessoas. A inflação é de 12,4 por cento em média. A Espanha está assim longe de constituir um presente ou um achado para a CEE: quando ingressar na CEE, o número de desempregados no país atingirá 1,6 milhões de pes-

soas, e a inflação irá oscilar entre 16 e 17 por cento.

Redução da produção

Tendo em conta o baixo nível de vida dos trabalhadores e os custos de produção relativamente baixos em comparação com os da CEE, nos primeiros tempos após a Espanha obter o livre acesso ao grande mercado da Comunidade, a produção industrial (aço, artigos têxteis, calçado, barcos, etc) e os produtos agrícolas espanhóis (legumes, frutas, vinho) serão mais competitivos do que as mercadorias correspondentes fabricadas noutros países da Comunidade.

A seguir, porém, a economia espanhola será arrastada e envolvida no processo da «reconstrução» da indústria e de aumento da rentabilidade da agricultura que vivem agora os «Dez». Conforme reconhece a própria CEE, este processo conduzirá à suspensão das capacidades de produção e ao decréscimo da ocupação em Espanha e não só. Também os construtores navais franceses dos estaleiros de Nantes, Saint-Nazaire e Marselha serão prejudicados com isso.

Ao mesmo tempo, segundo dados existentes, os principais estaleiros de Espanha deverão reduzir em 50 por cento as suas capacidades de produção, em comparação com 1975, e despedir de 20 a 30 por cento da mão-de-obra, ou seja, cerca de 10 mil operários.

Mais complicada será a situação com os produtos agrícolas do sul do país, cuja venda enfrenta desde já enormes dificuldades: a Comunidade, supostamente, sempre possuiu um carácter aberto e, já que as economias da Espanha, Portugal e Grécia sempre foram atraídas pelo mercado da CEE, será lógico fundirem-se num grupo único.

Grandes provações esperam ainda a Espanha noutros ramos, como a pesca e a siderurgia. No processo das negociações com

as instâncias de Bruxelas, o governo espanhol enfrenta sérias dificuldades, pois Bruxelas tenta formular um estatuto de adesão para a Espanha, que colocará os pescadores espanhóis numa situação precária.

O objectivo da CEE é acabar com a frota espanhola e liquidar assim o país como potência pesqueira — considera Jesus Hechevarez, presidente da Federação dos armadores espanhóis. Em resposta, Madrid ameaça exigir uma suspensão total das importações provenientes dos países da CEE, se estes não revelarem maior flexibilidade nas negociações.

Quanto à siderurgia, os representantes da Comunidade exigiram que a Espanha reduzisse em 15 por cento as suas exportações de aço para os «Dez», isto é, que em lugar de 850 mil toneladas passasse a exportar 723 mil.

É de prever também que as relações sociais na CEE ampliada sofrerão uma nova pressão por parte das multinacionais, que procurarão tirar proveito da disparidade salarial existente e do sistema de previdência social, visando com isso um maior recrutamento da política das limitações. Tal política não deixará de afectar dolorosamente os trabalhadores, tanto da Espanha como de todo o grupo dos «dez», em geral.

A integração política

Pronunciando-se a favor da ampliação do Mercado Comum, os representantes do grande capital apresentam fundamentalmente os seguintes argumentos: a Comunidade, supostamente, sempre possuiu um carácter aberto e, já que as economias da Espanha, Portugal e Grécia sempre foram atraídas pelo mercado da CEE, será lógico fundirem-se num grupo único.

Não será isto uma contradição? Não deve haver dúvidas a este respeito: a admissão da Espanha na CEE e o segundo alargamento da comunidade é encarado pelos líderes do Mercado Comum, antes de mais nada, como uma operação política. Ao levá-la a cabo, a Comunidade não deve tomar em consideração as dificuldades económicas algumas. É nisto que se reflecte directamente a abordagem de classe de toda a problemática da incorporação da Espanha. Portugal e Grécia na CEE.

No âmbito da CEE ampliada, as questões da integração política e de reconstrução das instituições adquirirão um novo estímulo. Sob o pretexto de facilitar a procura de soluções, determinados círculos pronunciam-se desde já pelo levantamento do veto à ampliação das atribuições do parlamento e da Comissão das comunidades europeias.

No âmbito da «Europa dos doze», os partidários da integração política procurarão modificar a estrutura dos organismos já existentes, e farão tudo para a criação da dita «Federação Nacional dos Estados Unidos da Europa».

As relações com a NATO

Tal perspectiva agrada particularmente aos dirigentes da NATO que procuram relacionar a entrada da Espanha na CEE com a sua adesão ao bloco.

Nesta campanha, o papel mais activo cabe aos Estados Unidos. Durante o recente encontro de Perez Lorca com o secretário-geral da NATO, Joseph Luns, este último procurou persuadir o seu interlocutor de que o alargamento da NATO à Espanha não pode ser «concebido como uma quebra do equilíbrio entre «Leste e Oeste».

Naturalmente que muitos políticos se apercebem dessa rela-

ção e dos perigos que daí podem advir. É bastante característica neste sentido a intervenção do senador socialista F. Morana Lopes no clube «Siglo 21»: «A nossa presença neste bloco político e militar — sublinhou o senador — não só não nos poderá trazer vantagens algumas, quer de carácter político, quer defensivo, como ainda nos prejudicará. Consideramos que a adesão da Espanha à NATO se repercutirá inevitável e negativamente nos seus interesses nacionais e, se por um lado exigirá despesas militares acrescidas, por outro, implicará o agravamento das nossas relações com uma série de países».

Ainda no ano passado, a mesma revista «Triunfo» escreveu: «Os rumores de que a Europa não nos quer receber na sua comunidade devido à presença ou ausência da ditadura são simplesmente um disparate...» Esta observação da revista espanhola, adquire porém significado especial tendo como pano de fundo a histeria militarista em torno da Espanha.

Dando sequência à analogia da «Triunfo», surge sem querer a pergunta: onde irá parar a Espanha quando passar o «purgatório» — ao «inferno» ou ao «paraíso»?

Conforme o demonstra a experiência, o «paraíso» da CEE não passa de um mito. Ao longo da sua existência, o Mercado Comum não conseguiu cumprir nenhuma das suas promessas: o progresso social e o desenvolvimento harmonioso da economia dos naídes membros, entre outros. Pelo contrário, tornou-se uma realidade o recrudescimento da exploração dos trabalhadores, a suspensão de ramos inteiros da economia e os novos gastos materiais com a corrida aos armamentos.

Numa palavra, estamos face a um dilema em que convém pensar seriamente. (NOVOSTI)

Direitos Humanos: o Evangelho é a arma de Perez Esquivel

por Antoine Char IPS

Discípulo de Mahtama Gandhi, Martin Luther King e Helder Câmara, Adolfo Perez

Esquivel, fundador do Serviço de Paz e Justiça da Argentina e Prémio Nobel da Paz de



Luther King



Hélder Câmara

1980, está decidido a socorrer os 150 milhões de pobres e oprimidos da América Latina, o seu atribulado continente. A sua única arma é o Evangelho.

Recentemente, durante a reunião anual do Conselho da Amnistia Internacional, que este ano pela primeira vez se realizou fora da Europa, em Montreal, Perez Esquivel conversou com a IPS.

«A democracia na América Latina desvaloriza-se ao mesmo ritmo que o peso argentino. Encontramo-nos numa situação de certo modo perigosa. Os traficantes de armas enriquecem-se graças à miséria do nosso povo», afirma Perez Esquivel.

Acrescentou que sem dúvida «brilha uma tênue luz nas trevas do continente. Muitas democracias ocidentais respondem aos nossos apelos e, além disso, existem países no continente onde a liberdade não é um sonho».

Parafrazeando Gandhi, Perez Esquivel declara-se moderadamente optimista ao dizer que «damos um passo atrás e dois à frente. Em suma, não se pode negar que sopram ventos de mudança no continente».

Apóstolo da não-violência política e da mudança social, o ex-professor de História de Arte que vive com a mulher e os três filhos em Buenos Aires, temendo constantemente pela sua vida, acentua repeti-



Mahatma Gandhi

das vezes que as transformações devem ter em conta em primeiro lugar, as necessidades espirituais dos seres humanos.

Adverte que «é necessário o interesse pelo que está por trás do processo de mudança. De outro modo, não vamos a lado nenhum...»

«Poderia dizer-se que sou utópico e, de certo modo, um anarquista, que encaro as coisas normalmente. Acaso não serão estes os ingredientes para criar uma sociedade dominada pela justiça? afirma Perez Esquivel.

Este argenteiro profundamente religioso e segundo cidadão do seupais a obter o Nobel da Paz está convencido de que na América Latina está

a surgir uma nova Igreja.

«Num continente onde as actividades religiosas a favor dos oprimidos se consideram em geral acções políticas, existe definitivamente uma nova Igreja, uma Igreja por e para os oprimidos», afirma Perez Esquivel, que foi preso e torturado pelo Governo militar em 1977.

Quando se lhe pergunta se o Evangelho é uma «arma» suficiente para transformar alguns regimes latino-americanos, o homem que em Outubro passado aceitou o Nobel da Paz em nome do «povo da América Latina» acentua que algumas vezes é inevitável o conflito armado.

«Não sou, é claro, partidário dele. Creio na não-violência.

Não se pode esquecer que frequentemente a vítima de ontem converte-se no verdugo de amanhã», acrescenta.

Perez Esquivel aceitou assistir ao Conselho Anual da Amnistia Internacional apenas porque desta vez estava em agenda uma nova forma de violação dos direitos humanos: os «desaparecimentos».

Só na Argentina, o número de desaparecidos vai de 6000 a 25 000 depois de serem presos por forças de segurança ou sequestrados por grupos paramilitares que se presume estarem directamente ligados aos serviços de informação militares e policiais.

DESPORTO

Não-Alinhados debatem desporto

Proposto corte de relações desportivas com Israel e África do Sul

Recorde: **246 horas aos saltos** **num trampolim**

Um estudante de 19 anos entrou para o Livro Guinness de recordes ao saltar num trampolim durante 246 horas consecutivas.

Jeff Schwartz, que conseguiu com a proeza juntar mais de seis mil dólares (cerca de 400 milhares de escudos) para a Sociedade Norte-Americana de Luta contra o Câncer, terminou os saltos às 2 horas locais de ontem (7 horas em Lisboa), ao adormecer durante uma pausa de cinco minutos.

«Quando acordar vai ficar surpreendido por ter adormecido. Fartámo-nos de o abanar, mas dormia que nem uma pedra», disse um amigo.

Schwartz tencionava saltar durante dez dias, dez horas, dez minutos e dez segundos. Mesmo assim, bateu o anterior recorde por seis horas.

O jovem, estudante de Psicologia, que se manteve em acção graças a batidos de leite, perdeu a sensibilidade nos pés antes de atingir as 130 horas.

Fórmula Um

Alan Jones

não preocupa Reutemann

O actual líder do Campeonato do Mundo de Condutores, Carlos Reutemann, apontou como principal adversário o brasileiro Nelson Piquet, não ligando grande importância à subida de forma de Alan Jones.

Jones, actual detentor do título, bateu o recorde da pista de Monza estabelecido pelo francês Jean-Pierre Jabouille em 1979, realizando uma volta em um minuto e 34,43 segundos, à média horária de 220,98 quilómetros.

Reutemann não pareceu preocupado com o regresso do seu companheiro de equipa à boa

forma, afirmando que «o campeonato vai decidir-se pela potência dos carros e neste momento o Brabham (de Piquet) está a andar melhor que o Williams».

«Tenho ainda todas as hipóteses de obter o título, mas o meu carro está menos competitivo do que no início da época e Piquet aproxima-se perigosamente», comentou Reutemann.

Jones e Reutemann estiveram em Monza a realizar testes de pneus e depois viajaram para Zandvoort, onde disputam domingo o Grande Prémio da Holanda.

Ciclismo

Grande prémio FC Porto **hoje na estrada**

O Grande Prémio do FC do Porto, prova ciclista organizada pelo clube nortenho, arranca hoje, às 21 horas, da Praça Velasquez, para um percurso de contra-relógio por equipas.

A prova termina no próximo domingo, estando inscritos setenta ciclistas. No total, o GP do FC do Porto tem uma extensão de 278 quilómetros, distribuídos por cinco etapas.



Serviços Municipalizados

Câmara Municipal do Barreiro

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO **DA EMPREITADA DE EMISSÃO** **«DOMÉSTICO TELHA NOVA —** **— NOVO HOSPITAL —** **— LAVRADIO (TROÇO MÉDIO)»**

Faz-se público que está aberto concurso pelo prazo de 30 dias contados a partir da publicação deste anúncio no «Diário da República», para arrematação da empreitada em epígrafe.

O acto público do concurso terá lugar no Serviço de Águas e Saneamento, pelas 10 horas do primeiro dia útil, que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Base de licitação 3 703 496\$00
Caução provisória 92 587\$00

Alvará exigido 4.ª Subcategoria da V categoria ou V categoria.

O programa de concurso, caderno de encargos e o projecto, estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Secretaria Técnica de Águas e Saneamento.

Barreiro, 26 de Agosto de 1981.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Alfredo Rodrigues de Matos

Meia centena de países Não-Alinhados decidiram em Trípoli «criar todas as condições favoráveis a um desempenho com êxito» dos seus desportistas nos Jogos Olímpicos de 1984, em Los Angeles.

A primeira conferência geral de educação física e dos desportos dos países Não-Alinhados decidiu esta semana na capital líbia pedir ao Comité Olímpico Internacional (COI) que reveja as suas normas de representação, de molde a facultar uma maior «democratização» naquele organismo.

Os Não-Alinhados referiram que nele estão representados somente 71 dos seus 147 comités olímpicos nacionais membros.

O COI foi ainda alvo de um pedido por parte dos Não-Alinhados para que actue junto do governo norte-americano, com vista ao cancelamento da

digressão da equipa sul-africana de rúgbi dos Springboks.

Os 54 países representados consideraram que caso os Springboks actuem nos Estados Unidos os Não-Alinhados ver-se-ão na «necessidade lamentável de recorrer a outras formas de protesto, a fim de provar a sua firme determinação de extirpar o 'apartheid' em matéria de desporto da cena internacional».

Esta conferência serviu ao estabelecimento do plano de acção dos Não-Alinhados no campo do desporto para o período de 1981 a 1985. Nele se conta a decisão de fazer admitir a Organização de Libertação da Palestina (OLP) no seio de organizações desportivas internacionais.

A conferência exprimiu um pedido de corte de relações desportivas de todos os países com Israel e África do Sul, a expulsão dos membros do COI desses dois países e ainda medida se-

melhante para com os países que mantenham relações de desporto com esses dois Estados.

Na reunião foi decidido pressionar a comissão ad-hoc da ONU encarregada da elaboração de uma convenção contra o 'apartheid' no sentido da apresentação desse texto o mais rapidamente possível na assembleia geral.

Os Não-Alinhados decidiram aliar-se a organizações não-governamentais com vista ao congresso olímpico de Baden Baden, em Setembro.

A posição comum deverá ser de salientar os pesados investimentos técnicos e económicos «que distorcem o espírito básico dos Jogos Olímpicos, concebidos primeiramente como celebrações de juven-

tude, criadores de amizade, irmandade e paz».

Samaranch encontra-se com Killanin

O presidente do Comité Olímpico Internacional, o espanhol Juan Antonio Samaranch, e o seu antecessor Lord Killanin tiveram conversações sobre a estratégia a seguir durante o congresso olímpico que se realiza em Setembro em Baden Baden (RFA), foi anunciado em Lausana.

Um comunicado oficial revela que Lord Killanin, presidente vitalício do COI, e Samaranch discutiram «os problemas mais importantes que o COI enfrenta, o futuro do movimento olímpico e em particular o décimo primeiro congresso».

Assistiu à reunião a dirigente do COI Monique Berlioux.

Não foram dados mais pormenores.

O congresso de Baden Baden inicia-se a 23 de Setembro.

Atletismo

Ovett: triunfo na milha **deve ser ratificado**

A melhor marca mundial da milha conseguida pelo britânico Steve Ovett deverá ser ratificada como recorde mundial, apesar de as normas internacionais não terem sido inteiramente cumpridas.

Dirigentes da Federação Internacional de Atletismo Amador (IAAF) desmentiram que o tempo de Ovett não seria oficialmente reconhecido por a prova não estar incluída no programa do «Meeting» de Koblenz (RFA).

John Holt, secretário-geral da IAAF, disse: «Certamente que recomendaré ao conselho a homologação do recorde».

Ovett melhorou o recorde mundial da milha com três minutos 48,40 segundos. O anterior recorde pertencia ao seu compatriota Sebastian Coe, com mais treze centésimos de segundo, desde há uma semana em Zurique.

A decisão de última hora dos organizadores do «Meeting» de Koblenz de autorizar a participação de Ovett na prova da milha, em vez dos 1500 metros, como estava previsto, não permitiu a sua inclusão no programa impresso.

Ovett e todos os outros participantes na prova estavam na lista dos 1500 metros.

Se o conselho da IAAF seguir rigorosamente as normas internacionais, o tempo de Ovett não poderá ser homologado.

Segundo as normas da IAAF, os recordes só podem ser homologados desde que as provas constem duma competição «que já tenha sido fixada, anunciada e autorizada pelo membro do IAAF do país onde a competição tenha lugar».

Segundo a mesma norma, «a competição, com os nomes dos atletas que nela participam, deve

ter sido mencionada no programa impresso do meeting».

Um soviético campeão **do Mundo do pentatlo** **moderno**

O campeão olímpico Anatoli Starostin (União Soviética) conquistou o título de campeão do Mundo do pentatlo moderno, categoria de juniores, no final da última jornada realizada em Berlim.

Starostin ganhou a medalha de ouro com 5470 pontos, seguido do alemão federal Michael Rehbein, com 5324 pontos, medalha de prata, e do soviético Alexeiev Kaplanov com 5282 pontos, medalha de bronze.

Por equipas triunfou a União Soviética, seguida da Alemanha Federal, Suécia, Grã-Bretanha e Hungria, num total de 33 países participantes.

Basquetebol

Pursley **amanhã** **no Atlético**

O Atlético reforçou a sua equipa de basquetebol, com o norte-americano Charles Pursley, 24 anos, 2,03 metros de altura, que deve chegar amanhã a Lisboa.

O técnico da equipa alcatarense, Bobby Kurts, descreveu o jogador como um «poste-armário» e revelou que Pursley estava a fazer testes para profissional na equipa de Kansas City, quando aceitou o convite do Atlético.

O clube lisboeta, conta já com o norte-americano Lawrence Russel-Bobiak e poderá adquirir outro jogador estrangeiro, possivelmente brasileiro, se houver acordo com o patrocinador.

O Atlético estreia-se dia 26 de Setembro no Pavilhão das Antas com o FC Porto, organizando depois em 3 e 4 de Outubro um torneio com as equipas do Ferrol, Espanha, Olivais e FC Porto.

Regatas Las Palmas-Funchal

Vega **o grande ausente**

Uma regata ligando Las Palmas ao Funchal terá início no próximo dia 3 de Setembro. Na mesma, participarão sete embarcações espanholas e uma madeirense, com inscrições já confirmadas.

O iate português «Vega», da Marinha de Guerra, é conside-

rado o grande ausente deste ano. Na prova do ante passado, vencida em tempo corrigido pelo iate espanhol «La Callandria», o «Vega» obteria, contudo, o melhor tempo na ligação entre Las Palmas e Funchal, totalizando a travessia em cinquenta e uma horas.

Andebol europeu

Torres Novas-Valência **na primeira eliminatória**

O Torres Novas defronta o Clube Balomano Iber de Valência na primeira eliminatória da Taça dos Campeões Europeus de Andebol Feminino, designou o sorteio efectuado em Basileia.

Nas competições masculinas, o Sporting joga com o USM Gagny, França, para a Taça dos Campeões e o Benfica enfrenta o

Liverpool, Inglaterra, na Taça dos Vencedores das Taças.

A primeira «mão» da eliminatória disputa-se entre 28 de Setembro e 4 de Outubro e a segunda na semana imediata.

Leões e benfiquistas jogam primeiro em casa, enquanto a turma torrejana desloca-se a Valência, antes de receber o conjunto espanhol no seu recinto.

Placard

Português e holandês **suspendem** **partida de xadrez**

O português António Fernandes e o holandês Hans Kuijff suspenderam a partida do Campeonato Mundial de Juniores de Xadrez, a decorrer na capital mexicana.

O líder do campeonato Jan Elvest, URSS, suspendeu igualmente a partida em que defrontava o britânico Nigel Short, que ocupa o segundo posto da geral.

Natação: **melhorado** **recorde** **dos 1500** **metros livres**

A nadadora Ines Diers, RDA, melhorou o recorde europeu dos 1500 metros livres, com 16 minutos 27,89 segundos, durante provas de selecção em Berlim, anunciou a agência ADN.

O anterior recorde pertencia à italiana Roberta Felloti, com 16.33,54 minutos, desde 1979.

Diers foi medalha de ouro nos 400 metros livres dos Jogos de Moscovo.

Campeão de **hóquei** **morto em** **acidente** **de viação**

Valery Kharlamov, principal jogador da selecção soviética de hóquei sobre o gelo, faleceu na sequência de um desastre de viação.

A mulher, de Kharlamov, Irina, que conduzia a viatura, morreu também no acidente, ocorrido nos arredores de Moscovo.

Kharlamov, 33 anos, começou a jogar na selecção soviética em 1969 e participou nos Jogos Olímpicos de Inverno de 1972 (Sapporo, Japão) e de 1976 (Innsbruck, Áustria). Em 1976, foi eleito o melhor avançado do campeonato do mundo.

Corremos **na Bélgica**

Uma equipa representativa do Inatel conquistou o 2.º lugar na prova de 30 km em estrada, que decorreu em Lillois (Bélgica).

Esta presença daquela formação portuguesa deveu-se a um convite da CFST (Centrale des Federations du Sport Travailiste de Belgique), e a equipa vencedora foi a da União Soviética, sendo soviéticos os primeiros quatro classificados individuais. Nas posições seguintes, classificaram-se a Suíça, Bélgica, Checoslováquia, França, Inglaterra, Irlanda e Polónia.

DESPORTO



Rodrigues Dias a braços com demasados jogadores lesionados

Se o "passe" entrar a tempo na FPF

Biffe pode ser cartada para o FC Porto

Em Belém, Artur Jorge, convocou para o encontro com o FC Porto o seguinte lote de jogadores: Jacinto João, Quim, Sambinha, Luís Horta, Lima, Alfredo, Carlinhos, Vítor Gomes, Baltazar, Tó Zé, Eurico, Toni, Osvaldo, Avelar, Moisés, Djão, e Biffe. Este último jogador tem mesmo assim dependente a entrada nas quatro linhas de chegar hoje à Federação o certificado internacional de transferência, o que não está absolutamente garantido.

Viseu:
prevista
receita
choruda

Em Viseu, reina uma certa euforia, evidente, pela visita do Sporting, para a disputa de mais um encontro da segunda jornada, ainda fresquinha, do Nacional, com a particularidade de reinar a maior das confianças quanto ao desfecho do encontro. Fernando Cabrita, técnico, visense, revelaria mesmo a um jornal da especialidade: **não temos nada a perder e pontuar está ao nosso alcance.**

Em termos financeiros a visita do Sporting a Viseu, espera-se, será bastante compensadora, admitindo-se que entre para os cofres da tesouraria do clube qualquer coisa como cinco mil contos.

Setúbal:
muitas
lesões

Para as bandas de Setúbal, o professor Rodrigues Dias terá de encontrar soluções para uma série de brechas criadas em face de existirem vários jogadores lesionados. Essa, aliás, será a maior preocupação dos setubalenses para o encontro com o Estoril Praia. Para além dos já lesionados Aloisio e João Cardoso, junta-se-lhes agora Pinto que, sabe-se em definitivo, não poderá mesmo jogar no domingo uma vez que se ressentiu de lesão anterior.

Boavista:
dezoito
em estágio

No Boavista registe-se a lesão de Coelho, impeditiva



Fernando Cabrita: confiança para passar obstáculo Sporting não falta

de alinhar frente ao União de Leiria. Mário Lino convocou para estágio os seguintes jogadores, que receberão o União de Leiria: Matos, Nunes, Queiró, Adão, Paulo César, Artur, Nelinho, Cacheira, Barbosa I, Eliseu, Barbosa II, Ailton, Almeida, Bravo, Diamantino, Jorge Silva, Vital e Palhares.

UEFA já tem jogos para árbitros portugueses

A UEFA já solicitou o concurso de árbitros portugueses para apitar jogos incluídos nas suas provas europeias relativas aos encontros da segunda mão a disputar na Suíça, França e Jugoslávia a 30 de Setembro.

Os encontros em causa dizem respeito às seguintes equipas: Zurique-vencedor do jogo Saint Etienne-Dynamo de Berlim (Taça dos Campeões Europeus); Bastia-Kotka (Taça das Taças) e Radnicki Nis-Nápoli (Taça UEFA).

Os nove elementos da arbitragem nacional a estarem presentes nas competições deverão em breve ser indicados à UEFA pelo Conselho de

Arbitragem da Federação Portuguesa de Futebol.

Guarda recebe e ganha ao «Luso Stars»

A Associação Desportiva da Guarda, actualmente na 2.ª Divisão, derrotou o «Luso Stars» do Quebec (Canadá) por 3-0. Ao intervalo o resultado era de duas bolas a favor da equipa guardense. Foram autores dos golos Ulisse, Arrifano Segundo e Rebelo.

Lusitano de Évora «ganhou Ritmo»

A equipa de futebol do Lusitano de Évora foi a vencedora do segundo «Troféu Ritmo», depois de derrotar o Desportivo de Antequera por 1-0, no jogo disputado nesta localidade espanhola.

Ao intervalo, as equipas estavam empatadas sem golos.

O golo dos portugueses foi apontado aos 47 minutos quando Alfredo, aproveitando uma falha da defesa local, centrou para Bolota, que não teve dificuldades em marcar.

Futebol britânico arranca amanhã com promessa de ser escaldante

Um dos mais discutidos campeonatos ingleses de futebol das últimas décadas tem início amanhã.

A subida de dois para três pontos por vitória, que constituiu a primeira alteração significativa dos regulamentos nos últimos 60 anos, foi adoptada para encorajar o futebol de ataque, mas teme-se que as equipas passem a defender a todo o custo as vantagens tangenciais.

O treinador do Manchester United, Ron Atkinson, considera que a alteração produzirá os efeitos desejados.

«Penso que as equipas vão passar a lutar com mais empenho pelas vitórias, pois, de acordo com o novo sistema de pontuação, os empates fora de casa deixam de constituir bons resultados», comentou.

«Mas as pressões financeiras a que os clubes estão sujeitos devido à subida incontrolável dos preços dos jogadores terão influência negativa no espectáculo, pois os futebolistas têm cada vez maiores responsabilidades e não podem falhar», contrapôs o presidente do Coventry City, Jimmy Hill.

Supõe-se que o registo disciplinar esta temporada será desastroso.

Se as desordens, que estiveram na origem de muitas decisões jurídicas proibindo espectadores de voltarem a poder assistir a jogos de futebol ao vivo, continuarem a dominar as bancadas, sem que outros passos sejam dados para resolver o problema, a média de assistências pode baixar novamente.

Os clubes aguardam que o ressurgimento da selecção nacional e a sua qualificação para a fase final do Campeonato do Mundo reabilitem o futebol, mas mesmo esse apuramento está em dúvida.

Jogo excessivamente defensivo

Apesar de o Liverpool e o Ipswich Town terem ganho competições europeias na última época, os campeões europeus, particularmente, vêm sendo criticados pelo seu jogo excessivamente defensivo.

Atkinson, cuja equipa intervém no jogo de maior interesse da primeira jornada, contra o Coventry, pensa que os três pontos da vitória «vão excitar o jogo e contribuir para a melhoria dos espectáculos».

Neste jogo inaugural o novo técnico do Coventry, Dave Sexton, vai defrontar o clube que o despediu na temporada passada após oito vitórias consecutivas.

Sexton aposta forte no jovem goleador Steve Whitton, 18 anos, contra o United: «Nunca vi

ninguém chutar com tanta força como Steve. Ele tem tudo para ser um grande jogador e merece ser titular».

O Manchester United, que vai apresentar os seus mais caros jogadores, Frank Stapleton e John Gidman, estará contudo desfalcado do centro-campista Kevin Moran, que fracturou o nariz.

Outro jogo aguardado com expectativa é o Manchester City-West Bromwich, em virtude de esta semana o City não ter conseguido adquirir Trevor Francis ao Nottingham Forest e ter ficado, entretanto, sem o seu avançado Steve McKenzie, que se transferiu para o West Bromwich.

O actual campeão, Aston Villa, defronta o novo primodivisionário Notts County, com a mesma equipa do ano passado em que não aparece haver lugar para a sua mais cara aquisição: Andy Blair.

O Ipswich Town, apontado como principal favorito, defronta o Sunderland com a mesma equipa que venceu a Taça UEFA em Maio, enquanto o Liverpool joga no campo do Wolverhampton com os novos elementos, Mark Lawrenson e Craig Johnston.

Peter Withe: o único

O dianteiro Peter Withe foi o único futebolista do campeão inglês Aston Villa escolhido pelo director técnico Ron Greenwood para os trabalhos da selecção com vista ao jogo com a Noruega em Oslo.

O encontro efectua-se a 9 de Setembro e conta para o grupo quatro europeu de apuramento para a fase final do «Mundial-82» em Espanha.

A Inglaterra precisa de bater a Noruega para manter intactas as hipóteses de apuramento. Apesar de liderar o grupo com sete pontos em seis jogos, pois ainda tem a sua posição ameaçada pela Roménia (seis pontos em cinco desafios), e pela Hungria (quatro pontos em cinco partidas).

Os 22 futebolistas convocados foram: Ray Clemence (Tottenham), Peter Shilton (Nottingham Forest), Joe Corrigan (Manchester City), Viv Anderson (Nottingham), Phil Neal (Liverpool), Dave Watson (Southampton), Phil Thompson (Liverpool), Russell Osman (Ipswich), Mick Mills (Ipswich), Kent Sansom (Arsenal), Terry McDermott (Liverpool), Glenn Hoddle (Tottenham), Bryan Robson (West Bromwich), Ray Wilkins (Manchester United), Trevor Brooking (West Ham), Steve Coppell (Manchester United), Kevin Keegan (Southampton), Paul Mari-

ner (Ipswich), Trevor Francis (Nottingham Forest), Tony Woodcock (FC Colonia-RFA), Peter Withe (Aston Villa) e Peter Barnes (Leeds).

Pontapé fatal

Um jovem futebolista venezuelano morreu vítima de um pontapé de um adversário.

José Gomez, 19 anos, foi atingido com um pontapé no fígado quando procurava driblar um adversário, durante o jogo entre a sua equipa, o Cantaura e o Anaco.

Transportado a um hospital próximo do campo, o jogador ficou algum tempo sem tratamento, devido a avaria no aparelho de raios X, o que motivou a sua transferência para outro centro clínico, onde morreria quando estava a ser radiografado.

Campeonato belga

Resultados da segunda jornada do Campeonato Belga de futebol: FC Liège - Winterslag, 3-1; RWDM - FC Brugge, 2-1; La Gantoise - Beerschot, adiado; Beveren - Lierse, 0-0; Waregem - Kortrijk, 0-0; FC Mechelen - Lokeren, 1-2; Antuérpia - Tongeren, 1-0; Cercle Brugge - Anderlecht, 1-2; Waterschei - Standard, 1-1.

Classificação: 1.º Beveren, 3 pontos; 2.º Antuérpia, 3; 3.º Lierse, 3; 4.º Anderlecht, 3; 5.º Lokeren, 3; 6.º RWDM, 2 (menos um jogo); 7.º FC Brugge, 2; 8.º Winterslag, 2; 9.º Tongeren, 2; 10.º FC Liège, 2; 11.º Waregem, 2; 12.º Standard, 2; 13.º Cercle Brugge, 1; 14.º Waterschei, 1; 15.º Kortrijk, 1; 16.º Beerschot, 0 (menos dois jogos); 17.º La Gantoise, 0 (menos um jogo); 18.º FC Mechelen, 0.

Seis clubes checoslovacos a par

Resultados da segunda jornada do campeonato checoslovaco de futebol: Slavia Praga - Banik Ostrava, 2-1; RH Cheb - Slovan Bratislava, 1-1; Inter Bratislava-Lokomotiv Kosice, 0-0; TJ Vitkovice-Sparta Praga, 0-2; Dukla Banska Bystrica-ZTS Petrava, 1-0; Zbrojovka Brno - Spartak Trnava, 3-1; Tatran Presov-Plastika Nitra, 1-1.

Classificação: Sparta Praga, 3 pontos; Zbrojovka Brno, 3; Bohemians Praga, 3; Dukla Praga, 3; Tatran Presov, 3; Plastika Nitra, 3; Slovan Bratislava, 3; Banik Ostrava, 2; ZTS Petrava, 2; Dukla Bystrica, 2; Slavia Praga, 2; Lokomotiv Kosice, 1; RH Cheb, 1; Inter Bratislava, 1; Spartak Trnava, 0; TJ Vitkovice, 0.

No Benfica: quatro treinaram sozinhos

O Benfica treinou ontem no Jamor para se aclimatar a relvado onde terá de receber o Portimonense, uma vez que a Luz está interdita por um jogo. O treino «encarnado» decorreu normalmente e com todos os jogadores do plantel de que dispõe Baroti, com quatro excepções: Jorge Gomes, Alberto, Cavungi e Alinho. Sem que se obtivesse justificação para tal, os jogadores referidos foram «esquecidos» e ficaram na Luz onde, mesmo assim, decidiram treinar por sua alta recreação



Alinho, um dos jogadores que não treinou no Jamor vem sendo pretendido por diversos clubes. Dois, nomeadamente, estarão na melhor posição para conseguir o seu concurso: Amora e Portimonense

VII FESTIVAL DE MÚSICA DA COSTA DO ESTORIL

BALLET FOLCLÓRICO LUCNICA

(Checoslováquia)

Danças e cantares eslovacos

Parque Palmela — Cascais

Sexta-feira 28 e sábado 29 às 21,30 horas

ESPECTÁCULO EXTRAORDINÁRIO DE ENCERRAMENTO

DO VII FESTIVAL

Domingo 30 de Agosto às 17 horas

TEATRO À BEIRA DA ESTRADA

O DESCONCERTO

de Jaime Salazar Sampaio

ÚLTIMO DIA

Com:

ISABEL DE CASTRO
BRANCO ALVES
VIRGÍLIO MARQUES
ENCENAÇÃO — GLICÍNIA QUARTIM
CENOGRAFIA — VÍCTOR BELÉM

NO

Pavilhão de Espectáculos das Oficinas de S. José
Trav. dos Prazeres, à Saraiva de Carvalho

3.ªs, 4.ªs e 6.ªs feiras às 21 h.
2.ªs e 5.ªs feiras às 19 h.

ENTRADAS GRÁTIS

De 3 a 8 de Setembro Intelectuais da América Latina vão debater em Havana identidade historico-cultural

«Analisar o processo de identidade dos nossos povos, a profunda unidade cultural e histórica que os irmana para salvaguardar da sua soberania e direitos democráticos» é o objectivo principal do encontro de intelectuais da América Latina, que terá lugar em Havana, de 3 a 8 de Setembro, e deverá reunir cerca de milhar e meio de escritores, músicos, sociólogos, etnólogos, pintores, antropólogos, historiadores, críticos e teóricos da cultura de toda a América Central e do Sul.

A Casa das Américas, entidade promotora do encontro, sublinha, a propósito, que «a cultura latino-americana e caribenha é hoje, no seu amplo e complexo cenário, um reflexo vivo das contradições e realidades do nosso continente. A tensão internacional, a política imperialista cada vez mais agressiva, a sistemática campanha de desinformação agudizaram a situação de crise que atravessam os nossos povos. É neste contexto que a arte latino-americana e caribenha revela com maior pujança a riqueza que caracteriza o seu poder e imaginação criadoras».

Para análise e debate destes problemas estão previstos como temas principais do Encontro: 1. factores económicos e sociais que afectam a soberania dos povos latino-americanos- 2. factores culturais e problemas e situações actuais na luta pela soberania desses mesmos povos.

Cantora gerada na França da emigração Chiquita: uma portuguesa no "Festival da Bastilha"

Uma moça alentejana, com «sotaque» esquisito e envolta num vestido atrevido, costurado com pele de tigre, ou artefacto a condizer. Eis a «Chiquita» que nos foi dado conhecer, em pessoa, pois as suas interpretações, através do seu único trabalho em disco «Sem Fronteiras», já nos eram familiares, ou os poetas que canta (Antunes da Silva, Fernando Fitas e Eduardo Olímpio) não fossem gente das nossas relações afectivas. Por isso conhecemos «Chiquita» em carne e osso foi uma descoberta. A descoberta de alguém que tendo partido ainda adolescente da sua vila (Campo Maior) natal, até aos arredores de Paris, ao encontro dos pais, conseguiu, teve a coragem, de desbravar um campo quase desértico: o da canção, de expressão portuguesa, com profundas raízes nos marginalizados de Clermond Ferrand e de outras comunidades portuguesas em França, na Alemanha, Luxemburgo, Suíça, Bélgica e Holanda. E de chegar após a vitória da «unidade de esquerda», consubstanciada em François Mitterrand, à Praça da Bastilha, durante um festival integrado nas comemorações da tomada do presidio com o mesmo nome, símbolo dos avanços das massas populares na fase heroica da Revolução Francesa. Porque foi ela representante do milhão de portugueses emigrados, em terras de Robespierre, juntamente com outros «expoentes» musicais das comunidades da Argélia, Tunísia, Grécia, Espanha, Jugoslávia, Turquia, Marrocos e Itália, entre outras.

O exemplo de Brel

Mas conhecida em França, não só nos núcleos da emigração, como ainda (e já) em certos estratos da opinião pública fran-



Chiquita: «As editoras portuguesas evitam apostar nos intérpretes que não lhes pertençam de forma exclusiva»

cesa mais atenta, com algumas passagens (ainda que breves) na Rádio e na Televisão daquele país, «Chiquita» é ainda uma «ilustre desconhecida» entre nós. Porquê? A palavra para «Chiquita»: «Porque o produtor do meu disco é francês, talvez, ou porque nas raras vezes em que tenho vindo até cá me têm rodeado de um silêncio algo estranho, penso que fruto dos interesses das editoras portuguesas que evitam apostar em tudo o que não lhes pertença de forma exclusiva, ou então em tudo o que não vem carregado de grandes 'slogans' bombásticos e com o peso sonante de grandes marcas. Mas noto, no entanto, que agora (estou cá desde Agosto) já tem havido uma certa abertura, com alguns contactos que parecem apontar para o lançamento do meu disco 'Sem Fronteiras' por uma etiqueta nacional.»

«DL» — Pensa que o seu aparecimento poderá significar que já existe em maturação uma nova corrente, ou seja que a emigração está a criar uma forma original de «dizer», no âmbito da canção?

«Chiquita»: «Mas sem dúvida. A emigração começou, ou melhor foi forçada a começar, há mais de vinte anos. E o contacto da cultura portuguesa com ou-

tras culturas teria de provocar, necessariamente, este fenómeno, não só no terreno da canção como noutros campos da cultura, nomeadamente na poesia, na pintura e até no cinema. E o que se está a passar com a cultura portuguesa está a acontecer com as outras culturas, em que a corrente emigratória é significativa. No meu caso, por exemplo, sou acompanhada por músicos de várias nacionalidades. O único executante português é o meu marido. Ora isto já é significativo do que, de diferente e muito rico, em termos criativos, está a acontecer.»

«DL» — E para o futuro? Que planos?

«Chiquita»: «Os planos são múltiplos. Quase um turbilhão. Mas prioritários, prioritários, são o dizer presente, na pátria onde nasci, tal como Jacques Brel e outros, salvaguardando embora as distâncias, o fizeram em relação aos seus países de origem. Recriando um novo tipo, logo inovador, de expressão musical, com o recurso aos letrados que já canto e aos jovens, os tais nascidos ou radicados muito novos no mundo da emigração. Avançando até onde me for possível, ou como dizia o poeta, até onde chegar 'o meu engenho e arte'».

Manuel Geraldo

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Prova de Actriz

«A MESA» (Palavras de Mulheres), de Michèle Foucher. Tradução e Dramaturgia: Júlia Correia. Interpretação: Júlia Correia. Colaboradores: Rosa Ramos, Abel Fernandes, Fernando Rocha, Luz Pereira. Grupo «Cena». Os Modestos. 14-9-1981.

O grupo «Cena» já aqui referido a propósito de um espectáculo com textos de Karl Valentin apresentado no Festival de Setúbal, revela um organograma singularmente omisso: é que nele, à primeira vista, não figura aquele que é por alguns considerado dono e senhor do espectáculo, o encenador. Num momento em que está em discussão (no Suplemento Cultural do «Diário») a marginalização do dramaturgo no teatro contemporâneo, o facto não deixa de ter o seu picante. Aliás, parece confirmar a razão (se ela existe) de que o espectáculo teatral é um sistema de que participam vários elementos e, entre eles, o encenador parece ser, com o actor, o decisivo. Isto porque se se pode fazer um espectáculo sem autor à vista (vai-se buscar um clássico ou adapta-se um outro texto, por exemplo) mas não se pode prescindir do actor para o transmitir (no caso deste texto até para o escrever!) nem do encenador para criar e dirigir os signos cénicos que o comunicam. Isto não é exactamente assim: o grupo «Cena» prova que é possível fazer espectáculos sem encenador responsável (é evidente que não é por isso que deixa de haver uma encenação). Os resultados é que podem não ser famosos, podem ser cla-

ramente prejudicados por essa circunstância. Os dois espectáculos que vi do grupo provam-no, a meu ver, de maneira inofismável.

A primeira vista a peça de Michèle Foucher é um texto para uma actriz que dispensa, portanto, a sua recriação através do trabalho do encenador. No entanto, parece evidente que o espectáculo teria ganho, e com ele o trabalho da intérprete, se tivesse havido uma reelaboração cénica do texto mais profunda e complexa.

«A Mesa», peça escrita e criada por uma actriz francesa — Michèle Foucher — foi agora estreada em Portugal por Júlia Correia, ex-actriz do Centro Cultural de Évora, que passou pelo Teatro Experimental do Porto e fundou, com outros actores, o grupo «Cena».

Para escrever o seu texto, Michèle Foucher começou por conhecer e conviver com mulheres de bairros populares de Estrasburgo e de outras cidades da província francesa. Para isso, procurou-as nos locais de trabalho, na rua e em casa. O texto é o resultado desses contactos, desse inquérito do quotidiano de mulheres francesas, com os seus problemas, as suas angústias, a sua apetência de liberdade, de libertação, os seus desejos, as suas frustrações.

«A Mesa» não é, como pode parecer, uma peça-espectáculo sobre um elemento funcional do nosso quotidiano, centro de convivência, nem sobre uma personagem feminina, uma mulher com determinado estatuto social, com as suas dúvidas e as

suas respostas. É isso mas é mais do que isso. Porque várias mulheres, várias situações imaginárias, passam pela peça, exprimem estados sociais e humanos, estabelecem o reconhecimento, a ocupação dum determinado espaço de ser, estar, fazer.

É por isso que é através de imagens, da passagem de personagens que por vezes se sobrepõem, de diálogos que se entrecruzam, da problematização desse ser solitário/solidário (para usar o título de José Mário Branco), é através dessas formas compostas que a peça exprime e sinaliza as tensões que a atravessam. Não é, no entanto, não nos pareceu, uma grande peça, por demasiado presa a clichés, a esquemas excessivamente óbvios, sem conseguir aprofundar os sulcos dessa área posta em questão, esgaravar até encontrar as verdadeiras raízes dos problemas.

A mulher posta em questão, questiona — através da palavra, do diálogo que trava com ela própria, com o espectador, e em especial com a espectadora, e através da intermutação da personagem que se desdobra noutras personagens. E também através do gesto, do acto de trabalho, da ocupação constante, da obrigatória atenção ao Outro (o marido, os filhos). E ainda através do signo cénico: a gaiola que tem uma pequena boneca (a mulher) e uma outra mais pequena (o filho), gaiola essa que é por um momento a televisão que ela olha e de que ouve, inespereado, o diálogo de uma cena de «Dallas». Aqui, é legítima a dú-

vida: mesmo mais convencional, não teria sido preferível utilizar um diálogo de «Água Viva», mais imediatamente acessível?

O espectáculo foi apresentado em antestreia, na velha sala dos Modestos, no Porto. A cena decorre no plano da plateia, portanto no mesmo solo dos espectadores o que prejudica irremediavelmente a visão de algumas cenas. Aí está como um encenador pode fazer falta. Um certo naturalismo pouco eficaz é ultrapassado, nas melhores cenas do espectáculo, nas quais a actriz encontra o tom metatónico que a peça pede: quando transforma a cena de pôr a mesa num jogo circense, imagem do trabalho acrobático a que a mulher é quotidianamente obrigada; na cena da bebedeira, cena de actriz já na plena posse dos seus recursos de expressão e de comunicação.

Este espectáculo é, aliás, isso mesmo: uma prova de actriz. Júlia Correia prova ser digna dela. Impõe sem ênfase a sua personagem, exprime os vários matizes, cómicos, dramáticos, irónicos, conclusivos, distantes, interiorizados, fechados e abertos, que definem a personagem. Consegue fazer-nos esquecer a relativa insuficiência do texto, embora se sinta que podia ir mais longe se tivesse uma direcção capaz de a ajudar a enriquecer ainda mais os registos vocais, gestuais, a máscara, o trabalho com o corpo (que é fundamental). Seja como for, o trabalho de Júlia Correia, os problemas que a peça levanta valem o espectáculo.

CARLO PONTI APRESENTA A INSUPERÁVEL INTERPRETAÇÃO DE
NINO MANFREDI
NUMA MAGISTRAL
REALIZAÇÃO DE
ETTORE SCOLA



FEIOS, PORCOS E MAUS

(BRUTTI SPORCHI E CATTIVI)
LINDA MORETTI · GIOVANNI ROVINI · PIETRO DE LUCA
musica de ARMANDO TROVAIOLI · TECHNICOLOR

ENTRE O BURLESCO E O DRAMA, O CÓMICO DO DESESPERO!

EM 2.ª SEMANA



canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Boticas, uma imagem sem retoques

Não percebi népia. E eu, enfim, não me posso considerar um anjo nestas andanças teladrobónicas. Sei que se chamava Jericó, era francês, tinha contas a ajustar, contas antigas do tempo da Grande Guerra, mata três, está em vias de aviar o quarto mas oh!, esse viste-o: a Jill faz-se pra ele, ele faz-se pra Jill, arranja um gatinho imberbe e orfão que faz miau tô bem... cai na esparrela e já não mata mais nenhum.

As razões patrióticas, humanas e mais ou menos felinas (ali havia gato!) escapam-se. O que não importa muito, para os americanos o que é preciso é pôr os olhos a pastar.

Achei muita graça àquele diálogo entre a Jill e o criminoso:

Ela - você aceita que a mulher engane o marido?

Ele - Não aceito.

Ela - Está a perder qualidades como francês...

São as ideias feitas. Vieram os «vaudevilles» e pronto: «os franceses» são assim...

Aliás, a tarefa principal dos telejornais consiste em criar «ideias feitas», noções que, de tão repetidas, se tornem familiares, habitem em nosso cérebro e em nossos nervos como as pulgas habitam no pelo dos cães.

Assim, e só para recordar algumas, Europa é só a Ocidental; partidos democráticos são o PSD, o CDS, o PS; na Polónia morre-se de fome e os bons são os homens do Walesha; a América dos grandes capitalistas é

democrática e a União Soviética dos trabalhadores é totalitária; o Afeganistão foi invadida pelas tropas soviéticas; Israel tudo o que faz é para se defender; as nações amigas de Portugal são os Estados Unidos e Alemanha, a Inglaterra...

Estas são algumas varas do coleto de forças em que o Telejornal quer meter os portugueses. Uma terrível manipulação que só pode comparar-se àquele a que estivemos sujeitos antes do 25 de Abril.

Até o Raul Durão é o mesmo. Estes anos todos não lhe serviram nem ao menos para aprender a ler. Alguns dos textos ficam perfeitamente obscuros. Sendo a verdade que a redacção não o ajuda muito.

Mas numa pessoa nem tudo são defeitos. Repare-se na forma como o Durão correu em auxílio da Paula, como, sem alarde, a safou do atoleiro. Raul pode melhorar se encontrar o ritmo das vírgulas como encontrou o ritmo do companheirismo.

(Paula! já sabe como se pronuncia Andaluzia?).

Falou-se aqui, algumas vezes, da ausência de tacto com que se organiza o mapa. Incrível aquele bloco de paleio que vai das 7 e 30 às 9 horas, quando não mais. Desde que mudaram desastrosamente o horário da telenovela, nunca mais houve equilíbrio.

Era indispensável abrir o espaço, um logradouro, entre o País, País e o Telejornal. Não era difícil. O que há, é azeliche.

Não tenho nada contra o País, País nem contra a República. Ao invés disso, sou um espectador atento dessas rubricas. Considero mesmo que, em informação, não se trabalha melhor do que a equipa que ontem nos deu a reportagem de Boticas.

Tudo bem arrumado, tudo certo, o telespectador nunca se sente desamparado. Os números da realidade não fatigam, porque são os essenciais; o bosquejo histórico não eruditiza; as pessoas são enquadradas na sua paisagem e todas têm direito ao seu nome; os problemas são transmitidos por quem os vive, por quem os sofre, por quem, oficialmente, os deve conhecer - desde o cavador de enchada (bendita a câmara que beijou as mãos daquele velho!) até ao presidente da Câmara.

Jorge Campos tem assinado outras reportagens exemplares. Aliás, no aspecto de jornalistas da Televisão, Porto bate Lisboa à vontade.

Ele sabe como é importante que, em TV, as palavras sejam poucas. Ele sabe que ser natural resulta de um artifício bem cumprido. Ele sabe que o melhor

improvisado é aquele que se estuda. Ele sabe o tempo de chegar, de ficar e de partir. Em suma: ele é suficientemente modesto para nos fazer crer que não existe, que não está ali. O segredo, afinal, dos bons árbitros de futebol.

Boticas, ontem, a partir de ontem, faz parte do mapa de Portugal, para muitos portugueses. Ali está muito do nosso destino, da nossa desgraça, da nossa herança solidão: o analfabetismo, a emigração, a dignidade no sofrimento o estigma do trabalho que já nem é do Sol a Sol, porque é «de estrela a estrela». Mas também ali está muito da nossa esperança e de raiz da nossa vitória, o programa terminou mesmo com palavras de um rural que falavam da certeza de um futuro melhor para os nossos filhos e para nós.

Fiquemos por aqui. E por aquelas imagens de Sítio, no «País, País». Sítio... No tempo do Arlindo, do Horácio, do João... Da truta no chafariz do largo... E a «Pensão do 22», ainda haverá?

Desculpem a memória, sim? Mas se souberem notícias de Sítio, mandem. Mandem notícias de mim.

GRUPO DE CAMPOLIDE/ACADEMIA ALMADENSE

- T. 275 21 75

GUERRA NÃO, OBRIGADO

B. Brecht

19, 23 e 25 de Setembro, em Brandoa - Damaia - Venda Nova

EM ENSAIOS - A RECTA GUARDA - de Romeo Correia

Hoje na RTP1

(a seguir ao telejornal)

o PCP face à crise política

ESTE ANO VAMOS VER E OUVIR:
JOSE AFONSO, OS TUBARÕES (CABO VERDE),
FERNANDO TORDO, PYRAMIS (HUNGRIA),
RUI VELOSO, MANUEL GERENA (ESPANHA), LUISA BASTO, TROVANTE
E MUITOS MAIS!

FESTA DO AVANTE
ALTO DA AJUDA, 4, 5 e 6 SETEMBRO

ADOQUE
grupo de teatro
L. Martim Moniz - Tel. 874478

Uma revista actual...
sempre actualizada!!!

PAGA AS FAVAS

Ermelinda • Nicholson • Montez
Natália • Felo • Cremilda



Hoje



Visão e obra de Bernardo Santareno

18.50 Abertura
18.52 Sumário
18.57 Tempo dos Mais Novos
19.30 País, País
19.50 Pergunte connosco
20.25 O Tempo
20.30 Telejornal
21.00 Tempo de antena do PCP
21.15 Bernardo Santareno - Português, Escritor...
22.05 Telenovela Água Viva n.º 135
22.55 Últimas Notícias
23.00 Encerramento da Emissão.



História da Ilha Hydra e sua arquitectura através dos tempos

Amanhã



13.50 Abertura; 13.52 Sumário; 13.57 Lúculos e Bróculos; 14.30 Novos Horizontes; 15.00 Banda da Guarda Fiscal; 15.30 Eurovisão Transmissão directamente de Praga; 17.00 Animação; 17.30 O Homem da Atlântida; 18.30 Programa Recreativo; 19.00 Magazine 77; 20.00 Quinzena Teatral; 20.25 O Tempo; 20.30 Telejornal; 21.05 Danças e Cantares Eslovacos; 23.00 Encerramento da emissão.

18.00 Setentrão; 18.30 Festa da Música; 19.00 Flash Gordon; 19.30 Topo Norte; 20.00 Aeropostal; 21.00 Loja de Música; 22.00 Viagens imaginárias com André Malraux 23.00 Encerramento da Emissão

GRUNDIG

qualidade em toda a linha!



Bernardo Santareno
(21.05)

Lugares da Europa
(22.30)



Além de um programa a escolha oferece-lhe



Resumo do episódio de hoje

Márcia e Edyr conversam, ainda ressentidos pela separação. Edyr pergunta a Márcia se ela continua sozinha, como ele, ou já tem alguém.

Márcia não responde, dizendo que isso é um problema dela. Márcia retira-se com Maria Helena e Edyr sente-se deprimido e mais sozinho que nunca. Ao saber que Janete e Marcos estão zangados, Lourdes tenta afastar Janete definitivamente do filho, pedindo a uma conhecida que inscreva Janete num concurso para uma bolsa de estudos de física nuclear, na Alemanha. Nelson lê a Edyr uma carta - curta e formal - que escreveu para Suely. Sozinho no apartamento, Nelson lembra-se dos seus momentos de amor com a sua. Miguel entra em contacto com o detective Milton, que terá feito uma importante descoberta.

ASSISTENCIA TECNICA GRUNDIG

NACIONAL RADIO - Rua B. Jesus Caraca 17 Carcava

12871

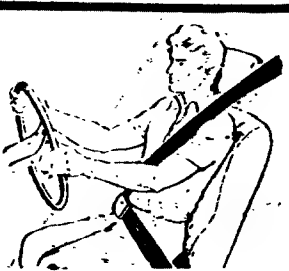
PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente Nº 61 817, para -PROCESSO E APARELHO PARA FORMAR FILAMENTOS A PARTIR DE UMA FONTE NÃO CONFINADA DE MATERIAL FUNDIDO-.

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, Lda.

Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1100 LISBOA

OLHE O PERIGO DE FRENTE!



Use sempre o cinto de segurança

clark aver.

Exposições

Ortiz Alfau no Casino do Estoril. Continua patente ao público na Galeria de Arte do Casino do Estoril uma belíssima exposição de um artista plástico espanhol, considerado pela Crítica como um dos melhores aquarelistas do seu país. A temática das aquarelas (46) actualmente expostas na Galeria de Arte do Casino do Estoril é predominantemente portuguesa. Nelas se nota o sentido agudo da perspectiva aliado a qualidades de cromia verdadeiramente soberbas. Deste autor espanhol afirma, no texto do catálogo, o crítico Jaime Ferreira: «Conseguida com plena ciência e consciência, a pintura de Alfau Ortiz não põe o artista perante o tormento das dificuldades. Para ele tudo é simples, tudo sai espontâneo da paleta e dos pincéis, com flagrante sentido de sugestão que parece transformar o artista num admirável sacerdote do culto dos ritmos». A exposição - a não perder porque é realmente muito bela -, estará patente ao público das 15 às 24 horas até ao dia 6 do próximo mês.

Cinema

«A Pantera Cor de Rosa», de Black Edwards é o filme a exhibir esta noite nos Claustros do Convento de Jesus, em Setúbal, no quadro do 3.º Ciclo de que ali decorre. Durante o fim-de-semana serão exibidos

roteiro cultural



«Aniki-Bobó», de Manuel de Oliveira, no 3.º Ciclo de Cinema de Verão

dos «Aniki-Bobó», de Manuel de Oliveira (sábado) e «Les Hurdes», de Luís Bunuel.

Dança

Lúcica - Danças e Canções Eslovacas no Parque de Palmela em Cascais. Hoje e amanhã, pelas 21.30, no Parque de Palmela em Cascais, terá lugar um espectáculo de dança - Lúcica - Danças e Canções Eslovacas -, que integra 60 bailarinos, músicos e cantores.

Folclore

Festival Luso-Espanhol de Folclore. Realiza-se no próximo dia 30, em Fatela (Castelo Branco), um Festival Luso-Espanhol de Folclore com a participação dos Ranchos de Santa Marta de Portuzelo (Minho), Aranhas e Fatela (Beira Baixa), Benavente (Ribatejo), Elvas (Alentejo), Calvário (Algarve) e o Grupo de Daneas, «La Encina», de Ilivenza (Badajoz). A iniciativa, que conta com o apoio das entidades oficiais distritais e concelhias, é da Casa do Povo de Fatela.

Música

Piano a quatro mãos. Terá lugar amanhã, pelas 21.30, no Convento dos Capuchos (Costa da Caparica), um concerto a quatro mãos. Intérpretes: Constança Capdville, Olga Prats, Janine Moura e João Paulo Santos.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE LOURES

AVISO

Faz-se público que pelo prazo de 15 dias, a contar da data da afixação deste aviso, se aceitam inscrições na Secção de Pessoal, para admissão de 1 servente destinado ao Sector de Aprovisionamento (Armazém), a remunerar pelo vencimento mensal ilíquido de Esc. 11.500\$00, acrescido de 1.000\$00 para subsídio de almoço.

Os candidatos deverão estar habilitados com a escolaridade obrigatória.

LoURES, 17 de Agosto de 1981
O Chefe dos Serviços Administrativos
F. Martins

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	52\$30	57\$30
ALEMANHA FED (marco)	26\$45	27\$55
AUSTRIA (xelim)	3\$70	3\$90
BELGICA (franco)	1\$472	1\$672
BRASIL (cruzeiro)	\$401	\$651
CANADA (dólar - notas de 1 e 2; notas de 5 a 1000)	53\$65	55\$65
DINAMARCA (coroa)	54\$15	56\$15
ESPAÑA (peseta)	8\$45	8\$85
EUA (dólar - notas de 1 e 2; notas de 5 a 1000)	\$627	\$727
FINLÂNDIA (marka)	65\$20	67\$20
FRANÇA (franco)	65\$70	67\$70
HOLANDA (florim)	14\$25	14\$85
INGLATERRA (libra)	10\$95	11\$65
IRLANDA (libra)	23\$80	24\$80
ITALIA (lira)	120\$80	124\$80
JAPÃO (iene)	96\$85	100\$85
NORUEGA (coroa)	\$048	\$058
SUECIA (coroa)	\$258	\$293
SUÍÇA (franco)	10\$65	11\$15
VENEZUELA (bolivar)	12\$40	13\$00
	30\$40	31\$50
	12\$95	13\$95

Observações:
1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena 1

15.40: Album de recordações; 16.00: Sem margem - juvenil; 17.00: Postigo; 18.45: RDP-regiões; 19.00: Turismo dos anos 80; 20.00: Enquanto os outros vêem TV - revista cultural; 21.00: «Seres na Província», de Júlio Dinis - programa da noite; 21.30: Alfa e omega; 22.00: Madrugada na RDP-Sul; 05.30: Programa rural. Grandes blocos informativos: 19.30 e 23.30.

Programa 2

16.00: Solos de piano; 16.45: O Quarteto em Fá Maior, Op. 3 n.º 5, de Haydn, pelo Quarteto dinamarquês; 17.00: Música de todos os Quadrantes; 17.30: A soprano Maria Callas; 18.00: Tudo isto é música também; 18.45: Efeméride musical: morre Martin; 19.30: Missa «Mi-Mi», de Ockeghem, pelo Coro Infantil da Capela Lipsiensis. Direcção de Dietrich Knothe; 20.00: A.H. - Serviço informativo; 20.05: As cores e as formas; 20.35: Solos de piano; 21.00: Emissão estereofónica. Ópera comentada: Mireille de Gounod; 00.00: Música sinfónica; 01.00: Fecho da emissão.

Rádio Comercial
(263,290 e 397 m)

15.45: Teatro Trágico; 17.03: T.N.T. (Todos no Top); 18.08: Hora de ponta; 18.10: Espaço 3P; 20.03: Quando o telefone toca; 22.20: Música para meditar; 23.30: Tempo de desporto; 23.30: «24.ª Hora».

Noticiários de hora a hora.

R. C. - FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.05: Espaço 3P; 16.03: «Rock em Stock»; 18.03: Circulo em FM; 19.03: Em órbita; 20.03: «Rolls Rock»; 21.03: Abandajazz; 22.03: Café Concerto; 00.03: O vapor da meia-noite.

Noticiários de hora a hora

RADIO RENASCENÇA

16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.25: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço do Externato do Parque; 19.00: Programa da LAR; 20.00: Paju; 21.00: Discos LAR; 21.30: Diálogo e vida; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Meta final; 23.00: O que fica do que passa; 23.55: Meditação

Tipagem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13 212

HORIZONTAIS:

- 1 Cavidade no queijo (pl); Dá sinal.
- 2 Satélite de Júpiter; A dama (nos jogos das cartas); Rádio (s.q.).
- 3 Jarra; O mesmo que alistar (pl).
- 4 Rimas; Prefixo de negação.
- 5 Preposição e artigo; Ópera de Verdi.
- 6 Informação (fig); Saburra na língua (pl).
- 7 Mete em mala. Quinhentos e um em romão.
- 8 Bebida do Peru; Fazes doação de.
- 9 Zombar; Érbio (s.q.); Vão.
- 10 Verdadeiros; Cólera.
- 11 Carta de jogar; Equipassem.

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9 072

HORIZONTAIS:

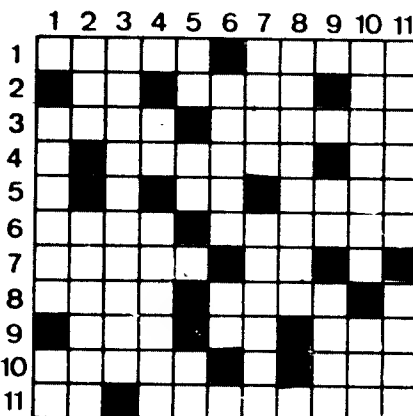
- 1 Vendas a crédito; Bifara (prov).
- 2 Freguesia do concelho de Belmonte; Zombas.
- 3 Pátria; Manuscrito.
- 4 Filtra; Textualmente.
- 5 Ministro de Seleuco IV. Filopator rei da Síria, século II aC.
- 6 Acolá; Tomem a direcção.
- 7 Afarras.
- 8 Ena!
- 9 Carta de jogar; Preposição; Duzentos em romano.
- 10 O mesmo que nutriz, Animal doméstico.
- 11 Alumínio (s.q.); Aves trepadoras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 211

HORIZONTAIS:

- 1 NEVE. Ecar.
- 2 Amarelos.
- 3 SOBRE Berras.
- 4 Roa. LAMA.
- 5 Das. Lotaria.
- 6 Em Aa. Mr.
- 7 Maream.
- 8 Amaro. Ano.
- 9 Nilo. As.
- 10 Dá. ÁGUA.
- 11 Arenda. Sés.

Provérbio: NEVE SOBRE LAMA DAMANDA ÁGUA



VERTICAIS:

- 1 Viçosos; Batráquio.
- 2 Liga; Namoro.
- 3 Estalagem.
- 4 Flauta chinesa de três buracos. (inv); Fábrica de louça de barro.
- 5 Abreviatura de Santíssimo; Nota musical; Senhor.
- 6 Furo ou buraco redondo (pl). Preposição.
- 7 Moeda de Dio; Alinda.
- 8 Transporia.
- 9 Caminhar; Tempo do verbo ser.
- 10 Desleal; Acredita.
- 11 Alentas; Ecoam.

VERTICAIS:

- 1 Frâncio (s.q.); Repreensão (fig); Rom nce de Emilio Zola.
- 2 Terceiro estômago das aves; Um dos pontos cardeais.
- 3 Antes de Cristo; Da Alemanha.
- 4 Chiste; Intimo; Pedra de altar.
- 5 Mamífero roedor; Gritar (fig).
- 6 Zombar; Doutora; Dá aviso de alguma coisa em voz alta.
- 7 Seguir; Vila e sede de concelho (Coimbra); Érbio (s.q.).
- 8 Fixais.
- 9 Alteza Real; Unida por coesão, Célio (s.q.).
- 10 Viscera dupla; Aqui.
- 11 Queimar; Tamancos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 071

HORIZONTAIS

- 1 Nicarágua.
- 2 Mar. Ara.
- 3 Ia. Berra. Ar.
- 4 Aderi. Ataca.
- 5 Mamão Oásis.
- 6 Mas. Pr.
- 7 Ba. Restara.
- 8 Adama. Rasas.
- 9 Cora. Ia. As.
- 10 Asa. Imana.
- 11 Suarmos.

VERTICAIS

- 1 Siam. Baco.
- 2 Adamado.
- 3 Im. Ema. Arrá.
- 4 Cabras. Mães.
- 5 Areio. Ra. Ba.
- 6 Me. Bar.
- 7 Aarão. Sr. Ni.
- 8 Grata. Talha.
- 9 Ua. Aspas. Os.
- 10 Acirrais.
- 11 Aras. Asa.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 17.15, 21.30 e 24

- 13 a.

WEST SIDE STORY

c/ Natalie Wood

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45

- N. ac. men. 18 a.

LENNY

c/ Dustin Hoffman
Realização de Bob Foss

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

LUCKY LUKE A BALADA DOS DALTON

c/ Elliot Gould, Genevieve Bujold e Ricky Schroder
Technicolor

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30

- Int. men. 18 a.

E TUDO O FUMO LEVOU

c/ Cheech Marin e Tommy Chong
Um filme de Lou Adler
4ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

Aqui o tótem... chegou o revólver mais rápido da fronteira, no mais "emotivo" e terrífico dos duelos do Oeste
A "MINHAS PISTOLAS"
Cantinfrias

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

GENTE VULGAR

Com Donald Sutherland, Mary Tyler
Não acons. men. 13 anos
22ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

Walt Disney Productions apresenta
O VERÃO MÁGICO DO PATO DONALD
Falado em português
5ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 21.30 - N. ac. men. 13 a.

A grande loucura de Mel Brooks
FRANKENSTEIN JUNIOR
c/ Gene Wilder e Peter Boyle

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 15.15, 18 e 21.30

PRIMEIRA NOITE

A Mulher, o Amor e o Ódio

Não acons. men. 18 anos

às 24.00

Não acons. men. 18 anos

OS TRÊS PANTERAS NEGRAS

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Estreia às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30

- Int. men. 18 a.

RECALCAMENTOS SEXUAIS

Pornográfico - Softcore

Às 24 - N. ac. men. 13 a.

ESCÂNDALO NA 1.ª PÁGINA

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.

VESTIDA PARA MATAR

c/ Michael Caine, Angie Dickinson e Nancy Allen
Um filme de Brian de Palma
15ª Semana

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

Filme indiano

O PREÇO DO PECADO

c/ Aseha Parekh e Rajesh Khanna
Um filme de Shakti Samanta e Kati Patang

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34

Às 21.30

CORTINA RASGADA

Não acons. men. 13 anos

2ª Semana

Às 23.45

- Grupo D

O CARTEIRISTA

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Int. men. 18 anos

AVENTURA NAS CARAÍBAS

Realização Philippe Manner (Colômbia)

5ª Semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Estreia às 21.30 - N. ac. men. 18 a.

- Para Todos

ASCENÇÃO E QUEDA DE

IDI AMIN

c/ Joseph Olita, Geoffrey Keen e Thomas Baptiste

Um filme de Sharad Patel

Colorido

ESTÚDIO 555134

Alm. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- Int. men. 18 anos

Proven-me sou uma deliciosa!

UM FILME DOCE (Sweet movie)

C/ Carole Laure, Pierre Clementi e Sami Frei

Um filme de Dusan Makavejev

Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- M. 6 a.

O último grito de Les Charlots

Um filme de gargalhada

E VIVA A LIBERDADE

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 21.30 h

- Int. men. 18 anos

A força, o impacto, o choque duma das

obras mais importantes que o cinema

apresentou até hoje

O CAÇADOR

Com Robert de Niro

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

DAS 9 ÀS 5

c/ Jane Fonda, Lily Tomlin e Dolly Parton

7ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- Int. men. 18 anos

O MANETA DE FERRO CONTRA A GUI-

LHOTINA VOADORA

Technicolor

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15 e 21.00 - N. ac. men. 13 a.

- Para Todos

Walt Disney Productions apresenta

AS NOVAS DIABRURAS DE HERBIE

Um filme de Vincent McEveety

Technicolor

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A

Estreia às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

Walt Disney Productions apresenta

AS NOVAS DIABRURAS DE HERBIE

Um filme de Vincent McEveety

Technicolor

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30

- Int. men. 13 a.

A PRIMEIRA FESTA

c/ Claude Brasseur, Brigitte Fossey

Às 24

FESTIVAL ROCKY DO TERROR

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Estreia às 21.30 - N. ac. men. 18 a.

- Para Todos

16 ANOS

Colorido

Às 15 e 18.15 - Despedida

QUO VADIS

outros cinemas

Lisboa

CAPITÓLIO - "Bacanas Escaldantes"

às 21.00 e 23.00 (18 anos)

OLIMPIA - "Suecas Perigosas" ses-

sões permanentes (18 anos)

PARIS - "O Mistério da Adolescente"

Viladão - às 21.30 (18 anos)

EUROPA - "Um por Três" (18 anos)

2000 - "O Anjo da Noite" (18 anos)

PROMOTORA - "Palma em Amor" (18 anos)

CINEARTE - "Sabado, Domingo e Sexta" (18 anos)

LUMIAR - "Saturno 3" (18 anos)

ROYAL - "Ivanhoe" (18 anos)

Outra banda

ALMADA - "Academia" - "A Turma dos Repetentes" (18 anos)

ALMADA - "Incrível" - "Doze Incríveis Patifes" (18 anos)

BARREIRO - "Cine Barreirense" - "Noites Suecas" (18 anos)

BARREIRO - "Luso" - "Os Olhos da Montanha" (18 anos)

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS - Chaplin - "Rocky II" (18 anos)

OIRAS - "Oirás-cine" - "Para Além da Aventura do Posseído" (18 anos)

PAREDE - "Royal-cine" - "Chamam-me Dólares" (18 anos)

ESTORIL - "Casino" - "O Espião mais Perigoso do Mundo" (18 anos)

ESTORIL - "Palácio" - "O Sargento da Força" (18 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - "Estúdio Flores" - "Ben Hur" (18 anos)

DAMAIA - "D. João V" - "O Amor Perdido" (18 anos)

AMADORA - "Cine Plaza" - "O Comboio dos Malucos" (18 anos)

AMADORA - "Lido" - "Vôo das Águias" (18 anos)

AMADORA - "Cine Estúdio" - "Duas Malucas na Gaiola" (18 anos)

MEM MARTINS - Cine Chaby - "Sorri-

sos do Assassino" (18 anos)

SACAVÉM - S. José - "Hero, Imortal" (18 anos)

MOSCAVIDE - Stop - "Advinhem quem vem jantar" (18 anos)

Porto

BEBE - "Nani Ha Duas" (18 anos)

AGUIA - "Dois Aguias" (18 anos)

LUMIERE-A - "Oxala" (18 anos)

LUMIERE-L - "Amigos para Sempre" (18 anos)

TERÇO - "Grande Competição" (18 anos)

VALE FORMOSO - "Destino" (18 anos)

PEDRO CEM - "Jesus Cristo Superstar" (18 anos)

PASSOS MANUEL - "O Passageiro da Chuva" (18 anos)

CHARLOT - "Juventude em Delírio" (18 anos)

JULIO DINIS - "A Vida é Sempre Igual" (18 anos)

FOCO - "As Novas Diaburras de Herbie" (18 anos)

COLISEU - "A Ascensão e Queda de Idi Amin" (18 anos)

BATALHA - "Safari" (18 anos)

S. JOÃO - "Ben-Hur" (18 anos)

ESTÚDIO - "O Mestiço" (18 anos)

TRINDADE - "Bullit" (18 anos)

OLIMPIA - "Carambola" (18 anos)

SA DA BANDEIRA - "A Angariadora" (18 anos)

Coimbra

GIL VICENTE - "Scrizzo Demência Sinistra" (18 anos)

AVENIDA - "Pipocas e Gelados" (18 anos)

TIVOLI - "As Novas Diaburras de Herbie" (18 anos)

Lisboa

PERMANENTE

JOAO XXI - Av. João XXI, 16A (T. 886462)

GONCALVES - Rua da Rosa, 176 (T. 862191)

BENEFICA - 592 (T. 862191)

R. D. Maria Pia, 38A (T. 862191)

CENSO - Pr. do Norte, 11A (T. 547838)

DOURO - Alm. Linhas de Torres, 93 A-B (T. 862191)

SUS - Lg. do Rato, 30D (T. 545225)

LISBOA - 125 (T. 545225)

NENSE - R. Leão de Oliveira, 2B (T. 637020)

CABRITA - Pr. Mira Miraltes, 10A (T. 911139)

PONTINHA - Estr. St. Elói, 4 (T. 992022)

Lisboa

REFORÇO

LUSA - Alm. Reis, 198A (T. 112694)

RIO DE JANEIRO - Av. R. de Janeiro, 40 (T. 862191)

IDEAL - Av. Alm. Gago, 40 (T. 862191)

SEPOL - 14A (T. 631958)

CRUZ DE MALTA - Lg. Chafariz de Dentro, 36 (T. 862191)

GAMA - Cc. da Estrela, 130 (T. 862191)

SANTA MARIA - Av. 5 Out. (T. 862191)

SAO JOÃO - Estr. da Luz, 12A (T. 783179)

NAZÁRIO PINTO - R. Presidente Arriaga, 39 (T. 667460)

MARLUZ - Cc. da Picheleira, 140BC (T. 862191)

CONCEIÇÃO - Cc. D. Gaspar, 30-32 (T. 381279)

TAVARES DE MATOS - R. Lote 308 (T. 993200)

VAZ MARTINS - R. António Ferro, 6A (T. 970660)

NOVA - R. Acores, 11A (T. 910305)

MATOS - Tv. Priors (Viv. Morgadinho) (T. 219939)

teatros

ABC - "O Escabeche" (20.30 e 23.00 (18 anos))

TEATRO ABERTO - "Sopa de Pedra" (18 anos)

ADÓQUE - "Paga as Favas" (20.30 e 23.00 (18 anos))

VARIEDADES - "Há Petróleo no Beato" (18 anos)

MARIA MATOS - "A Tragédia da Rua das Flores" (18 anos)

POUPE

COMBUSTÍVEL

Partilha o seu automóvel com outras pessoas que façam habitualmente o mesmo percurso.



Amante ou marido... Fureada numa noite de paixão! Lee Remick e George Peppard em "ENTRE DOIS AMORES", filme de Delbert Mann em exibição no cinema STAR

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Estreia às 21.30 - N. ac. men. 13 a.

OS FUGITIVOS DE ALCATRAZ

c/ Clint Eastwood e Patrick McGowan

Colorido

POLITEAMA 326305

R. Portas de St. Antão

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

OS ALEGRES AVENTUREIROS

Com Tony Curtis e Louis Gosset Jr

PORTE
PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos
e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

3.03 3.8 m 8.40 1.1 m
15.22 4.1 m 21.13 0.9 m

Dia 29

3.47 3.9 m 9.21 0.9 m
16.04 4.2 m 21.50 0.8 m.

TEMPERATURAS DO AR
ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	17°
BRAGANÇA	20°
VILA REAL	22°
PORTO	16°
P. DOURADAS	25°
COIMBRA	17°
C. CARVOEIRO	17°
PORTALEGRE	26°
LISBOA	20°
ÉVORA	19°
SINES	—
BEJA	18°
SAGRES	24°
FARO	24°
P. DELGADA	21°
FUNCHAL	26°

últimas

VEREADOR CONTESTA
PRESIDENTE da Câmara de Vila Real de Santo António, tendo pedido a demissão por discordar da intromissão deste em assuntos do seu pelouro. Jacinto Ribeiro, vereador socialista insubmisso por o presidente Alfredo Graça, conceder licenças a vendedores ambulantes sem lhe dar conhecimento prévio, como se impunha. No entanto o pedido de demissão foi indeferido pelo presidente em questão.

PORTUGUÊS CONDENADO
NO TEXAS a 17 anos de prisão por ter estrangulado a mulher, depois de uma discussão por motivo fútil: discordância do local onde iriam tomar umas bebidas. Segundo o promotor público, Joaquim Ferreira Lopes, matou a mulher, Adelina Rodrigues da Silva, porque esta se mostrava demasiado independente: conheceram-se há dois anos nos Estados Unidos e era a mulher que dava dinheiro para a casa, facto que aborreceria o marido, tripulante da Marinha Mercante.

JOVEM DE 17 ANOS responsável por furtos avaliados em mais de 3000 contos, chefiava um pequeno grupo de delinquentes de pouca idade, foi agora detido pela Judiciária. Chama-se Eduardo, é retornado de Angola, e devido a deficiente ambiente familiar tem passado estes anos em diferentes casas de correcção. Agora com mais quatro rapazes em situação semelhante de 15, 17, 18 e 20 anos, assaltaram vários estabelecimentos comerciais: sapatarias, prontos-a-vestir, electrodomésticos e as tabacarias dos cinemas; Odeon, Eden, Cinearte, Berna e Pathé. Serviços de protecção à juventude e de recuperação de delinquentes não há nada para ninguém...

CENTRO COMERCIAL DO ROSSIO teve a noite passada a visita de alguém interessado em electrodomésticos e material de som, pelo que servindo-se de chave falsa, igual à verdadeira, foi aberta a porta da loja 528, pertencente a Carlos Aurélio Ferreira Fernandes, que ficou defraudado em cerca de mil contos.

PASSAGENS
AUTOPULLMAN
AVIÃO, BARCO
ou COMBOIO

RESERVAS A
PREÇOS OFICIAIS

informações e reservas:

Europeia
AGÊNCIA TURÍSTICA

LISBOA - Av. da Liberdade, 233 - Tel. 53 61 21
LISBOA - Av. de Roma, 35 - Tel. 76 08 15
PORTIMÃO - Av. Tomaz Cabreira, s/n -
Praia da Rocha - Tel. 2 33 77

membro WATA em Portugal - OPERADOR - Alvará n. 23

Em tempo de férias

Britânicos preferem Espanha

Portugal ocupa o oitavo lugar na escala de preferência dos turistas britânicos, sendo a Espanha o destino favorito, revela um estudo publicado pelo jornal «The Times».

Em ordem de importância à Espanha seguem-se a Grécia, Itália, América do Norte e França. De acordo com a investigação realizada pelo «British Market Research Bureau», os cidadãos do Reino Unido preferem ir de férias para lugares onde tenham a garantia de que não vai chover inesperadamente.

Por esta razão, os destinos para as próprias ilhas britânicas, apesar das campanhas para atrair maior número de turistas, não podem competir com os do Mediterrâneo. Todavia, ainda que a Espanha

continue a ser o lugar mais popular entre os turistas britânicos, o estudo agora publicado revela algumas novidades. Por exemplo: Corfu na Grécia, é o local de férias que maior atracção exerce entre os turistas do Reino Unido, deixando em segundo lugar Benidorm.

Porém se é verdade que Benidorm perdeu o primeiro lugar entre os locais preferidos, a Espanha continua na dianteira como o demonstra um quadro com os 15 primeiros lugares favoritos dos turistas britânicos. Desse total, dez nomes são de regiões e lugares pertencentes à nação espanhola e os cinco restantes ao resto da Europa. Corfu encabeça a lista, Paris

encontra-se em quarto lugar, Creta em nono, Rodas no décimo primeiro e o Lido de Joso, Itália no décimo segundo.

As Baleares, um arquipélago espanhol do Mediterrâneo são indiscutivelmente as ilhas de maior atracção para os britânicos, que repartem os seus gostos entre Magaluf, Maiorca, na terceira posição, San António, em Ibiza, quinto lugar, Palma Nova, em Maiorca, sétimo lugar e Arenal, na mesma ilha na última posição. Na costa catalã aparecem ainda Lloret, (sexto lugar), Salou, oitavo, e Calella no décimo quarto. Os restantes são Puerto de La Cruz e Torremolinos na décima terceira posição.



Na Austria

Choque de combóios
provoca 60 feridos

Um comboio que transportava 400 passageiros chocou ontem com uma composição de mercadorias próximo de Wels, na Austria. Do embate resultaram ferimentos em 60 pessoas, 15 das quais em estado grave. Dos feridos em estado crítico, dois são os maquinistas das composições. Este é o segundo acidente que se verifica na Austria, nos últimos dez dias, envolvendo um comboio procedente da Alemanha Federal, repleto de turistas e composições de mercadorias. A foto documenta bem a violência do embate. (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

II Congresso da Associação
dos Arquitectos Portugueses
já está em marcha

Trinta e três anos após a realização do 1.º Congresso Nacional de Arquitectos, que reuniu duas centenas de profissionais debatendo a arquitectura no plano nacional e o problema português de habitação, a Associação de Arquitectos Portugueses leva a efeito de 12 a 15 de Novembro deste ano o seu II.º Congresso.

As instalações do LNEC serão palco desta importante realização, em que poderão participar não apenas profissionais do sector, mas ainda alunos finalistas de Arquitectura das Escolas Superiores de Belas Artes do Porto e de Lisboa e outros profissionais com ligações aos temas em discussão.

A iniciativa surge da constatação de que o balanço da participação da classe no curso da história que o País viveu ao longo dos anos, estava por fazer. Importava, pois, volvidos 33 anos, saber «o que representava em termos de participação de uma classe», a presença dos arquitectos na vida portuguesa.

Os trabalhos do Congresso vão ser divididos em duas ses-

sões de trabalho. A primeira terá um carácter estritamente associativo, que elaborará as grandes linhas de actuação da AAP nos próximos dois anos, sendo reservada apenas aos associados.

A segunda parte dos trabalhos de âmbito mais alargado, terá um carácter profissional, estando relacionada com problemas fundamentais de ordem geral e que envolvem a actividade profissional, quer dos arquitectos portugueses, quer de outros profissionais ligados à actividade.

Este conjunto de questões deverá permitir a extracção de orientações e recomendações com vista a uma melhor integração do arquitecto na realidade portuguesa, tendo, pois, um carácter aberto.

O calendário do Congresso prevê inscrições provisórias até ao dia 11 de Setembro. As inscrições definitivas e a entrega de comunicações terminará em 16 de Outubro. Toda a correspondência deve ser enviada para a sede da AAP, na rua Barata Salgueiro, 36, em Lisboa.

Matou a mulher e enforcou-se

Há alguns meses e após constantes desavenças, Ilda Duarte, de 50 anos, que residia com o marido, Ernesto Brandão dos Santos, de 65 anos, no Lugar da Bouça, no concelho de Arouca, decidiu abandoná-lo e ir trabalhar como empregada doméstica numa casa agrícola situada no Lugar de Insua, já na região de Oliveira de Azeméis.

Só que anteontem à tarde Er-

nesto Brandão procurou a mulher e abateu-a com várias facadas, numa altura em que a vítima dava de comer aos animais domésticos, desaparecendo em seguida, para ser encontrado enforcado, ontem à tarde próximo da sua casa em Bouça, apresentando ainda vários golpes de navalha que previamente desferira sobre si próprio.

CONGRESSOS E CONVENÇÕES 1981

VIAGENS ESPECIAIS COM PREÇOS DE GRUPO

ALOJAMENTOS GARANTIDOS E INSCRIÇÕES NOS CONGRESSOS	
MUNIQUE 7º Congresso Int. Neurocirurgia 12 a 19 Jul	HAMBURGO 6º Congresso Europeu de Anatomia 27/9 a 3/Out
BRIGHTON 1º Congresso Mundial da Tecnologia de Coração Aberto 12 a 19/Jul	PARIS INTERASMA-X Congresso Mundial da Assoc. Int. de Asmologia 27/9 a 3/Out
TOQUIO VIII Congresso Int. Farmacologia 17/7 a 5/Ago	MONTREAL 2º Congresso Mundial de Engenharia Química Exposição Mundial de Química 29/9 a 11/Out.
QUIOTO 12º Congresso Mundial Neurologia 14/9 a 3/Out	

NUMERO LIMITADO DE LUGARES • INSCREVA-SE JA

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu
fundada em 1840

PORTO: Av. Aliados, 207 • Telef. 31 79 21
LISBOA: Av. Liberdade, 160 • Telef. 37 13 41
Av. Roma, 66 B • Telef. 80 36 09
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telef. 270 11/2
FARO: Av. República, 124 • Telef. 250 35/6
FUNCHAL: Rua Gorgulho, 1 • Telef. 310 77/8

MARQUES

MAQUILIN
S. J. L. L.

**ORÇAMENTOS
GRÁTIS**

Arquitetos e Sócios da Associação:
Rua Francisco de Holanda, 28-A
Tel. 776510-776509-776513
1100 LISBOA

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SEXTA-FEIRA, 28 DE AGOSTO DE 1981



Para onde vai a Imprensa portuguesa?

Publicamos hoje, na nossa página 8, a segunda parte do artigo de Maribel Bahia sobre a Imprensa portuguesa. Maribel Bahia é a directora do boletim da FIEJ, e o seu artigo resulta da análise que esta organização produziu sobre a nossa Imprensa no Congresso de Madrid

Bernardo Santareno



Os mortos morrem, diz um verso de António Machado. Há mortos que teimam em permanecer, estão em nós, na nossa memória, nesse vazio que deixaram no nosso quotidiano, nas palavras que deixaram de dizer, nesta aflição ou nesta exaltação do mundo em que vivemos e em que também vamos morrendo. Bernardo é um deles. Está connosco, presente como uma sentinela amiga, vigiando ainda (sempre) os caminhos que percorremos com aquele temor, aquela esperança que são o quinhão de todos os dias. Vivo naquilo que nos deixou, é certo, mesmo que alguns tentem esquecer que o seu legado é, antes do mais, o da Revolução (total), e vivo na nossa própria fidelidade ao que nos uniu, na lealdade que devemos à sua memória. Mais do que a dor da ausência, essa incompreensível, definitivamente incompreensível,

mais do que esse absoluto, pesa em nós a lembrança do calor, da ternura, da amizade, da solidariedade — que são afinal um outro absoluto. Não sejam estas palavras nem de circunstância nem pessoais. Não se pretende trazer aqui o Bernardo como evocação piedosa. Pelo contrário: é o Bernardo que se nos impõe. Não apenas através da sua obra mas através do que dele mantemos vivos.

Se sobre o Bernardo escrevemos estas linhas é porque não podemos deixar de o fazer. Se ele continua connosco é porque era, na sua fragilidade, muito forte, muito sólido, o elo que o prendia à cadeia de que fazia parte. Cadeia fraterna e boa mas inflexível para com aqueles que continuam a explorar os humilhados e ofendidos.

Como podia o Bernardo deixar de estar vivo?

Carlos Porto

Estórias de Portugal



NÃO sei se, até ao momento em que estoriar, algum corajoso se atreveu já a participar ao general Ramalho Eanes que ele não é mais Presidente da República. É uma tarefa pouco agradável pelo que admito como bem natural que, duma maneira ou doutra, todos se procurem furtar ao seu desempenho. Eu próprio, só na certeza de não ter em Ramalho Eanes um leitor destas estórias me atrevo a abordar assunto tão delicado e de tanto melindre. Imaginem que na azáfama do Palácio de Belém, por descuido, Joaquim Letria deixava hoje o «DL» aos olhos de semente do Presidente e era por meu intermédio que ele vinha a saber que aquilo das eleições de Dezembro já era, os votos deram lugar aos devotos, a ida à Frutos-81 — foi feira que deu uvas!... Não quero nem pensar!...

Eu que nunca tive jeito para dar notícias a ninguém...

E, no entanto, é urgente que alguém se encarregue de avisar o general Eanes. Não é justo deixá-lo viver na ignorância até 1985.

A menos que ele, efemerizando os seus tempos de liceu, recordando dos velhos tempos do B-A = BA filosófico a sempre alegre descoberta que a lógica não é mesmo uma batata, já o tenha descoberto sem o auxílio de ninguém ou,

melhor dizendo, com a ajuda duma boa equipa de colaboradores de que fazem parte nomes como os de: Aristóteles, Descartes, Kant, Hamilton, Leibniz, Goblott, e outros que, ao longo dos séculos, nos fizeram a papinha da arte de raciocinar.

Uma pequenina viagem ao mundo dos silogismos, uma fatia da manhã para uma ida à premissa e a revelação estalará, nua e crua, brutal, dispensando, por desnecessários, aos conselheiros graves, familiares consternados e amigos pesarosos, os ares de circunstância que sempre acompanham os não somos nada nesta vida... até parece impossível... ontem tão presidente e hoje é o que se vê... F que a coisa está mesmo à vista:

1 — O professor Freitas do Amaral garantiu que jamais faria parte do governo tendo o general Eanes como Presidente da República.

2 — O professor Freitas do Amaral fará parte do governo.

3 — Logo, o general Eanes já não é o Presidente da República.

Nada mais simples e claro. É o exercício mais lógico que a lógica nos proporciona. Tão lógico como este só outros, bastante curiosos, que a situação actual nos permite equacionar. Por exemplo:

1 — O doutor Carlos Macedo diz que o Primeiro-Ministro não tem carácter.

2 — O doutor Carlos Macedo garante que não é crítico do Primeiro-Ministro.

3 — Logo, dizer que o Primeiro-Ministro não tem carácter não é crítico ao Primeiro-Ministro.

Interessante conclusão, não é? Mas há mais... Vejam esta:

1 — O professor Cavaco e Silva garantiu que se o Primeiro-Ministro se demitisse apareceriam alternativas.

2 — O Primeiro-Ministro demitiu-se.

3 — Logo, apareceram alternativas.

Decididamente as alternativas são como o bacalhau: estão todas nas mãos dos açambarcadores. E esta agora...

1 — Balsemão é que é o homem derrotado — afirmou Amândio de Azevedo.

2 — Amândio de Azevedo assinou a moção que reconduziu Pinto Balsemão a Primeiro-Ministro.

3 — Logo, AA acha que para governar este País não há melhor que um derrotado.

Mas isto não fica por aqui.

1 — A arquitecta Helena Roseta declarou que indicar de novo Balsemão para Primeiro-Ministro seria pouco realista e edificante.

2 — A senhora arquitecta foi a primeira a assinar a moção que indica de novo Balsemão para Primeiro-Ministro.

3 — Logo, a senhora arquitecta foi pouco realista e edificante. Só que...

1 — O jovem Santana Lopes assegurou que a assinatura da moção se filiou em deveres patrióticos.

2 — A moção, por indicar de novo Balsemão para Primeiro-Ministro, é, segundo a senhora arquitecta Helena Roseta, «pouco realista e edificante».

3 — Logo, há «deveres patrióticos» do jovem Lopes e da arquitecta Helena que são «pouco realistas e edificantes».

Mas acaba de chegar a meu lado o Onofre que me garante a pés juntos que afinal o general Ramalho Eanes continua a ser o nosso Presidente da República apesar do professor Freitas do Amaral ir fazer parte do governo, não por «deveres patrióticos», que o professor nunca deveu nada a ninguém, mas por «imperativos patrióticos», que não é nada a mesma coisa, não se estejam para aí a rir. Jura-me ainda que os actos «pouco realistas e edificantes» não o são coisíssima nenhuma. Muito pelo contrário, na doutíssima opinião do (in)suspeitado doutor Marcelo Rebelo de Sousa, o jovem Lopes e a arquitecta Helena procederam duma maneira «inteligente e consequente». Por mais que me digam que não, tudo isto é ilógico! A menos que a lógica sempre seja a tal batata.

Haverá quem lhe chame coisa pior, mas hoje puxa-me o pé para o Dior.

Francisco Nicholson

Agenda

Lenny

de Bob Fosse
(USA-1974)

A vertigem do espectáculo num trabalho febril e ousado de Bob Fosse. Dustin Hoffman, frenético, perfeito. Um filme devorador e fascinante que volta a por sobre os maelstroms do palco e do écran.

Cinema ABCine-sala B
(14.45, 17, 19, 21.30 e 23.30 h)
(não acons. men. 18 anos)

Vestida para matar

de Brian de Palma
(USA-1980)

Não há espectadores de cinema culturalmente virgens de imagens, de sentidos. Sabê-lo e usá-lo na ironia de um jogo onde o fantasma é um outro que está em nós, numa ficção onde os corpos se cindem e são sempre mais do que uma coisa unívoca.

Brian de Palma a assinar um dos grandes filmes do ano.

Cinema CineBloco (15.30, 18.30 e 21.30 h)
(não acons. men. 18 anos)

Taxi driver

de Martin Scorsese
(USA-1976)

A inquietante noite americana atravessada por

Schrader e Scorsese, De Niro e Jodie Foster. Uma reposição que volta todos os anos e sempre encontra público.

Cinema Quarteto-sala 4
(14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h)
(interdito a men. 18 anos)

Frankenstein Júnior

de Mel Brooks
(USA-1974)

Antes e depois de **Frankenstein Júnior**, Mel Brooks assina filmes francamente irrisórios. Aqui ele parece encontrar o fôlego e a justeza de tom que fazem de **Frankenstein Júnior** uma película extremamente divertida na revisão que faz das coordenadas do cinema clássico de terror.

Cinema Castil (15.30, 18.30 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

Viva zapata

de Elia Kazan
(USA-1952)

Um filme que envelheceu dramaticamente e cujo interesse principal é verificar como, contemporaneamente à sua actuação de denunciante de comunistas ante a Comissão de



Angie Dickinson em «Vestida para matar»: a vedeta que morre a um terço do filme

Actividades Anti-Americanas do senador McCarthy. Flia Kazan procurava justificar a sua conduta. A Revolução engendra novas corrupções, os puros são suas vítimas, tal a lição que nos predente dar.

Cinema Quarteto-Sala 1
(14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h)
(interdito a men. 13 anos)

Feios, porcos e maus

de Ettore Scola
(Itália-1976)

Nas margens urbanas da civilização ocidental crescem as ilhas dos sem terra, cultura, raiz. Ettore Scola fala disso

AS ESTRELAS	
Lenny	★★★★
Vestida para Matar	★★★★
Taxi Driver	★★★★
Frankenstein Junior	★★★★
Feios, Porcos e Maus	★★★★
West Side Story	★★★★
Um Filme Doce	★★
Viva Zapata	★★
Doroteia	★
Gente Vulgar	●

A «CHAVE»

★★★★ — Excepcional
★★★ — Bom
★★ — Interessante
★ — Desinteressante
● — A evitar

numa comédia ácida, dramática, onde Nino Manfredi tem um dos seus melhores trabalhos de sempre.

Cinema Quarteto-sala 3 (14, 16.30, 19, 21.30 e 23.30 h)
(interdito a men. 13 anos)

West side story

de Robert Wise
(USA-1961)

Entre a comédia musical de antanho e a opereta luxuosa do futuro imediato se situa este **West Side Story**. A música de Bernstein e a coreografia de Robbins asseguram-lhe lugar certo na memória do cinema.

Cinema ABCine-sala A
(14.30, 17.15, 21.30 e 24 h)
(não acons. men. 13 anos)

Um filme doce

de Dusan Makavejev
(RFA-Canadá-França-1974)

Claro que se trata de uma provocação, de um discurso desesperado e nihilista assestado principalmente contra as mitologias da Revolução. Ideologicamente poderá ser repulente mas passa por ali muita inquietação que convém não escamotear.

Cinema Estúdio (15.30, 18.30 e 21.30 h)
(interdito a men. 18 anos)

Cinema africano na festa do «Avante»

FMBORA o cinema não seja ponto fulcral na Festa do «Avante», ele não tem deixado de estar presente naquele que é um dos grandes acontecimentos culturais deste país.

Este ano, o cinema parece querer constituir um forte ponto de atracção de quem visitar o Alto da Ajuda nos próximos 4, 5 e 6 de Setembro. Com efeito, um ciclo de filmes dos países africanos de língua portuguesa vai ser apreendido, enquadrado por uma exposição documental e bibliográfica e acompanhado por debates. Pela primeira vez em Portugal, mais de uma dezena de filmes de Angola, Moçambique e (espera-se) Guiné-Bissau vão ser exibidos numa mostra significativa dos caminhos, potencialidade e carências das nascentes cinematografias daqueles países.

Se, nos campos literário e de artes plásticas, a cultura africana dos países de língua portuguesa é relativamente divulgada entre nós, o cinema tem permanecido arredado do contacto com o público português, afora algumas iniciativas meritórias, mas escassas, levadas a efeito recentemente (como a exibição de filmes de Ruy Duarte no Festival da Figueira da Foz ou o ciclo Cinema Terceiro Mundo, organizado pela Cinequipa e pelos Cadernos do Terceiro Mundo). Mas nunca um ciclo com esta amplitude foi feito e, é bom dizê-lo, já tardava.

Serão apresentados os seguintes filmes: **Haydongo, o valor de um homem** e **O Kimbando Kambia**, duas médias metragens da série de dez realizada por Ruy Duarte (Angola) sob o título **Presente angolano- /Tempo Mumula; O carnaval da vitória** e **No caminho das estrelas** de António Ole (An-



«Presente Angolano/Tempo Mumula», uma série, do angolano Ruy Duarte, de que dois filmes estarão presentes na Festa do «Avante»

gola); **Adeus à hora da partida** e **Ponto da situação** de Francisco Henriques (Angola); **Nascidos na luta, vivendo na vitória** de Asdrúbal Rebelo (Angola); **Mueda, memória e massacre** de Ruy Guerra (Moçambique); **Operação leopardo** de Camilo de Sousa (Moçambique); **Que venham** de José Cardoso (Moçambique); **Estas são as armas** de Murillo Salles (Moçambique); **Rebbita**, filme colectivo (Angola). O programa inclui ainda **Actos dos feitos da Guiné** de Fernando Matos Silva (Portugal), reflexão sobre o período colonial; espera-se ainda a confirmação da vinda de **Nô Pintcha**, em representação da Guiné-Bissau.

O cineasta e pintor angolano António Ole estará presente e debaterá com o público os filmes do seu país; aguarda-se também a presença de um realizador moçambicano.

A excepção de **Mueda — memória e massacre**, todos os restantes trabalhos apresentados são de carácter documental, pois as estruturas cinematográficas das ex-colónias portu-que-

sas não permitem ainda avançar na via da ficção, por carência de meios técnicos e humanos. Se o espectáculo é, assim, limitado, a proximidade que os filmes têm da realidade daqueles países oferece aliciantes suplementares: trata-se de um cinema que procura ver e ajudar a transformar essa realidade, preservar e dinamizar uma cultura, não esquecendo funções de agitação e propaganda que, em países atravessando processos revolucionários, são sempre cometidas ao cinema.

Não apenas pela língua, não apenas pela História, estamos ligados e não podemos ser ausentes aos destinos culturais de Angola. Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe. E de mútuo interesse que haja proficuas e dialécticas ligações entre esses destinos. Este ciclo, que agora vai ser exibido na Festa do «Avante», é um momento não irrisório de estabelecer algumas dessas ligações, de destruir barreiras de ignorância ante uma realidade cultural que resiste, se afirma, avança.

J.L.R.

mercado de artesanato

FEIRA POPULAR de LISBOA

quarteto

2.ª SEMANA

um filme anti-pornográfico

ANNA HENKEL em **Dorothea**

realização de PETER FLEISCHMANN

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

AVISO AO PÚBLICO
ESTE FILME CONTEM CENAS
EVENTUALMENTE CHOCANTES

FILMES OCIDENTE

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

FUMO

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português



SILVA, MANUEL COSTA E
— diretor de fotografia
realizador

Nasceu em Lisboa, a 19 de Março de 1938. Depois de completar o liceu parte para Graz (Austria) onde, na Universidade local, frequenta o curso de Engenharia de Máquinas, durante dois anos. Em 1959 abandona engenharia e resolve enveredar pelo cinema. Cursa o IDHEC, em Paris, na especialidade de fotografia (1.ª fase de vésperas), de 1959 a 1961, tendo, no 2.º ano, bolsa do Fundo do Cinema. Ainda aluno do IDHEC é operador de imagem em *La pyramide humaine* de Jean Rouch

(1960). Trabalha em reportagem para as *Actualités françaises* (1961) e para as *Imagens de Portugal* (1962), dois jornais filmados de actualidades. Em 1962 é cameraman em *O milionário* de Perdigão Queiroga e primeiro assistente de operador em *Os sorrisos do destino* de Pierre Kast. Em 1961 assina o seu primeiro trabalho como diretor de fotografia (na curta metragem *Coimbra, uma Universidade*). Em 1963/64 fixa-se na Suécia onde é assistente de realização em três filmes: *Um domingo em Setembro* de Jorn Donner (1963), *Amar* de J. Donner (1964) e *A ilha* de Alf Sjöberg (1964).

Ainda em 1964 é operador em *O triângulo circular* de Pierre Kast. Regressa a Portugal, trabalhando sucessivamente na Tobis, na Media filme (de que é fundador juntamente com Fernando Lopes, Seixas Santos, João e Fernando Matos Silva, Alfredo Tropa), na Unifilme e no Centro Português de Cinema.

De 1962 a 1965 escreve artigos nas revistas portuguesas «Filme», «Celulóide» e «Plano» e na revista sueca «Chaplin». Em 1968 inicia-se, como diretor de fotografia, na longa metragem de ficção em *Uma abelha na chuva*. Em 1969 estreia-se como realizador (com *A grande roda*).

Para além do seu trabalho contínuo como diretor de fotografia e realizador, Costa e Silva é, ainda, assistente de produção em *A man could get killed* de Cliff Owen (1965) e em *Tender sharks* de Michel Deville (1966), assistente de realização de Jacques Deray em *La route des diamants*, diretor de produção de um episódio de *Madigan* (série TV de Boris Sagal, prod. Universal Pictures) rodado em Lisboa (1972), da série TV *O conde Monte Cristo* de Denys de la

Patellière (1979), de *Os lobos* de Pedro Bandeira Freire (1977/78).

Em 1967 é bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian para uma visita de estudo aos Estados Unidos, onde toma conhecimento de novas técnicas, estúdios e laboratórios cinematográficos.

De 1969 a 1974 dirige a Secção de Cinema e os Serviços de Produção do Instituto de Tecnologia Educativa.

Em 1973 é professor de «Iluminação» e monitor de «Técnica Cinematográfica» na Escola de Cinema do Conservatório Nacional.

FILMOGRAFIA: 1) Como diretor de fotografia: *Coimbra, uma Universidade* CM de Alfredo Tropa (1961); *P.X.O.* CM de Pierre Kast e Jacques Doniol Valcroze (1962); *A força aérea no Ultramar* CM de Quirino Simões (1962); *A ponte sobre o rio Tejo* CM para a United State Steel (1965); *Dois pisos* CM de A. Tropa (1965); *Vermeelho, amarelo e verde* CM de Fernando Lopes (1966); *Hoje, estreia* CM de F. Lopes (1967); *Tejo na rota do progresso* CM de F. Lopes (1967); *Regatas* CM de A. Tropa (1968); *A pérola do Atlântico* de José Fonseca e Costa (1968); *Uma abelha na chuva* de F. Lopes (1968/71); *Águas vivas* CM de A. Tropa (1969); *Crianças autistas* CM de José Ernesto de Sousa (1969); *Por um fio* CM de Fernando Matos Silva (1969); *Almada, nome de guerra* MM de J. Ernesto de Sousa (1970); *Era uma vez amanhã* CM de F. Lopes (1971); *A aventura calculada* CM de F. Lopes (1971); *O mal amado* de F. Matos Silva (1972); *Sofia e a educação sexual* de Eduardo Geadá (1973); *O encoberito* CM de F. Lopes (1974); *Lisboa, o direito à cidade* de E. Geadá (1974); *A santa aliança* de E. Geadá (1975/77); *Nós*



«Mariana Alcoforado»: o mais importante trabalho de fotografia de Costa e Silva

por cá todos bem de F. Lopes (1976/77); *Amor de perdição* de Manoel de Oliveira (1976/78); *O amor das três romãs* CM de João Cesar Monteiro (1978/79); *Os dois soldados* CM de J. C. Monteiro (1978/79); *O rico e o pobre* CM de J. C. Monteiro (1978/79); *Temos festa* série TV de E. Geadá (1978/79); *Mariana Alcoforado* MM de E. Geadá (1980); *Lisboa, sociedade anónima*, série TV de E. Geadá (1981).

2) Como realizador e diretor de fotografia: *A grande roda* CM (1969); *A passagem* CM (1970); *Escola técnica de enfer-*



«Madanela»: uma curta-metragem onde Costa e Silva se confirma escorrito documentarista

meira CM (1970); *Que vamos ver* CM (1972); *Festa, trabalho e pão em Grijó de Parada* MM (1973); *Com todas as letras*, programa TV (1974/75); *Madanela* CM (1977); quatro emissões da série TV *Sol a sol* (1978/79).

Costa e Silva é, seguramente, um dos nomes primeiros na fotografia do recente cinema português. Para além de uma longa e eficiente experiência na curta metragem, os seus trabalhos na longa metragem de ficção saíram-se por outros tantos momentos exemplares.

Uma abelha na chuva é, sem contestação, uma excepcional *reussite*, no preto-e-branco brumoso e pesado dos exteriores, no contraste vivo, límpido, angustiante dos interiores.

Sofia e a educação sexual confirma os seus dotes de iluminador, o seu gosto pelos territórios das sombras, a sua eficácia de operador.

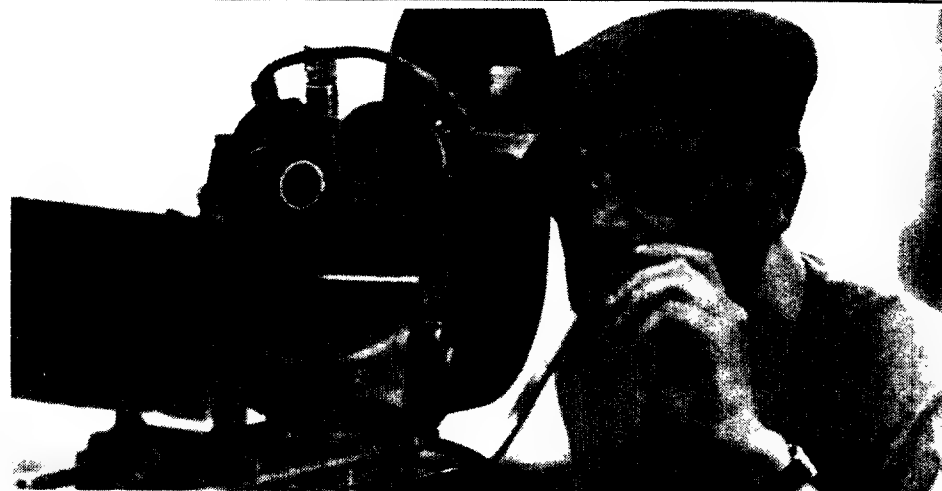
A santa aliança lança-o para o território

da cor com segurança, segurança que irá manter em *Nós por cá todos bem* e será um dos mais fortes pilares de *Amor de perdição*, filme onde o seu trabalho, apesar de desigual, é um dos mais excepcionais de todo o cinema português.

A via de *Amor de perdição* (esses interiores bruxuleantes onde as fontes de iluminação são marcadas) irá depurar-se em *Mariana Alcoforado*, provavelmente o seu ponto mais alto até à data.

Como realizador, Costa e Silva é bem menos importante que como diretor de fotografia.

Com grande preocupações de composição imagética nas duas primeiras curtas metragens, escorrito documentarista em *Madanela* ou na série *Sol a sol*, o seu ponto de equilíbrio e, portanto, de maior fôlego situa-se a meio percurso, em *Festa, trabalho e pão em Grijó de Parada*. Prepara-se neste momento (Agosto de 1981) para realizar a sua primeira longa metragem de ficção, *A moura encantada*.



FONSECA, TEIXEIRA DA — realizador

Luís José Teixeira da Fonseca nasceu a 24 de Outubro de 1925 em Lisboa. Nos Liceus Camões e Pedro Nunes tira o curso liceal. Faz cinema amador (realiza, em 9.5mm, dois pequenos filmes, *Acaraó*, em 1943 e *Medo*, em 1946 e é assistente de Servais Tiago num trabalho de desenho animado, *Automania*, em 1943). Colaborador do semanário «Filmagem», escreve o livro «Cinemanía» (1945) e é um dos fundadores da revista «Plateia».

Em 1952 entra profissionalmente para o cinema. É assistente de Manuel Guimarães em *Saltimbancos* (1951), *Nazaré* (1952), *Vidas Sem Rumo* (1956), *O Crime de Aldeia Velha* (1964), *O Trigo e o Joio* (1965) e de Constantino Esteves em *O Diabo era Outro* (1969).

Em 1965 está um ano em Itália, como

bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian, onde tira o curso de regia (na RAI) e assistente estagiário de Mário Monicelli (*L'Armata Brancaleone*) e Massimo Franciosa (*Il Morbidone*) e colabora em dois filmes para a Televisão (*I Comuni* e *Della Mezzadria alla Azienda Moderna*) dirigidos por Pompeo de Angelis.

A maior parte da sua actividade passa-se na publicidade e só em 1972 assina o seu primeiro trabalho como realizador.

FILMOGRAFIA: *A Cidade do Rio Azul* CM (1972); *O Diabo Desceu à Vila* (1977/79).

Realizando, aos cinquenta e dois anos de idade, a sua primeira (e, até à data, única) longa-metragem de ficção (de que também escreveu o argumento), Teixeira da Fonseca quis apostar num sucesso, entrando pela via de fazer reviver a comédia dos anos 40. Aposto canhestra, mal sucedida, o filme é, francamente desinteressante e vale apenas como sinal de um equívoco lapidar.



SE

estiver cansado
procure boiar

e não hesite em pedir socorro

**2 RODAS 2 vezes
mais atenção!**

Nunca circule aos zigue-zagues
defenda a sua vida
e a dos outros.



SOCIEDADE

Gonzalo Olavide contra a uniformidade na música contemporânea



«Não creio na sinceridade musical como critério de valor: muita música sincera é má e vice-versa. Mas um compositor não pode iludir a sua própria experiência e, quer queira, quer não, acaba sempre por encontrar o seu caminho» — palavras de Gonzalo Olavide, um dos mais fascinantes compositores espanhóis contemporâneos, nascido em Madrid em 1934, residente em Genebra desde 1965.

«O fim da década de 50 foi para mim uma época muito dramática. Não quero explorar o aspecto político, mas havia dificuldades concretas que me levaram a exilar-me: um sistema totalmente repressivo; uma situação musical catastrófica; o 'compromisso' com o sistema em que estava interessada a música contemporânea oficial e a consequente 'luta sem tréguas' pelo poder musical — coisa que nunca me interessou.»

«Não pretendo criticar os colegas, em absoluto» — prosseguia Olavide, nesta conversa de fim de tarde à margem do VIII Festival do Estoril. «Todos estamos de acordo em que a situação era difícil. A transformação completa que houve depois parece um milagre, mas não é. Deve-se ao esforço de compositores e músicos que são, infelizmente, os menos conhecidos actualmente no plano oficial: Miguel Ángel Coria, Ramón Barce, Tomás

Marco.»

Gonzalo Olavide fez os estudos de composição e piano em Madrid. Desenvolveu-os depois em Bruxelas, Colónia e Darmstadt, frequentando os célebres cursos desta última até 1965. Familiariza-se com a Escola de Viena em Bruxelas, através de André Souris (1956/57). Alban Berg influencia-o profundamente, «apesar de ser então o compositor maldito da triada vienense, na medida em que utilizava uma

linguagem proscrita pela música contemporânea oficial, personificada em Pierre Boulez».

É claro que Webern e Schoenberg constituem polos não menos importantes de estudo e reflexão para o jovem compositor, que por essa altura se inicia num novo universo sonoro. Mas a experiência de Darmstadt, onde toma contacto com as figuras marcantes da época (Luigi Nono, Luciano Berio, Boulez, Stockhausen) e se encontra com músicos da sua geração (cita, entre outros, os nomes dos portugueses Emanuel Nunes e Jorge Peixinho), pertence ao passado:

«Escutar a música desta época faz-me nostalgia. É uma música que evita, mais do que afirma. Por exemplo, escrever oitavas naquela altura seria a hecatombe. No entanto, a oitava é a medida ausente ou presente da música considerada sob o ponto de vista acústico e é-o, sobretudo, da orquestra.

Sempre me impressionaram muito as peripécias de Schoenberg para evitar a oitava, nas Variações op. 31...»

Não se ensina a compor

Em 1963 aparecia o livro de Boulez «Penser la Musique Aujourd'hui». Continua na pag. VII

Turistas diferentes dos outros • Turistas diferentes dos outros • Uma comunista americana

Nora North: 37 anos, professora de espanhol, antiga jornalista, membro do Partido Comunista dos Estados Unidos da América e filha do escritor e jornalista comunista americano Joseph North, de quem está editado em Portugal, o livro autobiográfico «Nenhum homem é estrangeiro». Nora esteve em Lisboa no termo de umas férias europeias e já regressou a Nova Iorque. O Sete Ponto Sete conversou com ela acerca do que significa, na América de Reagan, ser comunista ou ter o apelido North. Nora teme que estejamos à beira do conflito nuclear, evoca recordações de infância (nomeadamente a execução dos Rosenberg) fala do Macartismo e das perseguições.

— Como é possível ser-se comunista nos E.U.A.?

— Aí está uma pergunta que estranho em pessoas, como vocês, que viveram tantos anos num regime fascista. Nos E.U.A. nós não temos fascismo. Ser-se comunista lá, não implica passar-se muitos anos na prisão como aqui aconteceu. Claro está, que existem problemas... eu, por exemplo, tive-os na minha profissão.

Sempre que procurava emprego faziam-me uma série de perguntas e exigiam sempre o registo criminal. Quando viam que eu tinha estado presa não me concediam emprego. Inclusive, retiraram-me a licença que me permitia leccionar.

— Mas qual o motivo da sua prisão?

— Fui presa três vezes, mas por períodos muito curtos... eu não queria acentuar essa questão. Não é significativa. As prisões resultaram da participação em manifestações contra a guerra no Vietnam e em outras contra a discriminação racial.

— Então, continuando com os problemas na profissão...

— Actualmente sou professora de línguas no ensino secundário. A licença para exercer a profissão foi-me restituída. Trabalho também na Junta de Educação de Nova Iorque. O problema põe-se agora a outro nível: eu podia ser directora do secundário, mas os entraves que me têm posto são muitos. É uma nova luta.

— Disseram-nos que foi jornalista. É verdade?

— Sim. Eu era jornalista.

Trabalhei 10 anos no «Daily World», órgão do PCEUA. Mas quando deixei de aí trabalhar não consegui emprego em nenhum outro jornal. Mesmo quando estive em Porto Rico, vivi lá cinco anos, não me deixaram ser jornalista. Trabalhei num jornal, mas só na secretaria de redacção.

— E está contente com a sua actual profissão?

— Trabalhar na educação bilingue, é encontrar um outro campo de luta. Nós trabalhamos, principalmente, com minorias nacionais. No meu caso, como professora de espanhol, é fundamentalmente com porto-riquenhos. Travou-se uma grande batalha para que eles pudessem estudar no seu próprio idioma, tendo o inglês como segunda língua. Até essa possibilidade não ter sido dada, os estudantes de minorias nacionais eram muito prejudicados. Quando tinham entrada na escola iam para as aulas retardadas e mesmo agora... Existe muito racismo e para muitos só a língua inglesa é boa. Uma outra actividade que desenvolvemos na educação bilingue é a de conseguir arranjar emprego para os estrangeiros.

— O facto de ser filha de Joseph North teve alguma repercussão na sua vida profissional? Sofreu algumas represálias por tal motivo?

— Eu sou a filha mais nova por isso, para mim, não foi tão difícil como para os meus irmãos. Eles cresceram nos anos 50, em plena época McCarista. A minha irmã foi viver para a

Europa. Nos E.U.A. não conseguiu emprego. Ela é intérprete simultânea de cinco idiomas. Tentou a ONU, mas também não conseguiu. Os funcionários americanos na ONU têm de ter um documento de segurança passado pelo governo. A ela nunca lhe foi dado. Actualmente trabalha na CEE, em Bruxelas.

O meu irmão foi permanentemente seguido pelo FBI. Em cada entrevista que tinha para conseguir emprego eles vinham, diziam quem ele era e imediatamente a resposta era não. Não tendo outra alternativa tentou seguir para o Exército. Depois de uma longa investigação mandaram-lhe uma série de documentos nos quais eram impostas condições para a sua entrada. Nomeadamente ele teria de jurar que nunca mais falaria com o pai e a mãe.

Antes, quando acabou de se formar, aos 19 anos, na Universidade de Columbia, ele tentou uma série de estágios em outras Universidades. Todos lhe foram recusados, por ser considerado como um perigo para a segurança. Foi para o México. Trabalhar como carpinteiro. Actualmente é jornalista, em Nova Iorque, numa revista sindical.

— Disse que para si não foi tão difícil...

— É que eu cresci nos anos 60. E essa era já outra época. Quem de facto ficou com cicatrizes muito profundas foi a geração de filhos de comunistas dos anos 50.

Eu vivi num pequeno povoado, perto de Nova Iorque, até aos 12 anos. Aí como era um meio muito pequeno, foi mais difícil. É que nós, além de sermos de uma família de comunistas, éramos judeus e lembro-me de os meus irmãos serem apedrejados por isso.

Uma outra recordação que me ficou desse tempo... da nossa casa via-se a prisão onde mataram os Rosenberg. Eu era muito amiga dos filhos deles. Então quando matavam um preso a electricidade, no povoado, baixava por causa da descarga. Lembro-me de que quando foi o

Os actores das telenovelas em guerra com a TV Globo

Quase apenas de passagem por Lisboa, Alice Viveiros de Castro, actriz, directora do Departamento de Rádio e Televisão do Sindicato dos Artistas e Técnicos do Rio de Janeiro, falou ao Sete Ponto Sete sobre a situação do artista brasileiro, sobre a TV Globo como patrão, sobre as boîtes de «sexo ao vivo» nas cidades do seu país, sobre as lutas do seu sindicato. A conversa levou-nos a um Brasil que não sabe o que é o subsídio de férias, o contrato colectivo de trabalho, a hora extraordinária, o direito de intérprete e de autor e onde o Ministério do Trabalho é sempre intermediário entre o sindicato e a entidade patronal.

— Alice, onde tem trabalhado você?

— No teatro infantil e de re-

vista. Agora estou com um grupo do Rio e temos em cena um espectáculo chamado «Fi-lo

porque qui-lo». Também fiz uma telenovela para a TV Globo, a «Chega mais». Só para consumo interno. Não passará aqui em Portugal. Quanto ao sindicato vou no segundo mandato: comecei no departamento de «shows» e variedades, desta vez estou no departamento de Rádio e Televisão.

— Parece que a TV Globo é um patrão esquisito?

— É um péssimo patrão. Estamos agora mesmo em negociações com ela para obtermos um contrato colectivo de trabalho para todos os nossos representados (só os técnicos de cinema e os dobradores o têm).

— Conte mais.

— Olhe, predominam os contratos a prazo. Somos contratados por seis meses e há uma cláusula que diz: «Caso interesse continuar, pode ser renovado pelo mesmo preço.» Insegurança total. Não são pagas horas extraordinárias, não é

pago subsídio de férias — esse subsídio, aliás, não existe no Brasil — a empresa é nossa «dona»...

— Isso por exemplo para os actores que fazem as telenovelas?

— Claro. Além disso não existem direitos de intérprete. Pensa que o actor tem alguma percentagem por a telenovela passar aqui? Não tem. A telenovela pode ser um «estouro», um enorme êxito, ser vendida dez vezes. O actor não recebe um centimo. É também uma luta que estamos a travar, a do direito de intérprete e do direito autoral, que é um caso conexo. O meu contacto com o vosso sindicato daqui vai ser muito útil.

— Isso também é verdade para os músicos? Não ganham com a distribuição internacional dos seus discos?

— É. Como disse, não há direito de intérprete no Brasil.

No caso dos nossos representantes, estamos a discutir uma tabela de percentagens, mas os patrões têm recusado tudo. Em alternativa propõem — por exemplo a TV Globo e a Bandeirantes propuseram — uma taxa fixa de 10% sobre o ordenado. Porquê?

— ...

— Porque uma percentagem que evolua com os ganhos da distribuição levaria ao conhecimento da facturação da TV Globo. Você pensa que alguém no Brasil conhece a facturação da TV Globo? Pensa que o Governo conhece?

— Essa é então a vossa luta fundamental.

— Não, essa é uma luta muito importante. A nossa luta fundamental é pela alteração para melhor do mercado de trabalho. Você sabe que numa cidade como o Rio só há três ou quatro empresários de teatro? Que não

há teatro do Estado? (Que quase não há cooperativas de teatro? Que cada peça é posta em cena, na maioria dos casos, por uma sociedade que se constitui para esse efeito e dura o que a peça dura? E nesta situação que trabalhamos, inclusivamente, grandes nomes do teatro brasileiro. São raros os grupos fixos: poderia citar-lhe o «Hombu», o «Despertar», o «Grupo da Palhoça», mas são excepções.

— E a geração mais jovem?

— No mundo do espectáculo, a geração mais nova enfrenta grandes dificuldades. Posso falar-lhe de uma que, julgo, é pouco conhecida aqui e que diz respeito à «noite», ao mundo das boîtes com espectáculo. Actualmente, não há boíte no Rio que não faça espectáculo sem sexo ao vivo. É um grande chamariz, a meio do «show» quem está em cena dispõe-se a fazer amor e a assistência pode parti-

• diferentes dos outros • Turistas diferentes dos outros • Turistas diferentes dos outros •

a que queria conhecer Portugal



Nora North

dia da morte dos Rosenberg apagaram as luzes todas na nossa casa para que nós não soubéssemos o momento em que os mataram.

Reagan: o perigo da guerra nuclear

— Como se coloca hoje, nos E.U.A., a questão do anticomunismo?

— O problema está no facto de o anticomunismo se estimular em todos os níveis da sociedade. E de uma forma tão perversa.

É uma propaganda constante. Nos meios de comunicação social vêm todos os dias, em 1.º plano, notícias sobre os dissidentes; sobre as greves na Polónia. Mas sobre as greves no nosso país é como se não existissem. É uma coisa incrível. Num país com um presidente como o Reagan as pessoas acreditam mesmo que a União Soviética representa uma ameaça diária... e isso deve-se muito à quantidade de mentiras que todos os dias são transmitidas por jornais, pela televisão.

Por exemplo sobre os direitos humanos. É como se estes fossem uma invenção americana. Depois vem outro mito: a economia americana é a melhor do mundo e isto quanto a qualidade de vida está cada vez mais a degradar-se.

— **Que consequências, na vida interna do seu país, teve a eleição de Reagan?**

— O que eu não percebo é como os políticos, o Senado, vão sempre atrás dele. Não ouvem as reivindicações do povo. Os serviços públicos estão a deteriorar-se a um tal ponto que não vai ser possível recuperá-los. Aumentou a taxa militar. Estão a dismantelar serviços que têm a ver com os direitos básicos dos cidadãos, que com tão grande esforço conseguimos. Exemplos? Nos serviços de protecção de crianças; no campo da saúde, da educação...

O Reagan poderá acabar o seu mandato e vir outro. Mas o que eu penso é que nessa altura a qualidade de vida será como a de 20 anos atrás ou até mais. E o Senado vota com ele!

Começam também a ressuscitar as técnicas do McCartismo. A dar cada vez mais poder à polícia política.

— **E no aspecto internacional?**

— Eu não queria dar uma nota tão pessimista como o estou a fazer... mas é a verdade. Vivemos num ambiente perigosíssimo. Porque estamos a falar de guerra nuclear. É verdade, de guerra nuclear. É que todo o mundo sabe que Reagan é um doente mental, olhe o que se passou com a Líbia!

Às vezes penso que foi mesmo destino. Que o meu pai nunca poderia ter visto o que se está a passar. A autorização do fabrico da bomba de neutrões... é que a coisa mais importante para ele era a questão do desarmamento, dos esforços para evitar uma nova guerra. E estamos mais perto dela do que em qualquer outro momento da História.

É uma loucura. O governo não é constituído por pessoas irracionais. Sabe? A nossa esperança é a Europa.

— **A Europa?**

— Sim. A Europa capitalista. Porque quando se trata de países socialistas, se eles dizem sim, Reagan diz não. Mas, em termos de desarmamento, os governos da Europa podem ter um influente papel. Condenando a política de Reagan a um cada vez maior isolamento. E

não só os governos, mas também as demonstrações de protesto. Como o que está a acontecer agora por causa da greve dos controladores aéreos.

Pelo menos talvez o povo americano veja através dessas demonstrações na Europa o que significa Reagan. Porque Reagan não foi eleito por ele. A sua eleição foi devido ao facto de as pessoas não quererem o Carter. Porque com Carter tudo estava a ficar muito mal. Mas agora vamos de mal a pior.

Joseph North: um homem comprometido

— **O que pensa da edição do livro «Nenhum homem é estrangeiro» em Portugal?**

— Disseram-me que este livro, se calhar pode parecer mal que seja eu a dizê-lo... mas foi o que me disseram. Bem, que este livro diz mais da história americana de que o filme «O Padrinho». E é uma coisa estupenda que ele tenha sido editado em Portugal.

Nos E.U.A. não teve os leitores que deveria. Foi editado pelas edições do Partido e basta ser de um comunista para nenhum jornal o referir. É uma pena. É que neste livro se consegue relacionar a história de um homem com a história de um país. É um livro particular, pois é aquela história que nunca se disse, que nunca veio referida nos manuais escolares.

— **Colaborou com ele neste livro?**

— Neste não. Mas ajudei-o num outro, posterior. Nós tínhamos muitos planos para fazermos mais coisas em conjunto. Mas ele era um homem muito ocupado. E estava muitas vezes fora.

Quando morreu estava a preparar um outro livro. Quando veio viver comigo, em Porto Rico, vinha trabalhar nesse livro. Mas morreu dois ou três meses depois. Era um livro que falava da história da humanidade na sua luta para alcançar a paz. História para a qual o trampolim seria o facto de ele ter vivido cinco guerras e sobre elas

ter escrito como jornalista. Foi a guerra civil de Espanha, a segunda guerra mundial; a revolução cubana; a guerra da Coreia e a guerra do Vietnam.

— **Quantos livros é que o seu pai publicou?**

— Ele tem quatro livros publicados e diversos folhetos. Mas ele escreveu também ficção quando era jovem. Outro dia encontrei uma série de contos dele. É que pela primeira vez existe uma Universidade que está a fazer uma colectânea dos seus textos. Ele deixou-me responsável pelos seus papéis e outro dia quando estava à procura, para essa colectânea, encontrei, num dos baús, esses contos e também poemas.

— **Para além de ser escritor que mais fazia Joseph North?**

— O meu pai era jornalista, editor, escritor, membro do CC do PCEUA e um grande humanista. Era o encarregado cultural do Partido. Era jornalista do «Daily Worker» e da revista «New Masses». Era editor de uma revista cultural «American Dialogue» e também editou muitos trabalhos de diversos escritores.

Ele era uma pessoa cheia de energia. Sempre muito produtivo. E sempre um homem do Partido. O que para mim era uma das coisas mais maravilhosas nele. Como ele sabia relacionar tudo. Como nada ficava para trás.

Contudo o que ele sabia poder-se-ia pensar que ele nada tinha a ver com a realidade; com a vida à sua volta. Mas não. Com ele tudo tinha a ver com a vida. E foi esse seu conhecimento e o modo como o encarava que lhe permitiu ter a visão da história, saber analisá-la. E foi isso também que lhe deu o seu permanente optimismo e a possibilidade de estar sempre na luta completamente comprometido.

O que é muito difícil no meio dos intelectuais. Para a grande parte destes o que um comunista produz não é arte, mas sim propaganda. A arte comprometida é logo intitulada de cultura inferior. O meu pai sempre com-

bateu estas ideias e na revista «American Dialogue» muitas vezes se publicaram debates sobre temas como «A arte pela Arte» e outros.

— **Quando Joseph North morreu houve uma homenagem em Nova Iorque...**

— Sim. Foi uma grande homenagem. Peter Seeger cantou aí e falaram diversas pessoas. A viúva de Hemmingway, por exemplo.

O meu pai era bastante amigo de Peter Seeger. Ele escreveu diversos artigos para o «American Dialogue». Aliás, o meu pai esteve sempre bastante ligado à música. Ele era muito bom pianista. Sabe? Ele chegou a tocar piano à noite, no cinema mudo, na altura em que trabalhava num estaleiro.

Por vezes fico muito triste por não ter tido mais tempo para trabalhar com ele.

— **Falou em Peter Seeger. Existe ainda nos E.U.A. uma música de contestação?**

— No campo musical existe uma consciência que poderá mais chamar cultural do que política. Mas essa consciência é antimilitarista, antiracista, de defesa da paz, de protesto pelas intervenções em outros países. Existe também um corpo de canções geministas e ecologistas. Mas são de facto uma luta política. É mais uma questão cultural.

— **E existe essa consciência em outros sectores?**

— Há nos E.U.A. muitas actividades contra a intromissão americana em outros países. Existe um grande movimento de solidariedade com El Salvador e com a América Latina no geral. Contra as tentativas de golpes na Nicarágua; contra o apoio dado ao regime de Pinochet e a Israel (já fora do âmbito da América Latina). E muitas das pessoas que participam nestas actividades, nem sequer são de esquerda.

Uma esperança por Portugal

— **Teve alguma influência na sua escolha do espanhol o facto de seu pai ter partici-**

pado na guerra civil de Espanha?

— Sim, penso que teve. O meu pai e o meu tio estiveram lá. A minha mãe também, conduzia uma ambulância. E conheci muita outra gente que tinha um grande envolvimento com Espanha. Mas não foi só por isso.

No jornal onde o meu pai trabalhava havia muitos companheiros porto-riquenhos. Ele levava-me muitas vezes para lá. Esses companheiros brincavam muito comigo; ensinavam-me espanhol e eu ia também passar, às vezes, os fins-de-semana com as suas famílias. E também, quando eu andava na escola secundária, trabalhei como empregada num restaurante. Eu não tinha ainda idade legal para trabalhar e o meu patrão aproveitava-se disso para me explorar bem. Todos os outros empregados e o cozinheiro eram mexicanos. Não falavam nada em inglês. Eles eram muito meus amigos. Protegiam-me do patrão. Nunca me deixavam sozinha com ele e à noite acompanhavam-me a casa. E eram todos homens casados, com um montão de filhos. Com eles aprendi muito de espanhol.

— **A sua vinda a Portugal teve alguma razão especial?**

— Por um lado posso dizer que vim só como turista. Mas por outro digo que houve aqui a revolução. Tinha um grande desejo de conhecer Portugal. A revolução portuguesa e o processo que se lhe seguiu foi para nós, esquerda americana, muito importante. Sentimo-nos muito identificados com o que cá se passou.

É um País europeu que teve uma revolução. E a nossa esperança é a de que cá nunca se passe nada de semelhante com o Chile.

O meu padasto tinha já cá estado. Ele escreveu um livro sobre a revolução portuguesa. Ficou apaixonado pelo que viu em Portugal. Através dele e doutros amigos fiquei com muita vontade de conhecer este país, que talvez, quem sabe, venha ser o primeiro país socialista da Europa capitalista!

DO

cipar. Quem não quis entrar nessa perdeu o emprego. Há tempo, o sindicato fez um «blitz», invadiu todas as boîtes de Copacabana para averiguar como se passavam as coisas. Ninguém tinha emprego com carteira assinada. Só havia contratos verbais. Nem regalias em caso de doença, nem férias, nada. E assim... E a situação está-se agravando com a droga. O Rio, e São Paulo embora menos, são lugares importantes de droga e prostituição, que giram em torno do mundo das boîtes. Muita da droga boliviana passa pelo Rio a caminho de Nova Iorque ou da Europa. Bem, com tudo isto, muitos profissionais que trabalhavam em «shows» nocturnos e que não quiseram prestar-se a esta «nova vida» perderam os seus empregos.

— **Vocês têm um salário mínimo?**

— Não, só os técnicos de ci-

nema o têm. Também estamos a lutar por ele. Sabe, no que toca às relações do Poder com os artistas, uma grande vitória sindical está a ser a criação do Instituto Nacional de Artes Cénicas (INACEN). O Governo mantinha um Serviço Nacional de Teatro, pequeno e muito limitado em meios e acção. Nós lutámos, em conjunto, sobretudo, com pequenos empresários, pelo INACEN. Eles quiseram impor em alternativa uma fundação, a FUNARTE. Acabámos por conseguir o INACEN, com um conselho onde estão representados empregados e empregadores e com responsabilidades muito maiores em relação ao mundo do espectáculo.

— **O Brasil conhece teatro português?**

— Não. Sabe, no Brasil quase não há teatro brasileiro e quase nada se conhece de teatro

português. Vimos lá a «Barra» e a «Comuna», o que já não é mau. Mas vocês nunca cá viram espectáculos de teatro brasileiro, a não ser, há bastantes anos, a «Vida e Morte Severina». É incrível, porque existe um acordo cultural entre os dois países e nem ele é respeitado. O oceano é grande e sem subsídios, sem empenho dos Governos no intercâmbio, não é possível realizá-lo. Aliás, se você perguntar a um brasileiro minimamente conhecedor de literatura quem são os autores portugueses que ele conhece, terá de resposta que conhece talvez Camões, Fça de Queiroz, Camilo Castelo Branco — ou um pouco de cada um deles. Mesma coisa com a Televisão. Vocês compram enlatados brasileiros (a Televisão brasileira é concebida como a americana, predominam os enlatados). Porque não compra a TV Globo programas portugueses?



Alice de Castro

CRUZ DE PAU

(MARGEM SUL)

Perto do Liceu Paulo da Gama,
Lotes 27 e 28**3 e 4 assoalhadas**

Transportes à porta e vista para o Tejo

**CHALÉ PREDIAL**TRATAR TODOS OS DIAS
Das 10 às 19 h (incluindo sábados e domingos) no local
ou pelos Tel. 537889/530691**Município de Cascais
Câmara Municipal****ADITAMENTO
AO****«REGULAMENTO DOS CEMITÉRIOS MUNICI-
PAIS DE CASCAIS E DE ALCABIDECHÉ»****AVISO**

Esta Câmara Municipal, cumpridas as necessárias formalidades, põe em execução o aditamento dos parágrafos 3.º e 4.º ao art.º 23.º do regulamento acima indicado, o qual está patente ao público nos Paços do Concelho, nas sedes das Juntas de Freguesia, e noutros lugares de estilo.

Paços do Concelho de Cascais, 17 de Agosto de 1981.

O Presidente da Câmara,
(Dr. Carlos Alberto Rosa)**Caminhos de Ferro
Portugueses** Informação**BENFICA — PORTIMONENSE****SERVIÇO ESPECIAL PARA
O ESTÁDIO NACIONAL****DIA 30 DE AGOSTO DE 1981**

Partidas do Cais do Sodré das 13.39 h às 15.39 h

Partidas da Estação do Estádio Nacional desde o final do encontro

Os comboios n.ºs 2228, 2230 e 2232 que partem de Cascais respectivamente às 14.28, 14.58 e 15.28 têm paragem em Cruz Quebrada para desembarque de passageiros.

**Câmara Municipal
de Azambuja**

TELEFONE 42104

MOÇÃO

A Câmara Municipal de Azambuja, reunida em sessão ordinária de 14 de Agosto de 1981, ao tomar conhecimento que os Partidos de direita na Assembleia da Republica, pretendem rever institucionalmente a Lei Fundamental do País — A Constituição, procurando também assim e desta forma, retirar ao povo português e ao progresso do nosso País as liberdades conquistadas pelo movimento de capitães do glorioso «25 de Abril» e consagradas na Constituição — torna público o seu repúdio e indignação pelas ilegais medidas que se estão a preparar nas costas e contra o nosso Povo.

Assim e no sentido de defender e reforçar as conquistas do povo expressas na Constituição, a C. M. A. apela a todos os democratas e antifascistas que em unidade saibam dizer não, às criminosas leis, que os parlamentaristas de direita, procuram «fora da lei» introduzir no Portugal de Abril.

**APROVADA EM REUNIÃO DE 14 DE AGOSTO
DE 1981**O Presidente da Câmara,
Joaquim Narciso Correia**SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA
CÂMARA MUNICIPAL
DO BARREIRO****ADMITEM****2 PORTA-MIRAS DE 2.ª CLASSE**
FUNÇÕES:

- Auxiliar-topógrafo em trabalhos de campo e gabinete
- Habilitações literárias — 9.º ano de escolaridade (antigo 5.º ano do ensino secundário ou equivalente).

(Dá-se preferência a quem possuir experiência em topografia).

2 GUARDAS
EXIGE-SE:

- Escolaridade Obrigatória
- Boas Relações Humanas

— AJUDANTE DE MECÂNICO DE CONTADORES
EXIGE-SE:

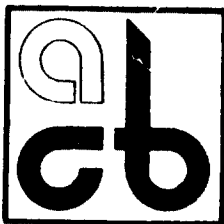
- Habilitações mínimas 6.º ano unificado
- Idade mínima 17 anos

— APRENDIZ DE MECÂNICO DE CONTADORES
EXIGE-SE:

- Habilitações mínimas 6.º ano unificado
- Idade 15 a 17 anos

Os pedidos de inscrição deverão dar entrada no Departamento de Pessoal dos Serviços Municipalizados até ao dia 11 de Setembro de 1981. As admissões serão feitas em regime de prestação de serviços, com possibilidade de ingresso no Quadro.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Barreiro, aos 12 de Agosto de 1981

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,
(Alfredo Rodrigues de Matos)**armazéns****CONDE BARÃO****SALDOS****descontos até 60%**

Estante c/bar e divã c/rodas	9 980\$00
Pano lençol terylene fant. 2,00	179\$50
Pano lençol terylene bran. 1,40	98\$00
Toalhas mesa (quadrilê) c/1,50	145\$00
Voiline nylon fant. c/2,00	139\$50
Biquinis/fatos banho senhora	498\$00
Colchões molas, desde	2 798\$00
Calções desportivos p/adulto	178\$00
Fatos de treino p/adulto	698\$00
Fatos de treino p/criança	498\$00

35.º ANIVERSÁRIO

Glauber Rocha: grande lírico, grande barroco

NO fim dos anos 50, sob o impulso de Nelson Pereira dos Santos, uma dúzia de jovens cineastas reuniram-se para tentar renovar o cinema brasileiro — então votado às comédias musicais, melodramas e filmes de aventuras — escamoteando a realidade social e política, os problemas do subdesenvolvimento. Influenciado à partida pelo neo-realismo italiano, este movimento, denominado «cinema novo» em breve se tornou o único a representar, pelos seus temas e a sua linguagem, um cinema autenticamente brasileiro, à margem do conformismo oficial.

Encontrou a independência económica na sociedade Difilme onde Luís Carlos Barreto reuniu todos os produtores independentes, entre os quais se encontravam realizadores que financiavam os seus próprios filmes. A Difilme assegurava também a distribuição. Por volta de 1962, o «cinema novo», mais ou menos tolerado pelo poder estabelecido, começou a encontrar no Brasil um público popular.

Dois anos mais tarde fazia uma entrada fulgurante no mercado europeu com a apresentação, no Festival de Cannes, de «Vidas Secas», de Nelson Pereira dos Santos e «Deus e o Diabo na terra do sol», de Glauber Rocha. A personalidade excepcional deste último garantiu então a audiência internacional do «cinema novo».

Nascido a 14 de Março de 1938, em Vitória-de-Conquista, no Estado da Bahia, Glauber Rocha estudou em Salvador onde desenvolveu, tal como no Rio de Janeiro, actividades jornalísticas. Escreve poemas que «põe em cena», realiza em 1958, uma curta metragem, «O pálio», depois dedica-se, de 1959 a 1961, à crítica cinematográfica. Publica em 1963 um importante ensaio, «Revisão Crítica do Cinema Brasileiro». Mas em 1961, rodou a primeira longa metragem, «Barravento».

Ao serviço da revolução

AO organizarem uma vigília, no sábado à tarde, no parque Lage do Rio de Janeiro ao acompanhá-lo à última morada no domingo de manhã, cantores, escritores, cineastas, actores, artistas brasileiros de todos os quadrantes estavam a prestar a Glauber Rocha a homenagem que mais profundamente o teria tocado: realizar uma espécie de união sagrada à volta daquele que simbolizara o amor louco pela pátria, o Brasil, e, para além do Brasil, pela América Latina, explorada a sangue e fogo.

Desde os anos 60 que Glauber Rocha integra uma geração de cineastas como Jean-Luc Godard, Jean-Marie Straub, o jovem Bernardo Bertolucci, que querem pôr o cinema ao serviço da revolução sem sacrificar o cinema nem a revolução. Apesar do golpe de Estado militar de 1964, que suprime as liberdades democráticas, Glauber Rocha e os seus amigos do cinema novo, conseguem manter um cinema independente e crítico. O endurecimento do regime a partir de 1969 vai tornar a situação insustentável para o realizador de «Terra em transe».

Ao escolher o exílio no começo dos anos 70, Glauber Rocha inicia uma travessia do deserto cujas consequências serão trágicas. Afastado do seu meio natural, refugiado na Europa, principalmente na Itália, experimenta um sentimento de isolamento crescente. A sua revolta intensifica-se mas ele recusa-se a ser o bobo da revolução em marcha. Uma estadia em Cuba não lhe chega para acalmar a sua inquietação. Ao primeiro sinal de abertura do regime, de indícios de regresso a uma ordem democrática, volta ao seu país. Estamos em 1976.

Atrai-se a esse filme monumental, «A Idade da Terra» que se estreou há precisamente um ano, no Festival de Veneza. O acolhimento reservado da imprensa internacional e, sobretudo da italiana, tem em Glauber Rocha o efeito de um duche frio.

em que, ao mostrar a vida miserável dos pescadores negros da região da Bahia, as suas lendas e as suas superstições, ultrapassa o real por um estilo lírico que canta o gosto da liberdade. Em 1964, a sua segunda longa metragem, «Deus e o Diabo na terra do sol», trazem-lhe a consagração.

Situado em 1940, no Sertão, região desértica do Nordeste brasileiro (assunto predilecto do «cinema novo» em geral), este filme relata a história de um vaqueiro que, depois de ter morto o patrão que o explorava, junta-se, com a mulher, aos discípulos de um falso profeta negro que anuncia a idade do ouro, depois, ao bando de um cangaceiro que faz justiça pela pilhagem e pela violência. Glauber Rocha faz reviver heróis míticos da cultura brasileira, apela à revolta, à mudança histórica, através de imagens fulgurantes e convulsivas, um barroquismo luxuriante que

exprime até ao horror, a tragédia de um povo arrebatado por quimeras, uma mística cega e sanguinária. Com Rocha, a exigência política do «cinema novo» cumpre-se num verdadeiro transe da encenação. «Terra em transe» (1967) é, do mesmo modo, um filme de agitação. Mas desta vez, através da situação de um Estado imaginário da América Latina, o Eldorado, Rocha foca as contradições económicas sociais, ideológicas do Brasil. Ele faz de um poeta que conduz sozinho um combate revolucionário, o revelador da corrupção generalizada, das oscilações entre a esquerda e a direita nas quais sobra uma democracia.

«Terra em transe» (prémio da crítica e prémio Luís Buñuel do Festival de Cannes de 1967) é uma espécie de ópera, com poemas à maneira de recitativos, cânticos, cores, música, uma obra de combate lírica e poética dominada pelo frenesim de

Deixou de ser o menino querido da crítica europeia. Alguns chegaram a criticá-lo por se ter passado para o lado dos carrascos. Mesmo no Brasil vive numa espécie de isolamento. A morte accidental da irmã, a comedianta Anecy Rocha, acentua nele esse sentimento de perseguição. Instala-se uma segunda vez na Europa, em Paris, depois em Portugal.

Surge um romance, «Riviera Sussurana» (1980), na tradição do seu compatriota Guimarães Rosa, depois, em 1981, uma obra de quase quinhentas páginas, «Revolução do Cinema Novo», de que os Cahiers do Cinema anunciam a tradução. Glauber Rocha lança-se ao trabalho no projecto de um filme, uma co-produção luso-brasileira. A calma volta, e a lucidez. Glauber Rocha parece entrar numa fase em que volta a pôr em questão os seus vinte anos de actividade cinematográfica, de afirmação de novos valores.

Visionário desde o seu segundo filme, «Deus e o diabo na terra do sol» (1964), foi-o mais do que nunca em «A idade da terra» (1980), apesar dos seus exageros de encenação e das suas tomadas de posição extremas a favor de uma espécie de tropicalismo cristão. Domingo de manhã, no Rio, depois do serviço protestante, a depois dos discursos, declamações, cânticos, que saudaram a sua obra e a sua memória, um desconhecido destacou-se da multidão para dizer que ele sonhou com a utopia brasileira, foi vítima da utopia, vítima dos tempos. «Foi o reflexo do tumulto brasileiro, a esponja do país», declara-nos uma personalidade brasileira refugiada em Paris. «Ele reflectiu as nossas contradições, o que temos de melhor e de pior».

Na vida quotidiana, ele era tanto o homem mais caloroso, como o mais incisivo, dotado de um humor feroz e de uma ternura comovedora. Para as gerações vindouras, ele será testemunho da necessidade de mudar o mundo.

Louis Marcorelles

imagens tumultuosas. Em 1968, «António das Mortes» (prémio de direcção no Festival de Cannes de 1969) é, simultaneamente, a sequência e a síntese das duas obras anteriores. A história do célebre mercenário matador de cangaceiros (que aparece em «Deus e o Diabo na terra do sol») inspira a Rocha um filme-ópera de cólera, sofrimento, esperança e liberdade, em que cada cena é levada à violência mais intensa, de choque emocional.

«O sonho e a esperança»

Apesar dos seus êxitos em Cannes, e a notoriedade que dá ao cinema brasileiro, o cineasta encontra-se em dificuldades com as autoridades do seu país. Para cúmulo, «António das Mortes» não cai nas graças do público brasileiro. Em 1970, Rocha filma no Congo — Brazzaville — «O lião de sete cabeças»

(co-produção franco-italiana) e, em Espanha, «Cabeças cortadas». No primeiro (realizado em planos-sequências que foram sketches e entremezes justapostos) ele grita a desgraça da colonização em África; no segundo (realizado também em planos-sequências) descreve, de modo demencial o comportamento de um tirano paranóico da América Latina. Estes filmes, que Rocha pode fazer com toda a liberdade, marcam uma ruptura voluntária com o período precedente. Ele explicou isso numa entrevista a Louis Marcorelles, aquando da sua estreia em Paris (A entrevista foi publicada na edição do Le Monde de 11 de Março de 1971).

«Os meus filmes brasileiros pertencem à época do sonho e da esperança de uma geração. São filmes cheios de entusiasmo, de fé, de agitação, inspirados por um grande amor ao Brasil. Depois de «António das Mortes».

apreciei-me de que era impossível continuar nessa via... Compreendi que para mim estava terminada a época em que eu representava o cavaleiro da esperança, o profeta de uma revolução falhada, a bandeira de uma geração em revolta... Em 1971, o cinema político transformou-se num comércio e, dentro desse comércio, eu estava prestes a converter-me em artigo de luxo. A moda do cinema político é, hoje, a posição mais cómoda para um autor cinematográfico. Decidi acabar com isso — a fim de continuar a ser livre de fazer filmes políticos, longe dessa moda internacional».

Como quer que seja... O lião das sete cabeças... Cabeças cortadas (admiráveis do ponto de vista plástico) desconcertam pela sua escrita metafórica dificilmente decifrável, a sua incoerência narrativa e o seu didactismo um tanto brechtiano. A crítica francesa, deserta em parte, e a exuberância de Rocha parecem fazê-lo cair na ratoeira do intelectualismo. Já não encontramos o imenso arrebatamento das epopeias, dos filmes-óperas dos anos 60. Depois segue-se um longo silêncio. Rocha, exilado, só voltará ao Brasil em 1976, com a relativa democratização permitida pelo regime político. Mas o «cinema novo» não é mais que uma recordação. O seu renascimento não despontará. Rocha começa o seu último filme «A idade da terra», concluído em 1980 e apresentado no festival de Veneza, filme visionário em que aborda progressivamente a realidade de um Brasil contemporâneo. A despeito de alguns erros que poderemos lamentar, Glauber Rocha permaneceu fiel à sua concepção de um cinema em nada devedor às categorias comuns e definidas do cinema da Europa e da América do Norte. Ele foi um poderoso inovador, um grande artista brasileiro na alma e na consciência.

Jacques Siclier

Gonzalo Olavide

Continuação da pág. IV

journ'hui», consagrando as leis do serialismo integral a que deveria subordinar-se a nova música. «Li o livro de Boulez» — diz Olavide — «e, sem contestar a sua importância, parece-me um tratado totalmente académico, um formulário, não para fazer música, mas para proceder segundo as receitas de Boulez. Ora, quando se trata de compor, não se pode decalcar dessa maneira o método de outrém. A composição é uma actividade dramaticamente infungível. Um compositor não pode percorrer os caminhos já percorridos por outro compositor. Os caminhos da composição são irreversíveis. Por isso, pode-se aprender, mas não se pode ensinar a compor. Bartók já o dizia...»

E já o dizia Schoenberg: cabe a cada um encontrar a sua própria liberdade (segundo as palavras que lhe atribui um dos seus discípulos, Hans Eisler).

O totalitarismo de Boulez

Schoenberg e as suas relações com Webern e Alban Berg: Olavide prefere não falar de uma trilogia: «Não foi uma trilogia, foi uma relação tremendamente humana — coisa que falta hoje na música, onde só existe a ideia de poder. Sob o

ponto de vista da linguagem, não se trata de trilogia. As séries da Lulu de Alban Berg, por exemplo, nada têm a ver com as séries schoenberguianas. Schoenberg, de facto, não «ensinou» nada a Webern e Berg: assinalou caminhos por percorrer».

O contraste com Boulez é flagrante:

«O totalitarismo de Boulez manifesta-se até na sua actividade de executante, de director de orquestra. Censurava o repertório que não correspondia à sua própria semântica composicional. Recusava-se a tocar certas obras (por exemplo o Chapéu de três bicos de Falla) ou vinha a fazê-lo só dez ou doze anos mais tarde. Um intérprete não pode permitir-se uma tal atitude. Quanto ao seu magistério de compositor, contraponho-lhe o dito de António Machado: **solo se hace camino al andar**».

Tendência para a uniformidade

Nesta busca de um caminho próprio não se podem ignorar os condicionamentos de meio ambiente, o contexto social ou de classe. Olavide insurge-se contra a tendência dos compositores contemporâneos que os leva a circunscreverem-se a um universo fechado.

«Há compositores que viram as

costas a tudo e caem num tipo de música que, para ser compreendida, carece de um **modo de usar**, como se se tratasse de um aparelho complicado. O público é então levado a consumir as notas explicativas quase como receitas culinárias. Aceita-as para não passar por ignorante ou tolo... Pela minha parte, considero inadmissível que a música do nosso tempo busque a complexidade pela complexidade e não a música pela música. A situação em que se encontra a música de hoje, inclusive a falta de incorporação no acto burguês por excelência que é o concerto (a que a música tanto de hoje como do passado está condenada) é mais de responsabilidade do autor que do público. Pois se até há compositores que integram as leis da termodinâmica (lei de Poisson, etc.) no processo composicional... Não digo que a música deva fechar-se num compartimento estanque, pelo contrário. Mas, o que me parece completamente gratuito é procurar ordenar o Universo sonoro à margem de leis estruturais próprias que lhe bastam a si mesmo».

Que leis são essas? Olavide esclarece: «São leis que não existem a priori como sistema e resultam, em grande parte, em cada obra, de uma obra anterior. Não se trata de inventar regras novas mas de estruturar

uma forma, assumindo o compositor a sua experiência pessoal».

Isto implica, por outro lado, a rejeição da uniformidade: «Uma das coisas que mais me molesta é a uniformidade, a impossibilidade de distinguir entre obras vindas de paragens tão distintas como Tóquio ou a América Latina. Tudo igual a Boulez... É lamentável».

Dramatismo e concisão

Olavide mostrou-se entusiasmado com a interpretação das suas obras **Quasi una cadenza** e **Élan** pelo Grupo de Câmara do Festival do Estoril, sob a direcção de Álvaro Salazar. Tratava-se de duas estreias — a primeira em Portugal, a segunda absoluta — que foram saudadas por prolongadas ovações do público. Decisivas para o êxito a capacidade técnica e a aplicação de maestro e executantes, que formam um conjunto de nível artístico elevadíssimo — em qualquer parte do mundo —, como foi dizer-se. De resto, o grupo sóram, a par de alguns bem conhecidos artistas portugueses, músicos estrangeiros que se reúnem já por tradição, anualmente, no Estoril: flauta, Carlos Franco; clarinete, António Saiote; oboé, Bruno Pizzamiglio; fagote, Newman Garrett; trompa, Adácio

Pestana; percussão, Carlos Voss e Juan-Pedro Ropero; piano, Armando Vidal; violino, Aníbal Lima; viola, Ana Bela Chaves; violoncelo, Maria José Falcão; contrabaixo, Alexandre Erlich-Oliva.

Ambas as obras se constroem segundo uma concepção essencialmente dramática do discurso sonoro, tanto mais dramática quanto conciso é o compositor, que, por assim dizer, **vai direito ao fim**, desembaraçando-se de tentações de prolixidade ou, por assim dizer, de narcisismo, tão frequentes noutros artistas da sua geração. Por outro lado, se ambas documentam uma mesma «démarche», cada uma afirma a sua individualidade própria, inconfundível.

Quasi una cadenza, de 1972, resolve-se numa cadência final (um **ostinato** que faz lembrar a atmosfera dos, mais recentes, «repetitivos» norte-americanos), mas que, como nota o autor, com eles não se confunde, pois o traço característico das músicas repetitivas é exactamente não se repetirem... cujo diatonismo funciona por contraste com o que precede: não se trata, porém, de um acontecimento estranho a todo o discurso anterior, mas do desenvolvimento de elementos que nele já estão lógicos e dele são extraídos com íntima dramatica. O próprio autor chama a atenção para

o facto de nas partes mais improvisadas — centrais — da obra, já se ouvir o final, rigorosamente determinado nas pautas do piano e da percussão.

Quanto a **Élan**, escrita especialmente para o Festival do Estoril, afirma o compositor tratar-se de uma obra muito pensada mas rapidamente passada ao papel. Considera-a de estrutura bastante clássica. Dos seus três andamentos, que se sucedem sem soluções de continuidade, o central é o mais interessante. Baseia-se em três séries independentes que, tratadas com uma «décalage» variável, ora aproximando-se, ora afastando-se, criam tensões intervalares que vão desde o cromatismo absoluto ao «diatonismo mais relaxante» (a expressão é do próprio Olavide). Também aqui é lícito falar de eficácia dramática do discurso. Nesta, como na anterior, é o dramatismo da concepção que rege a forma que inspira os próprios «materiais» sonoros que ela utiliza ou de que se forja a sua linguagem. E não será verdade que as obras mais penetrantes da história da música são precisamente aquelas em que se reconhece maior eficácia dramática?

Mário Vieira de Carvalho

Vamos modernizar os nossos jornais?

Publicamos hoje a segunda e última parte do artigo de Maribel Bahia, directora do Boletim da FIEJ, sobre a situação da Imprensa portuguesa. Como os nossos leitores estarão lembrados, a primeira parte deste texto, que divulgámos no último número de Sete Ponto Sete, abordava a «crise» da Imprensa portuguesa sob os pontos de vista histórico, das vendas e da formação dos jornalistas. A segunda parte, que segue, trata dos custos de produção, da publicidade e das formas de propriedade.

CS principais custos que os editores portugueses suportam são as cargas sociais, a distribuição e o papel de jornal.

● Apesar dos salários dos jornalistas portugueses serem dos mais baixos da Europa (o ordenado médio mensal de um jornalista profissional não excede os 500 dólares), as cargas sociais representam a principal despesa dos jornais portugueses, devido ao número relativamente elevado de efectivos.

● Sendo a venda por assinatura insignificante, a não ser no caso dos jornais regionais, e sendo os correios pouco fiáveis, apesar das tarifas preferenciais concedidas pelo Estado, a distribuição, que chega a representar 50 por cento do preço de venda por exemplar, é organizada separadamente por cada jornal. Foram feitos esforços, mas raramente frutuozos, para montar um sis-

tema de distribuição comum a vários jornais, substituindo a actual rede de revendedores que produz pelo menos 20 por cento de sobras.

● A importação do papel de jornal em Portugal (40 mil toneladas por ano) é exclusivamente feita através da Sodipel (na qual os escandinavos detêm 51 por cento dos capitais; a Portosel — uma empresa pública que facilita o pagamento aos editores — detém 45 por cento e particulares os restantes 4 por cento).

Os editores pagam relativamente caro, tendo em consideração o seu poder de compra e o facto de que o preço do papel está indexado ao dólar, e não ao escudo, um papel de qualidade média, que por vezes é recusado por outros editores europeus. Por outro lado, devido à falta de entrepostos, faz-se sentir um problema de stocks, por vezes sob forma de verdadeiras rupturas, como ainda recentemente aconteceu.



Raridade da publicidade

A situação desastrosa da Imprensa portuguesa em matéria de publicidade é caracterizada por:

— uma taxa de investimento publicitário que é a mais baixa de toda a Europa ocidental. O montante dos investimentos publicitários previstos para 1981 é de 60 milhões de dólares (20 para a televisão, 20 para os jornais diários, 20 para diversos) em 9 milhões de habitantes, ou seja, 7 dólares por ano e por habitante. Esta taxa caiu espectacularmente desde a nacionalização da banca e dos seguros em 1975. O mercado da publicidade dos automóveis, por exemplo, caiu cerca de 50 por cento.

— o desinteresse de anunciantes e do público pelos diários enquanto a publicidade aumenta na televisão em propor-

ções inquietantes. Em 1979, ela representava 7 milhões de dólares; em 1980, 15; este ano, como vimos, atingirá provavelmente os 20. Paralelamente a este fenómeno, os preços da publicidade na Imprensa escrita praticamente não sofreram alteração. É preciso notar que, se o preço dos jornais diários entre 1974 e 1981 foi multiplicado por seis, preços da publicidade nos mesmos jornais não chegou a subir para o dobro.

— o número excessivamente elevado de agências (cerca de 40), frequentemente inviáveis (o que é tanto mais perigoso quanto as dívidas correm a 90 dias do fim do mês de publicação) e para as quais as simpatias políticas são determinantes. Uma proposta governamental visando reprivatizar parcialmente o organismo de Estado que rege a publicidade na televisão está actualmente em estudo; 40 por cento ficariam para a TV e 60 por cento para os jornais diários.

Regresso ao privado

Nestas condições particularmente pouco favoráveis, os editores portugueses enfrentam não apenas as dificuldades conhecidas pelos seus outros colegas membros da FIEJ (reconversão tecnológica, concorrência da Rádio e da televisão, distribuição muito cara), mas também o problema colocado pelo desenvolvimento de uma Imprensa local e regional particularmente modesta devido à concentração das actividades económicas do País em Lisboa (40 por cento) e no Porto (25 por cento) e pela Imprensa estatizada.

Durante a missão de informação efectuada por representantes da FIEJ em Portugal, o presidente da Organização, Vink, recordou que a existência de empresas de Imprensa estatizadas, bem como a participação importante do Estado no capital dos jornais, não são modalidades compatíveis com o conceito de liberdade de Imprensa, e afirmou o princípio essencial da FIEJ segundo o qual a responsabilidade livremente assumida pelos editores de jornais é uma condição fundamental da democracia.

Porém, embora partilhem este ponto de vista e peçam a reprivatização de jornais que, no fim de contas, não foram deliberadamente nacionalizados, os editores portugueses reconhecem a dificuldade da tarefa: é impossível, nomeadamente, suprimir pura e simplesmente a Imprensa estatizada. Outras soluções devem ser encontradas, com o apoio do Estado. É preciso, antes de

mais, que o Governo se disponha a não tomar medidas que poderiam agravar o desequilíbrio actual, nomeadamente em matéria de liquidação dos passivos. Por outro lado, a Associação da Imprensa Diária reclama a igualdade de tratamento entre as empresas estatizadas e as privadas. Enfim, é indispensável que o Governo elabore uma política coerente em matéria de Informação. Só no quadro duma política global que vise criar as condições económicas que permitam deixar de recorrer ao Estado se poderá assegurar a liberdade da Informação através do «desenvolvimento» progressivo do Estado. A sanção financeira é, com efeito, indispensável para evitar a subvenção permanente à má gestão e permitir um regresso do conjunto da Imprensa à propriedade privada (seja esta Imprensa de facto privada ou comporte «nuances» jurídicas ou económicas diversas, a definir, tais como as sociedades de redactores ou as cooperativas de distribuição, a partilha dos meios de impressão, a fusão ou a reorganização dos jornais que se publicam actualmente). Neste processo, os editores portugueses têm um papel determinante a desempenhar, adaptando os seus jornais às necessidades locais, modernizando-os, lutando para manter o seu preço de venda ao público tão baixo quanto possível e esforçando-se por recuperar o atraso a que a Imprensa foi sujeita num País submetido a quarenta anos de obscurantismo e de censura.

Maribel Bahia

BANDA DESENHADA

Corto Maltese, as tensões e as ânsias do nosso tempo

INTRF o mar e o céu, surge um dia Corto Maltese, o último romântico deste século. Corre o ano de 1967, quando A Balada do Mar Salgado revela definitivamente esse genial criador italiano dos quadrinhos, Hugo Pratt de seu nome.

Corto, afirmaria o veneziano, e um pouco o que ele próprio gostaria de ser: assim surge a lenda de Hugo Maltese.

Hugo Pratt passou a sua infância na Abissínia e forjou a sua rica personalidade de desenhador durante quinze anos de trabalho na Argentina. Admirador da personalidade artística de Milton Caniff, envereda no início da sua carreira por essa escola típica do pós-guerra, em que se entrecruzam intensamente o fascínio das novas conquistas, o velho sabor da cavalaria, os perigos da selva e as armadilhas nas ruínas solitárias de portais sombrios.

Com o tempo, as condições de existência social ganham igualmente os «comics», como sucedeu, de resto, com os outros meios de comunicação de massa.

Corto Maltese, depois das explorações de «Sargento Kirk», «Ana da Selva», «Ernie Pike» ou «Junglemen», traduz a síntese dessa escola dos qua-

dradinhos que é levada a reflectir a consciência dos criadores perante a realidade social e política.

Ignácio Fontes escreveria que «Corto Maltese é um aventureiro socialista, ou quase» (El Globo).

Sem perfilhar esta excessiva identificação de cariz ideológico estrito, não poderemos, no entanto, deixar de reconhecer que Corto se distingue nas suas façanhas dos restantes heróis. Não derruba tiranias, não captura inumeráveis bandos de assassinos, não destrói organizações de tráfico de drogas, não desfaz conjuras internacionais.

«O heroísmo do indolente Corto Maltese», escreve ainda Ignácio Fontes, tem um certo sabor quotidiano: no tesouro escondido numa ilha, no amor de um amigo, nos conflitos obscuros entre potências coloniais, encontramos a «chave» do roteiro do aventureiro de Malta.

Marinheiro sem barco, deambula em ambientes tropicais e latino-americanos de suave beleza. As personagens secundárias são uma cuidada representação de tipos da região a que se referem ou de uma época cuja evolução se viu obstaculizada. Assim acontece com «Tiro Fixo», o cangaceiro, «Boca Dourada» ou «Morgana».



A qualidade de Corto Maltese, reside, afinal, na destreza com que o seu autor consegue converter uma história qualquer em narrativa apaixonante e consciente.

Dele disse Cláudio Bertieri, estudioso de Pratt:

«Corto Maltese, tão inquieto e inquietante, tão enigmático e fascinante, é, sem dúvida, a



personagem mais completa e complexa que nos deu até hoje o desenhador veneziano. Mas mérito não se reduz apenas em ter oferecido em cada encontro surpreendentes ocasiões de encanto e magia. O seu valor mais autêntico e original está em ter sabido calibrá-lo (como personagem) com exemplar equilíbrio.

«As qualidades de Corto Maltese», acrescenta Bertieri, são as das maiores criações de Pratt: o romantismo, o valor, o desencanto, a limpeza moral, o mistério. Mas nunca como neste

caso uma figura de papel evidenciou de tal modo o atento estudo psicológico e a medida exacta da sondagem introspectiva.

A este título, Corto Maltese não é um herói de aventura. Afirma-lo, sustenta Bertieri, significaria atraí-lo na sua essência:

«Corto Maltese, com o seu aparente afastamento, reflecte os vínculos, as tensões e as ânsias do nosso tempo. É um dos nossos e não é senhor de hábitos hoje esquecidos».

Carlos Pessoa